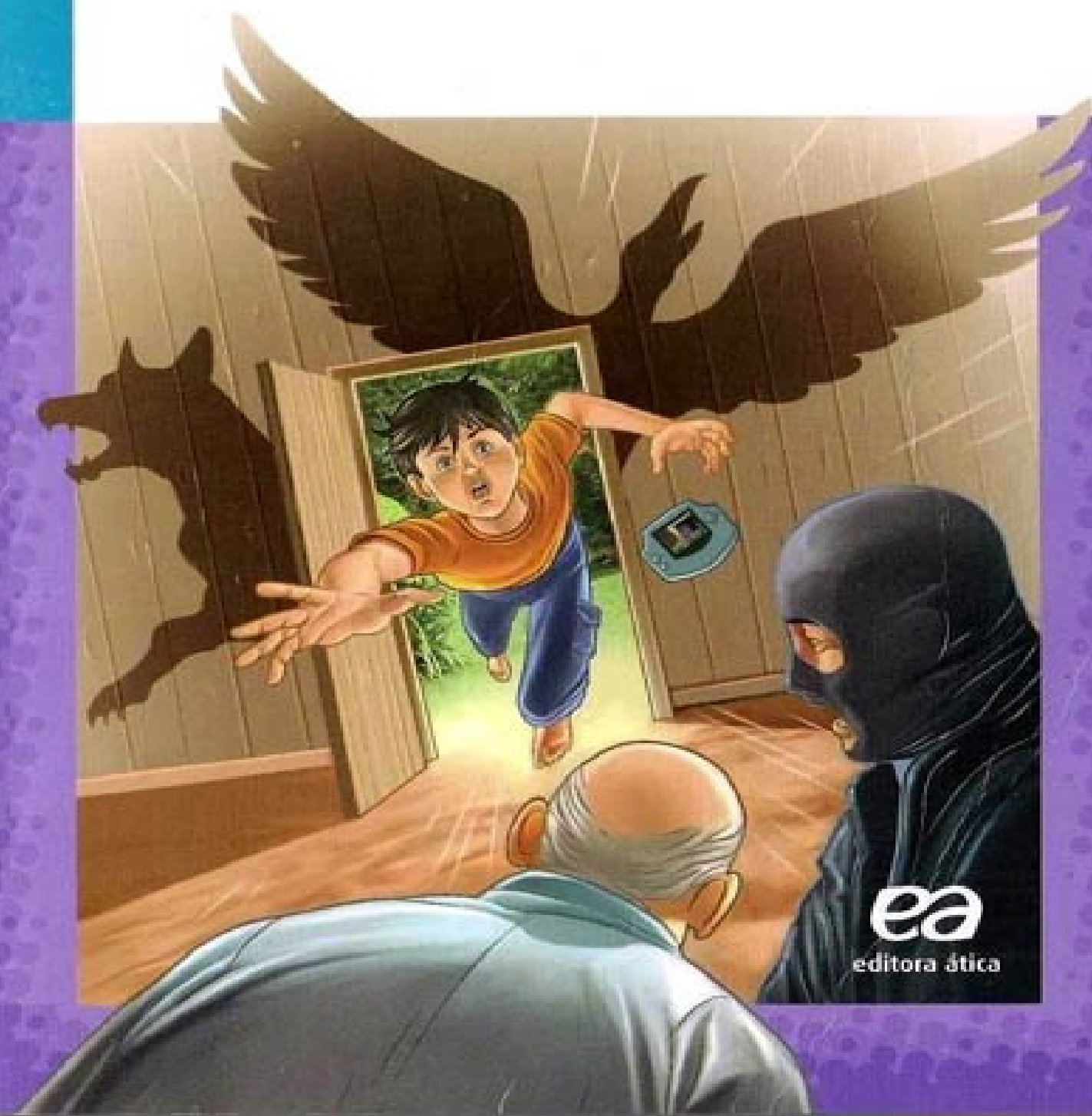


VAGA-LUME



Afonso Machado

O MESTRE DOS GAMES



ea

editora ática

Afonso Machado

O MESTRE DOS GAMES

Série Vaga-Lume

Informações técnicas

TEXTO

Conforme a nova ortografia da língua portuguesa

Editora-chefe: Claudia Morales

Editor: Fabricio Waltrick

Editor assistente: Emílio Satoshi Hamaya

Preparador: Agnaldo Holanda

Seção "Almanaque Vaga-Lume": Shirley Souza

Coordenadora de revisão: Ivany Picasso Batista

Revisoras: Alessandra Miranda de Sá e Luciene Lima

ARTE

Adaptação de projeto gráfico: Carlos Magno

Editor: Antonio Paulos

Diagramadora: Thatiana Kalaes

Editoração eletrônica: Carla Castilho | Estúdio

Foto do autor: Afonso Belarmino

Editora Ática, 1ª edição, 2011

Este e-book:

Digitalização e PDF:

The flash

Tratamento de imagens e ePUB:

SCS

Este e-book é fruto do trabalho de pessoas que se dispuseram a completar a digitalização de toda a série Vaga-Lume.

Favor não retirar os créditos de quem gastou tempo e dedicação para disponibilizar uma obra inédita.

Você pode até modificar a formatação, e adicionar seu crédito, mas não tire o nosso!

(a) The Flash & SCS

Contracapa



Depois que Cláudio Renato descobriu o mundo dos games de ação, até curtir as férias na chácara do querido avô passou a ser um tédio. Legal mesmo é ficar no próprio quarto mergulhado num jogo eletrizante, descobrindo golpes irados e batendo recordes.

Adrenalina maior ele vai sentir ao fugir de sequestradores de verdade e acabar perdido na mata. O avô ficou nas garras dos bandidos. O que fazer? É aí que algo fantástico acontece... Com a ajuda de seu videogame portátil, Cláudio Renato vai parar em outra dimensão, dentro de um jogo! Nesse mundo virtual, ele terá de aprender a passar de fases e marcar pontos. Mas como isso pode ajudá-lo a salvar o avô?

Descubra nessa aventura que mistura fantasia e investigação policial. Quer entrar nesse game?

Para dar start basta abrir o livro.

O Autor



Afonso Machado nasceu no interior de Minas Gerais, mas foi na capital paulista que passou parte da infância e toda a adolescência.

É autor de contos e romances para o público adulto. O mestre dos games é seu primeiro livro juvenil e foi escrito em Embu Guaçu (SP), onde vive atualmente.

O *game* da vida

O homem desce do carro para fechar o portão > do canto da tela aparecem três bandidos ninjas > um deles derruba o homem, que cai no chão e leva vários chutes > ele tenta se levantar e é derrubado de novo > mais chutes, sangue e gritos > o herói vê a cena e se aproxima > prepara-se para reagir e salvar o homem, que precisa de sua ajuda > os bandidos ninjas estão armados > cuidado! > um tiro é disparado contra o herói...

Apertar as teclas rapidamente, superar dificuldades, enfrentar o perigo, criar estratégias, surpreender o inimigo, não cometer nenhum vacilo, escolher a melhor forma de atacar, vencer o combate. Ah, os *games* de ação têm tanta emoção!

Mas, espera! A cena que se passa é real. Os bandidos são cruéis e a violência é brutal. O sangue é de verdade e os gritos são de dor. Está acontecendo na realidade. Um sequestro! E o homem que apanha dos bandidos é o meu avô, meu querido vovô!

É assim que Cláudio Renato, viciado no mundo virtual dos *games* de ação, sente a realidade cair em cima dele com toda a sua violência. Depois de varar mais uma noite jogando no seu *videogame* e tendo levantado de madrugada para sair com o avô, ainda não está completamente desperto, a cabeça nos jogos de ação, quando a fatalidade acontece. É preciso ser muito rápido, a bala vem em direção ao herói, e o herói é ele!

Esse é apenas o primeiro desafio que Cláudio Renato terá de enfrentar se quiser preservar a vida e salvar a do avô. Segure-se, porque vem muito mais ação e suspense nas próximas páginas.

Para seu Pedro.

1. Ninjas

O *videogame* de última geração, com controle sem fio, foi instalado no quartinho dos fundos, na televisão mais velha da chácara. Cláudio Renato gostava de se sentar no chão para jogar.

Depois, quando se levantava e olhava pela janela, a primeira coisa que via eram os dois tocos pintados de branco que serviam como traves. A chácara era grande, havia as árvores frutíferas que o avô plantara, além de outras tantas que, desde que o mundo é mundo, sempre estiveram por lá.

O quintal era meio inclinado, mas uma parte dele — do lado esquerdo de quem olhasse da janela — era plano, a grama baixinha, perfeita para Cláudio Renato dar seus chutes na bola oficial de couro que trouxera de casa. Porém, precisava dar os chutes bem calibrados, fortes e certos, senão a bola podia bater no viveiro dos pássaros, ou na casinha do Chupisco, ou subir muito e cair do outro lado, na chácara vizinha. Precisava dar o chute de um jeito que a bola passasse entre os tocos brancos marcando o gol. Mas, para Cláudio Renato, não bastava marcar o gol, era preciso fazer que a bola passasse entre os tocos com força suficiente para bater no muro e voltar até ele, para poder, assim, dar outro chute sem precisar buscá-la. Quando isso acontecia, quando marcava o gol e a bola voltava redondinha, bem no jeito para outro chute, só então é que ele dava um soco no ar comemorando.

Mais para o fundo do quintal, já bem próxima de um riacho que delimitava a chácara, ficava a árvore que ele achava a mais bonita de todas: a quaresmeira. Sempre no verão, quando ia passar as férias de fim de ano com o avô, a árvore resolvia dar seu *show* de delicadeza e graça, exibindo-se com cachos e mais cachos de flores roxas, brancas e azuis, que iam caindo sobre as placas de cimento, tingindo o chão, como se quisessem cobrir toda a terra com um tapete colorido.

O *videogame* caríssimo, o mais recente lançamento do mercado, ele ganhara do tio André, no Natal. Tio André também lhe dera, anos atrás, seu primeiro jogo eletrônico: um *videogame* portátil. Na época, acompanhado de um cartucho com o Jogo da Selva. Assim, toda vez que chegava uma encomenda pelo correio, Cláudio Renato percebia seus pais meio que torcerem o nariz para os presentes de tio André.

Também, pudera. Tio André era considerado o intelectual da família. Estudava Física nos Estados Unidos. Luci, mãe de Cláudio Renato, não se conformava com o fato de que, no lugar de livros, o irmão sempre presenteasse o filho dela com jogos eletrônicos, justificando que, além de possibilitar ao jovem vivenciar outras realidades, aquilo era um bom treino para os reflexos do sobrinho.

* * *

Do que Cláudio Renato mais se recorda nem é tanto do jogo em si, mas sim de seu avô entrando no quartinho dos fundos. O avô, com a voz abafada pelos sons metálicos do *videogame*, pedindo para ele parar; já estava jogando há bastante tempo, que estava se viciando, se iria passar as férias inteiras preso ali naquele quarto. Pedindo para ele, pelo menos, tirar os olhos da tela e prestar atenção no que estava dizendo. E quando Cláudio Renato realmente conseguia ouvir aquela voz que parecia vir das profundezas, dos labirintos escuros, dos abismos sem beiras e obstáculos sem fim, então compreendia

que era o avô chamando, propondo: "Que tal ir ao pesqueiro amanhã?". O garoto levantava os olhos, via de relance o quintal, a bola de couro encostada no muro e, no fundo, a quaresmeira. A monotonia repetitiva das flores caídas no chão... Tudo o que mais queria na vida (seu desejo secreto do momento) era que o avô saísse do quarto e o deixasse em paz para terminar o jogo. "Só mais esse, vô."



Então, tudo aconteceu assim. Foi tão rápido que parecia mais uma partida, tão veloz quanto cheia de surpresas.

Virar para o lado, decidir a direção, apertar rápido as teclas do controle, porque os maus elementos já estavam à espreita, prontos para atirar, sem dó.

Era preciso localizá-los. Antever de onde poderiam surgir, porque apareciam dos mais inesperados vãos, curvas, brechas de muro, trincas do chão, fendas secretas. Cláudio Renato em estado de alerta máximo. Vigilante até o último fio de cabelo. Jamais poderia ser surpreendido; jamais, para não perder a vida, sua última chance.

Do que se lembra — e depois teve de contar à polícia — é que estava escuro quando saiu com o avô. O dia não tinha amanhecido totalmente. Tampouco ele, ainda cheio de sono. Tinha ido dormir tarde aquela noite e quase teve de ser arrancado da cama pelo avô.

Era de madrugada. O avô queria chegar cedo ao pesqueiro e assim "pegar os peixes que acordavam com fome", brincou. Cláudio Renato sentia-se como se fosse seu *game* portátil carregando. A tela estática à espera de que se apertasse a tecla *start* para parar de bocejar, acabando de vez com a preguiça. Resolvera levar o *game* ao pesqueiro, meio escondido do avô, que, é óbvio, não iria concordar com a ideia. Ainda bem que o trouxera, pensou, pois o que teria para fazer enquanto esperava o peixe morder a isca?

De repente aconteceu, enquanto o avô descia do carro para fechar o portão da chácara.

Foi naquele exato momento que Cláudio Renato viu o primeiro deles, como se saísse do nada, da escuridão, de um desvão inexistente. Logo apareceu outro, em seguida mais outro. Encapuzados. Três ninjas! Gritando, mais xingando o avô do que falando. O que queriam? Cláudio Renato ali, assistindo a tudo de dentro do carro sem saber o que fazer. Ao mesmo tempo, desesperado, porque sentia que precisava fazer algo, rapidamente!

O ninja maior, com a arma na mão, deu ordens para que derrubassem o avô, que desabou no chão,

gemendo de dor. Começaram a chutá-lo enquanto o amarravam com um fio grosso, dando voltas e mais voltas em suas mãos, e Cláudio Renato no carro, olhando. Precisava fazer alguma coisa. O que, meu Deus? Tinha de ser já. Desespero mudo. Aflição medonha. Fazer o quê? Gritar por socorro? Socorro, socorro! Mãe? Mãe, socorro! Vô? Vovôoo...

Cláudio Renato compreendeu — assim como quem entra num beco sem saída — que fez justamente o que jamais deveria ter feito: chamar a atenção. Porque agora os três ninjas, juntos, olhavam para dentro do carro. Lembraram-se dele! Viraram-se para ele! Vinham em sua direção!

O jogo em suas mãos começou a tremer, a tremer tanto que as teclas faziam barulho. Mas ele precisava agir rápido, sem se precipitar, sem cometer nem um erro sequer, apertando as teclas certas o mais rápido que pudesse: para frente, para trás, *L*, *R*, juntas, quase ao mesmo tempo.

Para a esquerda, *A*; para a direita, *B*; para cima, *A*; para baixo, *B*!

Assim, quando Cláudio Renato deu por si, já estava fora do carro.

E se conseguisse contornar o carro? E se conseguisse se esconder embaixo dele?, pensou.

Agachado, por debaixo do carro, por um instante, era ele quem vigiava os ninjas. Cuidado. Os maus elementos espreitam...

Foi quando viu o avô, meio que gemendo, falando baixinho para que só ele escutasse:

— Fuja, fuja, fuja!

Mas não queria fugir. Não queria deixar o avô ali, sozinho. Não podia. Não podia deixá-lo com eles.

— Fuja, fuja, fuja!

Tarde demais. A mão, revestida com a luva preta, agarrou seu pé, puxando-o com força pelo tênis. Tinha de se livrar rápido! E se apertasse todas as teclas, pensou, todas ao mesmo tempo?! E se tivesse sorte... Cláudio Renato se concentrou no *game* e deu tudo de si, apertando e apertando as teclas tão rapidamente e com uma técnica tão precisa, como fazia quando tinha só o Jogo da Selva.



Viu, então, seu corpo girar com uma flexibilidade incrível. Viu se livrar daquela mão e, em seguida, começar a correr, a correr como um super-herói, mesmo com um dos pés descalço.

Agora corria, corria como nunca, numa velocidade incrível.

E quando ouviu atrás de si gritos para parar, seguidos do que parecia ter sido o som de um tiro,

sentiu como se estivesse correndo até à frente da bala.

Na tela, o mostrador registrava os pontos, seguidamente, a cada obstáculo ultrapassado. O primeiro que pulou foi um pneu; depois, o tronco de uma árvore; em seguida, um carro. Mais à frente pulou um muro. Depois outro, e assim foi pulando todos os muros que iam aparecendo no caminho, cada vez mais altos. Mais adiante, foram os telhados, os fios de alta-tensão, as copas das árvores...

* * *

Já não estava escuro. O acinzentado da manhã dando lugar a um verde-clarinho, verde da grama, verde dos campos. Voava a uma velocidade sem limites, como um foguete que se distancia da Terra.

O mundo lá de cima era tão bonito, calmo e sereno. Por que foi acontecer isso? Ainda mais com o vô! O que o vô fez de tão ruim para merecer que o chutassem daquele jeito, para que o xingassem e batessem nele, e o amarrassem sem dó?! Meu vô, meu vovô querido, que é tão legal comigo, com os cães, as árvores, os pássaros...

Cláudio Renato continuou correndo por um bom tempo. Os passos cada vez mais largos, os pés no ar, como num voo; um dos pés descalço. Dava o máximo de si, porque se sentia ainda perseguido, ouvindo em sua cabeça a voz sussurrante do avô: "Fuja, fuja, fuja!".

Foi tão longe que, muito tempo depois, quando parou ofegante, o sol já ia alto e havia cruzado todo o céu. E Cláudio Renato nem imaginava onde estava.

2. Intuição de mãe

Ele e o avô foram dados como desaparecidos.

Até então, pouco se sabia sobre eles. Única certeza que havia: em nenhum momento estiveram nos locais onde supostamente poderiam ter estado, e para os quais a mãe de Cláudio Renato telefonara insistentemente.

"Será que sofreram algum acidente?", ela se perguntava. "Será, meu Deus, que foram vítimas de ladrões, de sequestradores, de bandidos?"

Esse palpite infeliz ela sentia como intuição de mãe, ainda mais depois de tantos telefonemas que fizera para a chácara do pai ("atendam ao telefone, por favor, por favor, atendam!"). Para o pescueiro (pois se lembrava vagamente da última conversa telefônica que tivera com o filho e ele mencionara algo sobre o pescueiro). Também, os cinco ou seis telefonemas para a chácara vizinha, a de seu Olavo (por sorte, o pai informara o número para o caso de alguma emergência). E o vizinho a responder, uma vez mais, que não havia ninguém na chácara. Que, desde cedo, não vira ninguém por lá.

— Como calma, André? Como posso ficar calma numa situação dessas? — lastimava-se a mãe de Cláudio Renato, já angustiada, num telefonema internacional para o irmão.

— Existem tantos pescueiros na região, Luci. Vai ver, o pai escolheu justamente um a que nunca havia ido antes.

— Mas, André, escute, já liguei para todos os pescueiros que aparecem na lista!

— Luci, calma. Você conhece o pai. Ele pode ter ido a um pescueiro que não tem telefone. O certo é esperar. Quer fazer uma aposta? Logo, logo eles vão aparecer de barriga cheia, dizendo que foram jantar, naquele tal Rancho do Zico, os enormes peixes que pescaram. Ainda por cima, vão contar mentiras de pescador. Quer apostar?

Se o pai de Cláudio Renato não estava preocupado com o filho (apesar dos apelos de Luci, nem ao menos concordou em deixar o escritório para juntos rumarem imediatamente para a chácara), por que então o tio que morava longe, nos Estados Unidos, iria se preocupar?

Mas nada neste mundo é capaz de apaziguar o coração aflito de mãe quando ignora o paradeiro de um filho, se tem o pressentimento de que alguma coisa ruim aconteceu.

Assim que terminou o telefonema para André, Luci, por um instante, tentou se controlar. Interrompeu no meio a discagem para a chácara vizinha à do pai, recolocou o fone no gancho, sentou-se na cadeira da cozinha e respirou fundo. Foi até a pia e preparou um copo d'água com açúcar. Depois, subiu até o quarto do filho. Pôs a escada diante do armário que ia até o teto e começou a procurar ali, na parte de cima, o álbum, o álbum com a foto. A foto do filho na chácara, sentado sob a sombra de uma árvore florida, abraçado com o avô.

Luci lembrava-se especialmente dessa foto. Ela a tirara no aniversário de setenta anos do pai. Era de admirar como ele se recuperara bem da morte da esposa, apesar de terem vivido juntos quase meio século. Luci e André, por alguma razão, achavam que seria muito difícil para o pai manter o humor, o jeito brincalhão e meio irresponsável de levar a vida, porque, para isso, servia-se do apoio da companheira de tantos anos. Mas bastaram poucos meses para se adaptar à nova vida de viúvo. E lá

estava ele, posando para a foto com o seu sorriso largo e generoso, que nem mesmo o bigode farto e agora todo branco, que usava desde os tempos de rapaz, conseguia esconder. Para se recuperar por inteiro, ele se apegara muito ao neto, sobre isso não havia dúvida.

Luci precisava encontrar a foto. Uma saudade inexplicável e quem sabe precipitada, de antes da hora, começava a invadir seu coração, apesar de ter visto o filho no último fim de semana e falado por telefone com ele há menos de dois dias. Precisava rever o brilho de seus olhos, olhos de quem mira o horizonte. Rever suas bochechas rosadas, a cara cheia, o cabelo negro e sempre despenteado, que, por mais que brigassem, ele não penteava; era uma luta em vão. Como era em vão insistir para que fizesse exercícios físicos, para que jogasse mais futebol, em vez de só jogar *videogame* no quarto.

Luci sentia também saudades do pai. A mão dele sobre o ombro de Cláudio Renato, ambos bem juntinhos para a pose, os dois que se julgavam, acima de tudo, companheiros de aventuras. Mais do que companheiros, amigos de verdade, confidentes. Impossível esquecer o sorriso do avô ao receber o neto na chácara. E juntos, sem perder um só minuto, percorrerem o quintal: o avô apontando para a árvore que haviam plantado e mostrando o tanto que crescera. O arbusto onde uma sabiá construía o ninho no emaranhado dos galhos secos. No viveiro, outro ninho, com três ovinhos salpicados de manchas. O avô explicando: eram de tico-tico, os ovinhos da sabiá eram diferentes; logo ele poderia compará-los. De súbito, um bando de canarinhos voando do chão, quase a envolvê-los, e indo pousar na quaresmeira.

Assim, os anos foram passando. Cláudio Renato crescendo e se desinteressando naturalmente pela chácara. Chegou o tempo em que já não admirava tanto as flores, nem mesmo os pássaros, e não se importava quando descobria um formigueiro que parecia pedir, como antigamente, para ser desmantelado sem dó com a ponta de uma vara. Se antes ele queria ir todos os fins de semana para a chácara, agora passava meses sem ir lá. Restavam as férias; porém, ir para ficar, só mesmo nas férias de verão, ainda assim meio a contragosto. Tanto que, dessa última vez, impôs uma condição: só iria se pudesse levar o *videogame* que ganhara no Natal.

O avô concordou, é claro. Para ter o neto ao seu lado, faria tudo que pudesse, até mesmo pedir ao técnico em eletrônica que consertasse a TV do quartinho dos fundos para o neto instalar ali o aparelho. Tentou inclusive aprender a jogar aquele jogo. Mas não conseguia ter a agilidade necessária, e muito menos os reflexos exigidos para disputar uma partida digna. Além de que se sentia meio enjoado com a rápida sucessão de imagens, o som repetitivo e estridente, e acabava achando aquilo uma tremenda perda de tempo. Tudo bem que o neto jogasse, digamos, por algumas horas; mas passar o dia todo de umas férias plenas de sol jogando *videogame* no quarto era demais. Por isso, insistiu para que fosse com ele ao pesqueiro.

* * *

Quando Luci e o pai de Cláudio Renato chegavam do trabalho e encontravam o filho jogando *videogame*, ainda de uniforme e sem nem ter feito a lição, gritavam com ele, exigindo que desligasse aquela droga de jogo e fosse tomar banho, para jantar. Cláudio Renato respondia do banheiro, com o chuveiro ligado, que eles também eram viciados em televisão. Que eles não perdiam um dia, um só dia, da novela. A casa então se transformava num verdadeiro campo de guerra, que terminava com o pai esmurrando a porta do banheiro, exigindo que Cláudio Renato desligasse o chuveiro e fosse direto para a cama.

No outro dia, a cena a se repetir: o *videogame* no quarto, os pais na sala diante da TV, e tiro para todos os lados da casa.

Nos fins de semana, não era diferente: não havia argumento suficientemente forte capaz de convencer o filho a trocar o *videogame* nem mesmo pelo futebol, de que antes ele gostava tanto.

Quando chegaram as férias de fim de ano, os pais praticamente o obrigaram a passar uns dias com o avô. Foi quando Cláudio Renato impôs a condição de levar o *videogame*.

— Seu avô não vai gostar de ver esse jogo instalado na televisão dele. Se eu fosse você, levava o *videogame* portátil.

— Não jogo com ele faz tempo, pai.

— Cabe no bolso. Não precisa amolar seu avô para instalar o outro na...

— Não tenho mais as pilhas.

— Eu compro pilhas novas.

— Então, eu levo os dois!

O pai, por fim, teve de concordar, mas desde que o filho também levasse a bola de futebol.

* * *

Agora, enquanto procurava a foto do filho com o avô, folheando um e outro álbum, como Luci desejou que Cláudio Renato estivesse no quarto, ao lado dela, jogando *videogame*. Simplesmente jogando *videogame*.

Chegou mesmo a imaginá-lo ali. Que vivacidade! Como era belo quando estava totalmente concentrado. Que disposição para se dar por inteiro ao jogo. Que destreza! O filho levava jeito para tudo. Tudo que fazia, fazia bem-feito. De quem herdara essa capacidade de concentração? Que imagem bonita a do filho; o jeito próprio de movimentar as mãos, os dedos, de levantar os olhos para a tela, vez ou outra mordendo um dos lábios, sorrindo, vibrando e até... gritando um palavrão!

Como gostaria que tudo voltasse ao normal, voltasse ao que era antes. Foi quando Luci sentiu uma ponta de arrependimento por implicar tanto com o filho por causa de um simples *videogame*.

Anoitecera. O pai de Cláudio Renato deveria estar chegando do escritório. Mas Luci não sentia a mínima vontade de ligar a TV para assistirem juntos à novela.

Precisava encontrar a foto. Não era só por capricho ou por saudade que precisava encontrá-la, mas, principalmente, porque havia tomado uma decisão: assim que o marido chegasse, iriam levar a foto à polícia.

3. Chão frio de terra batida

A maior preocupação de seu Vito, apesar do estado lastimável em que se encontrava (o capuz enfiado no rosto, jogado no chão, num barraco escuro de terra batida), não era tanto com ele, nem mesmo com as dores que sentia por todo o corpo. Nem se importava com isso, e sim com o neto.

Uma cena se reprisava milhões de vezes em sua cabeça, sem que conseguisse parar de pensar nela: o momento exato em que Cláudio Renato conseguiu se desvencilhar dos bandidos e acabou fugindo, correndo em disparada para dentro da mata.

Minutos depois, quando dois dos bandidos voltaram da perseguição, ambos arfando de cansaço, ouviu um deles dizer: "O que era pra ser feito foi feito. Vamos logo embora daqui!". Uma dúvida cruel foi tomando conta de seu Vito a ponto de abarcar tudo: será que o tiro que ouvira, assim que os bandidos gritaram para Renato parar... Será? Não! Não podia ser, preferia acreditar que não. Seu neto era o garoto mais esperto do mundo.

Uma doce lembrança veio então em seu socorro, aliviando um pouco a sensação de frio que sentia nas costas, como se milhões de agulhas a estivessem perfurando: a primeira vez em que Cláudio Renato subiu numa bicicleta. Como esquecer?

O presente chegou embalado numa grande caixa de papelão. Cláudio Renato acompanhou de perto o avô na montagem da bicicleta, peça por peça, e quando só faltava fixar as hastes com as rodinhas sobressalentes, uma de cada lado da roda de trás, o neto não deixou. Disse que não, não era preciso, não queria aquelas rodinhas de jeito nenhum. Teimou dizendo que não precisava delas para se equilibrar. "Você é corajoso, hein, Renato!" E bastou um empurrãozinho do avô para que saísse pedalando.

Porém, logo em seguida, a alegria de todos foi se transformando em pânico iminente ao verem Cláudio Renato virar para a direita e, assim, pegar o descidão. Luci fez o sinal da cruz, apavorada. O pai gritou e saiu correndo atrás, mas o filho já estava longe, descendo a rua embalado. E, quando todos esperavam pelo pior — que rapidamente se aproximava, tomando a forma branca, alta e dura do muro do condomínio —, Cláudio Renato simplesmente soube frear a bicicleta, fazer a curva com uma perfeição de ciclista profissional e subir a rampa de volta. Estampava tal sorriso de felicidade no rosto que, como uma foto, ficou para sempre gravado na memória de seu Vito.

A mesma habilidade o neto já demonstrara nos chutes a gol, pondo até um efeito especial na bola. Mas habilidade mesmo demonstrou quando o pai instalou pela primeira vez um computador na casa. Cláudio Renato lidava com tamanha facilidade com a máquina que todos concordaram que se desenhava ali uma futura profissão. E na escola, então? Por mais que a mãe exigisse que estudasse, o pouco tempo que passava com as apostilas era suficiente para transformá-lo em um dos melhores alunos da classe. Para seu Vito, o neto, com certeza, era um dos sujeitinhos mais espertos que conhecia.

* * *

Naquela manhã fria, quando os bandidos voltaram da perseguição, logo após a fuga espetacular de Cláudio Renato, seu Vito optou por ficar bem quieto onde estava. Imaginava que, assim, talvez pudesse

ser esquecido ali, largado no chão feito um pacote. Fingiu-se de desmaiado, de morto, de pedra. Porém, foi impossível não se abalar quando ouviu um deles dizer que o que era pra ser feito havia sido feito.



Seu Vito, naquele instante, prendeu a respiração. Se pudesse, ele se transformaria em pedra e até pediu a Deus por isso. Havia a esperança absurda, improvável, de que os bandidos fossem embora, que levassem o carro e fim. Era um velho imprestável, eles o amarraram, haviam batido nele, já estavam com o carro. O que poderiam querer mais? Evitava pensar em ser levado não sabia para onde nem para quê. Não! Não iria a lugar nenhum. Ah, não iria mesmo, sem antes saber do neto. Com a ajuda de Deus, os dois iriam terminar o dia no pesqueiro, seu Vito chegou a pensar. Como se tudo aquilo pelo que estavam passando se resumisse a um horrendo pesadelo do qual despertariam juntos.

Foi então que a voz que se fazia ouvir mais forte do que todas ordenou o que jamais gostaria de ter ouvido:

— Pega o velho, enfia o capuz nele e joga no carro.

Seu Vito se fingiu mais ainda de morto.

— Velho desgraçado, levanta, levanta logo daí!

Sentiu mais um chute nas costas. Continuaram a chutá-lo, e já não sentia mais as costas, nem as pernas, nada. Tentou se levantar. Mas como? Não conseguia.

— Por favor, por favor, não façam isso. Tenham piedade. Pelo sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo! — implorou seu Vito.

Um dos bandidos o pegou pelos braços, o outro pelas pernas, e o jogaram no porta-malas. Quando bateram a porta, usaram tamanha força e o barulho foi tanto que o deslocamento do ar deixou seu Vito surdo e desacordado por um bom tempo.

Talvez tenha desmaiado, quem sabe de dor. Porque, quando voltou a si, demorou para compreender a causa de tantos solavancos que o moíam por dentro. Quando foi percebendo aquela escuridão e identificando o som rouco do motor, pensou que só lhe restava manter a calma e rezar. Rezar, rezar e rezar. Mas como manter a calma na situação em que estava?

Aqueles homens eram o pior que poderia existir da espécie humana, pensou. Não, não eram seres humanos. Eram animais, mas animais sem alma, sem coração. Que espécie medonha era aquela? Para que tanta maldade? Por que todo esse mal, meu Deus, por quê?

Seu Vito sentiu medo, muito medo. Nunca sentira tanto medo na vida. Medo de o homem, iguala ele, ser capaz de praticar o mal pelo mal. E ter essa comprovação por meio dele, do neto. Foi quando seu Vito começou a duvidar se o neto realmente havia conseguido fugir. Eram tão cruéis e selvagens, tão monstruosos, que na certa deram um tiro no menino pelas costas! Ao pensar nisso, o choro irrompeu sem que ele conseguisse se controlar. Chorou como uma criancinha chora. Chorou como havia muitos anos não chorava

Um choro sentido, de medo e desespero, de angústia, raiva e ódio. Chorou de saudade e desesperança. Chorou como se o que haviam feito com o neto tivesse sido por culpa sua.

Um movimento brusco do carro e seu corpo parou de sacolejar. Era como se o corpo já não lhe pertencesse. Quanto tempo durara aquela viagem dos infernos? Vinte minutos, uma hora, um dia? Mais? Assim que abrissem o porta-malas, não deixaria que os bandidos percebessem que estava chorando.

* * *

Pelo frescor e cheiros acres que aspirou como alimento sagrado, apesar de não enxergar nada, era fácil concluir que estavam num local ermo, de muitas árvores. Mas não conseguia ouvir nada além do vento fustigando galhos. Nenhum pássaro companheiro cujo canto pudesse identificar.

Foi jogado no chão. Talvez numa cabana no meio do mato ou numa construção inacabada, pensou. Sentia as suas costas na parede de tábuas, sentia o chão frio de terra batida. Umidade e trevas. Sem que ainda desamarrassem suas mãos ou ao menos lhe tirassem o capuz, ouviu a voz mais forte gritar, dirigindo-se a ele:

— Velho desgraçado. Vê se não vai morrer aí!

Depois, ouviu o som de uma porta se fechando. Corrente de ferro, cadeado, escuridão. Seu Vito adormeceu no canto duro e frio onde o jogaram. Sem conseguir parar de pensar se o tiro...

4. O mundo numa tela

Por onde anda Cláudio Renato?

Talvez esteja em pânico, chorando, amedrontado. Seguindo sem rumo por uma trilha deserta, indo cada vez mais para dentro da mata.

Quem sabe, depois de ter passado por uma carcaça de carro queimado, jogada no mato, esteja parado diante de uma encruzilhada... Norte, Sul, Leste, Oeste.

Aflito, talvez conclua que tanto um lado como outro o levará cada vez mais longe do avô.

Ou, ainda, já percebeu que realmente não mais o seguiam e o tiro não o atingira, porque continuava vivo: sim, vivo! Mais vivo do que nunca: apalpou novamente o corpo; tudo estava em seu lugar. E, diminuindo a velocidade, quase andando, respirando aos trancos, tamanho o esforço, sentindo câibra nas pernas, o pé descalço em carne viva, intuiu, assim como os gatos, os cachorros e os pombos-correios intuem, o caminho de volta. O caminho que o levaria para a chácara. Repentinamente, lembrou-se do avô em perigo. Correu de volta porque não podia perder nenhum segundo. Fez um esforço ainda maior para vencer o cansaço. Tanto correu que chegou a tempo de espreitar de longe os bandidos, exatamente quando colocavam o avô no porta-malas do carro. E, sem que se deixasse ver, esgueirando-se por entre as árvores do bosque, pôs-se a segui-los como um detetive. Precisava descobrir para onde estariam levando o avô. O que iriam fazer com ele. Precisava de todo jeito seguir aquele carro para salvar o avô.

É possível também que Cláudio Renato ainda tenha nas mãos o *game* portátil. Sendo assim, é como se visse a si próprio numa tela. Como se o mundo inteiro coubesse nessa tela. Como se estivesse num filme contracenando consigo mesmo e com todas as coisas que existem ao redor, projetadas nessa tela, tal como são na vida real; os mesmos tamanhos, cores e sons. Ele ali, vendo sua própria imagem interagir com o mundo. Aos poucos, começando a perceber que o que está fazendo nada mais é do que jogar um jogo. Um jogo no qual está inserido, em carne e osso. Que começou no portão em frente à chácara, prosseguiu com a fuga e, naquele momento, está em *stand-by*.

A fase anterior do jogo, a da fuga e correria, Cláudio Renato vencera. Sim, vencera muito bem! Fizera mais de mil pontos, o mostrador no canto registrava:

FASE	PONTOS
1/7	1.118

Jogando como jogara, concluiu, o tiro jamais o atingiria. Jamais aqueles ninjas iriam alcançá-lo.

Mas, agora, está para começar uma nova fase.

Cláudio Renato se vê, então, caminhando a passos rápidos numa trilha no meio da floresta, depois de ter passado por um carro queimado. Para, de repente. À sua frente, uma encruzilhada. Está atento, o olhar percorre tudo ao redor, capta todos os pontos da tela, porque não pode deixar escapar nada. A qualquer momento — de uma curva no caminho, do alto da copa de uma árvore, de dentro de um arbusto, de um buraco no chão, de um beco, do nada — poderá surgir algo que o surpreenda. E ele não pode ser surpreendido, de maneira nenhuma! Não pode perder a vida; precisa passar até a última fase para salvar o avô.

Há muito, Cláudio Renato perdera o carro de vista. Porém, assim como conseguiu vencer a primeira fase, também irá vencer a segunda — ele próprio se encoraja — e encontrará novamente o carro e o avô. Pensando assim, sente-se mais confiante. Só é preciso jogar o jogo como se deve, sem cometer erros.

É quando Cláudio Renato, parado diante da encruzilhada, decide por apertar várias teclas ao mesmo tempo. A sua agilidade em apertá-las é tamanha que faz que comece a se ver dando passos rápidos em direção à encruzilhada. Norte, Sul, Leste, Oeste. Sua intuição diz para seguir à esquerda. Talvez o carro tenha ido por esse lado. Seus passos começam a ganhar ritmo, a ganhar velocidade, a marcar pontos. O mostrador, no canto, está pulsando:

FASE	PONTOS
2/7	2.080

Então, subitamente, Cláudio Renato depara com uma nova paisagem. Irreconhecível! Na tela, em torno dele, outro cenário, que contém todas as cores do arco-íris. Algo como nunca havia visto antes, nem mesmo no cinema. Como se passasse para uma nova dimensão no espaço. Um mundo estranho, secreto, diferente...



5. A foto

E os pais de Cláudio Renato, como estão?

Se a TV estivesse ligada, estaria passando a novela das oito.

O pai chega do trabalho. Para o carro em frente ao portão de casa, o motor continua funcionando.

Mal começa a abrir o portão, Luci corre até ele e exige, implora, ordena que volte para o carro e siga imediatamente para a chácara.

O dia todo ela teve um mau pressentimento, explica. Passara o dia ao telefone. Estava achando muito esquisito aquele silêncio, aquela falta de notícia, e não iria sossegar até que visse o filho e seu pai.

Leandro, então, manobra lentamente o carro. Atende, meio a contragosto, a insistência de Luci. Tenta ainda persuadi-la a mudar de ideia. Diz ter sérias dúvidas sobre se percorrer mais de cem quilômetros àquela hora da noite — ele cansado, sem ao menos ter jantado — é o certo a fazer. Se, antes de seguirem para a chácara, não seria mais sensato localizar alguém por lá, algum telefone, de um vizinho, por exemplo. Alguém, enfim, que pudesse dar alguma informação.

— Eu já liguei, Leandro. Fiz mais de cinco ligações para seu Olavo, que mora na chácara vizinha à de papai. E desde cedo ele vem dizendo que a casa está fechada e não tem ninguém.

Leandro, pela primeira vez então, sente um arrepio percorrer seu corpo. Está começando a aceitar a ideia de ter de dirigir até a chácara, àquela hora. Está começando a se preocupar com o filho.

Durante o dia, quando Luci telefonara para o escritório, ele não vira nenhum motivo para preocupação. Afinal, o sogro podia ter decidido passar o dia fora. Como era um velho que se dizia dono do próprio nariz — vivia se vangloriando da sua liberdade, repetindo que se orgulhava de não ter rabo preso com ninguém por qual motivo então alguém assim haveria de avisar a família toda vez que pretendesse dar uma escapadela? Seu Vito não era homem de dar satisfação do que fazia ou deixava de fazer.

Agora, porém, talvez porque Leandro sentisse um pouco da aflição que Luci sentia (sentada no banco ao lado, esfregando ansiosa as mãos, o olhar triste e fixo para a frente, em direção à escuridão do asfalto), ele percebe que já está pensando no que vinha evitando pensar desde o primeiro telefonema de Luci para o escritório: havia sim motivos para preocupação.

As notícias, ultimamente, só tratavam de violência. Crime, assalto, sequestro, assassinato, um atrás do outro. Um colega de trabalho que morava num desses prédios ditos de segurança máxima, com vigias, portões eletrônicos, cercas eletrificadas, sistemas de alarme etc., apesar de tudo isso teve o apartamento assaltado. Três apartamentos do andar foram assaltados naquela noite. Disseram que o bandido, como se fosse um homem-aranha, entrara nos apartamentos pela varanda, escalando mais de oito andares do prédio!

Tudo bem, a vida estava dura, muito dura, cada vez mais gente passando necessidade, refletiu Leandro. Mas vida dura não deveria ser desculpa para atos de violência. Emprego quase não havia. Leandro sentia o coração apertar toda vez que uma enorme fila de desempregados se formava na portaria da fábrica onde trabalhava. Todos ali espremidos desde a madrugada. Homens, mulheres, jovens, idosos e até crianças, em disputa das poucas vagas oferecidas para ganhar uma migalha de salário. E, a cada dia,

mais gente precisando de trabalho. A cada vez que se anunciavam vagas, a fila era maior.

Logo depois que Cláudio Renato nasceu, ele e Luci juntaram o que tinham e o que não tinham e conseguiram comprar a casa em que moravam. Era então um bairro tranquilo e arborizado, com boas perspectivas de valorização. Para chegar em casa, ele passava por campos de futebol ao lado de uma avenida. Jogara bola nesses campos, aos domingos, num time formado pelo pessoal da vizinhança. Cláudio Renato era pequeno e gostava de acompanhar o pai nessas ocasiões. Seus primeiros chutes numa bola foram dados num desses campos de várzea. Hoje, eles já não existem. No lugar dos campos, uma favela. Milhares de pessoas morando em pequenos quadrados feitos de tijolos vermelhos, cobertos com laje, como uma caixa. Barracos de madeira, tapumes, compensados. Lonas de plástico preto. Chapas de zinco e papelão. Muitos dormindo no chão, embaixo do viaduto. O bairro já não era tranquilo. Um homem havia sido esfaqueado na esquina, a poucos metros da casa. Diziam que ali, onde jogara bola e Cláudio Renato correria com outras crianças, era agora uma boca de fumo.

Leandro não se lembra de ter tido nem uma vez sequer medo de assalto, quando garoto. Era livre para correr pelos terrenos baldios, andar de bicicleta e jogar bola nos campinhos, até a noite. Os tempos eram outros, é claro. Mas hoje... Que mundo era aquele que ele e os outros pais estavam deixando para os filhos?

Nos fins de tarde — quando sua volta do trabalho coincidia com o horário da saída das escolas —, ao passar pela avenida ao lado da favela, as crianças, alegres, espertas, corriam desordenadas, como se esquecessem da própria condição ou não se importassem. Leandro as olhava com um misto de compaixão e culpa. Ainda mais sabendo que muitas ali dividiam o barraco, amontoadas no chão para dormir, com vários membros da família. Algumas iriam comer só no dia seguinte, só a merenda escolar. A maioria nem tomaria banho, muito menos receberia um beijo de boa-noite dos pais. Leandro se perguntava se a condição precária de vida dessas crianças, a maioria com os pais sem emprego, sem instrução, sem conseguir nem sequer um meio de sustentar a família, se isso não era um outro tipo de violência, uma violência velada, que tinha lá os seus responsáveis.

Leandro pensou na humilhação que sentia um pai que não tinha trabalho. O olhar humilhado desse pai. Igual ao olhar humilhado que percebia nas pessoas na fila, diante do portão da fábrica onde trabalhava.

* * *

O carro deixou o asfalto e seguia agora pela estrada de terra que dava acesso à chácara. Até ali, uma viagem tensa, silenciosa e solitária. Cada qual com seus questionamentos. A mãe, aflita. O pai, já sem conseguir acalmar a esposa, pois ele mesmo não acreditava que tudo estava bem. É claro que, com toda essa onda de violência, Leandro e Luci pensavam no pior. Inclusive, ele começou a temer pela sorte de ambos ao dirigir por aquela estrada deserta, àquela hora da noite, num breu total. De ambos os lados da estrada, mato. Se furasse um pneu, ou se encontrassem um tronco impedindo a passagem, o que fazer? Como seu sogro tinha a coragem de morar num lugar daqueles?



Leandro, a todo momento, olha pelo retrovisor. Aquela luz, ao longe, aproximando-se rapidamente. O reflexo da luz no retrovisor, incomodando. Na bifurcação, depois que pegaram a estrada de terra, aquela luz aparecera do nada.

Esforçando-se por manter a calma e não inquietar Luci, que não notara o clarão (como um olho gigantesco, a luz avançava por trás, diminuindo a distância entre os carros), Leandro tenta se convencer de que está se deixando levar pelo lado emocional, passando a olhar para tudo e para todos com olhos de perigo, de medo.

“Também não é para tanto; no mundo não há só maldade”, pensa ele.

E com esse repentino impulso racional, Leandro conclui consigo: deve ser o farol de uma moto; alguém apressado voltando para casa, nada além disso.

Tenta conversar com Luci para quebrar o silêncio e aliviar a tensão. Diz, num tom provocativo e ao mesmo tempo de desânimo, que, se não encontrarem ninguém na chácara, então terão perdido a viagem. Luci responde:

— Eu já decidi, Leandro. Se eles não estiverem lá, vamos direto à polícia.

— Fazer o que na polícia, Luci? Dizer que um velho e um menino estão desaparecidos? De que adianta? — Leandro olha pelo retrovisor e acelera mais ainda.

É quando um clarão invade o interior do carro, assustando Luci. Ela olha detidamente para trás, vigilante ao movimento, surpresa por ter alguém naquela estrada, àquela hora, vindo logo atrás deles. Forçando a passagem!

— Isso mesmo. Vamos à polícia dizer que eles estão desaparecidos — diz Luci.

Os olhos de Leandro não desgrudam um só instante do retrovisor. As mãos firmes no volante, quase a espremê-lo.

— Como a polícia vai sair por aí procurando por um velho e um menino, que nem sabem quem são? — diz Leandro, mas Luci já não parece ouvir.

Um carro velho e empoeirado, caindo aos pedaços, com um só dos faróis aceso, passa por eles numa parte mais larga da estrada.

No pouco tempo em que está à frente, ao alcance dos faróis do carro de Leandro, dá para ver dentro do veículo o rosto de três crianças sorridentes, acenando, mandando beijos do banco de trás.

Leandro e Luci respiram aliviados. Quanto mais o carro se distancia, mais recobram a calma. Leandro chega até a retribuir o beijo, de um jeito tímido, para as crianças, quando o carro entra num atalho, à esquerda.

Então, Luci acende a luz do teto, que despeja uma cor fraca, amarelada, sobre eles. E, mostrando a Leandro a foto que encontrara no armário, diz:

— Olhe, Leandro! É assim que a polícia vai saber quem procurar.

6. Pé descalço

O DIÁRIO DE PONTE ALTA > FOLHA POLICIAL, DIA 12

Avô e neto desaparecidos

Especial para O Diário

Desde o último dia 8, estão desaparecidos Vito Henrique Cavalcante, viúvo, 75 anos, residente no loteamento Fazenda da Ilha, em Ponte Alta, e Cláudio Renato Cavalcante Marques, 13 anos, residente na Capital, neto de V.H.C. Segundo os pais do garoto — que registraram queixa no 1º Distrito Policial de Ponte Alta —, o filho passava as férias de verão com o avô. A mãe começou a desconfiar de que algo poderia ter ocorrido a ambos quando suas ligações telefônicas para a chácara deixaram de ser atendidas.

Dr. Asdrúbal, delegado titular do 1º DP, responsável pelas buscas, informou à reportagem que a chácara onde reside V.H.C. está fechada e não aparenta nenhum sinal de vandalismo, o que descarta a hipótese de roubo residencial. O veículo de propriedade de V.H.C., uma caminhonete branca, com placa de Ponte Alta, não foi encontrado no local.

AS INVESTIGAÇÕES

Suspeita-se que avô e neto possam ter sido vítimas de acidente rodoviário. Está sendo averiguada a possibilidade de que o veículo tenha se desgovernado nas muitas estradas vicinais que margeiam os morros da região. Porém, até o fechamento desta edição, nenhum pronto-socorro ou posto de saúde próximo de Ponte Alta registrou qualquer ocorrência que possa esclarecer o caso. O delegado Asdrúbal não descarta também a hipótese de sequestro. Sendo assim, para não prejudicar as investigações, as diligências da polícia serão feitas em caráter sigiloso e a imprensa, conforme solicitação das autoridades, estará momentaneamente impedida de noticiar o andamento das operações.

FALTA DE RECURSOS

Esse é mais um infeliz acontecimento que demonstra o total descaso dos políticos do município em oferecer segurança e melhoria de qualidade de vida para nossa população. Além de ruas e estradas malconservadas, a maioria sem asfalto e sem iluminação pública, continuamos com uma polícia ineficiente. São poucas as viaturas e há um número reduzido de homens para combater a criminalidade, que vem crescendo de modo assustador em Ponte Alta. A necessidade da instalação de novas delegacias, como no bairro do Paiol Velho, sempre serviu de palanque político para candidatos a cargos públicos, como aconteceu na última eleição. Porém, o que se constata é que são apenas promessas que, passadas as eleições, empossados os políticos, jamais são cumpridas. Um verdadeiro desrespeito para com o eleitor de Ponte Alta.

A claridade da manhã bateu em cheio no rosto de seu Vito.

Já sem o capuz, ele abriu os olhos e, em seguida, teve de fechá-los rapidamente, piscando muito, sem que ao menos pudesse protegê-los do sol com as mãos. Não sabia se havia dormido horas ou dias. Muito menos onde estava.

Ao acordar, ou um segundo antes, pensou que estava tendo um pesadelo. No sonho aparecia deitado no chão de uma casa abandonada. Suas mãos estavam amarradas para trás e se esforçava desesperadamente para soltá-las e proteger os olhos da claridade que ardia como fogo.

Ainda piscando muito, sem saber se era mesmo um sonho, seu Vito percebeu, à sua frente, apontado para ele, o cano grosso de um revólver. E quando constatou, de fato, que aquilo não era pesadelo, muito menos imaginação, mal teve tempo de lamentar a própria sorte, pois imediatamente lhe veio à lembrança, pela milésima vez, um nome: Renato.

Renato. Era assim que seu Vito gostava de tratá-lo, usando apenas seu segundo nome. Nunca entendeu direito a razão por que seus pais tivessem escolhido chamá-lo de Cláudio Renato. Talvez porque assim soasse mais pomposo, como se os nomes juntos imputassem ao garoto uma identidade mais nobre. Mas ele, ao contrário, tratando-o apenas por Renato, sentia manter com o neto um relacionamento diferente, uma intimidade exclusiva, porque ninguém o chamava simplesmente de... Renato.

O homem encapuzado ordenou de modo ríspido que se levantasse. Com o cano do revólver indicou a porta. Quando se levantou, seu Vito percebeu — aliás, sentiu no corpo — a extensão da surra que tomara. Caminhou até a porta com passos lentos, as pernas doíam muito e isso dificultava firmar os pés no chão. Quando o homem encapuzado o empurrou para fora, seu Vito quase perdeu o equilíbrio. Foi forçado a dar alguns passos em direção ao mato que crescia tão desordenadamente como se fosse invadir o esconderijo a qualquer momento. O homem gritou:

— Vai, velho. Faz aí as suas necessidades!

Ao longo de mais de setenta anos, seu Vito nunca tinha passado por um momento tão constrangedor na vida.

* * *

Sentindo a umidade fria do chão, as mãos amarradas para trás, o vão das tábuas a imprimir marcas em suas costas, Renato era presença constante em seus pensamentos.

Certa vez, de olhos fechados, começou a vê-lo de maneira estranha, muito, muito nítida. Ainda não o havia visto desse jeito: tão perto, a imagem dele tão próxima e presente que, se não estivesse com as mãos atadas, talvez pudesse tocá-lo.

Renato caminhava a passos rápidos por uma trilha deserta, por entre uma floresta de árvores gigantescas. Seu Vito se pôs então a segui-lo com os olhos; não poderia se desconcentrar um segundo, precisava acompanhá-lo, ver para onde ia.

Depois, pouco a pouco, a trilha por onde Renato seguia foi se alargando e desembocou numa clareira. O sol iluminava a relva florida que crescia por ali. A vegetação era tão uniforme em seu tamanho como se um exímio jardineiro a aparasse todos os dias. Margaridas amarelas, onze-horas, marias-sem-vergonha emolduravam com um colorido especial a imagem do garoto.

Via Renato caminhar sobre a relva contornada ao longe pelo paredão denso e escuro da floresta. Ele dava os passos de modo decidido, como se soubesse o caminho, como se tivesse um propósito determinado. Algo então chamou a atenção de seu Vito, que o fez duvidar se aquele que estava vendo em pensamentos era realmente seu neto. O garoto caminhava descalço, os pés nus pisando firme o chão entre as flores.

Não se lembrava de ter visto Renato andar descalço nem uma vez. De dia sempre calçava tênis e, à noite, uma sandália de dedo. Na chácara se obrigava a usar as botas de borracha que a mãe comprara especialmente para ,andar pelo quintal. Por incrível que pareça, lembrou seu Vito, nunca vira o neto caminhar com os pés descalços.

"Culpa da Luci, minha filha", lamentou. Ela o educara com modos modernos, em que andar descalço se transformara num desafio à saúde, quase uma afronta. Nos seus tempos de menino era diferente, todo moleque vivia descalço. Jogavam bola descalços. Corriam, pisavam sobre pedras, terra, mato, bosta de cachorro e gato, até em espinhos, e nunca acontecia nada, ninguém ficava doente por isso. Sapatos, só para ir à escola ou à missa de domingo. Seu Vito começou então a se recordar dos seus tempos de escola. Ao voltar para casa depois das aulas, a primeira coisa a fazer era tirar rápido os sapatos, libertando os pés daquela prisão. E como era bom, em seguida, ficar esfregando os pés úmidos no cimento áspero do meio-fio. Naquele tempo, de tanto uso, a sola dos pés dos garotos era grossa como couro de boi. Um amigo, um velho amigo de infância — seu Vito lembrou-se dele —, conseguia até apagar cigarro com o pé descalço! Suas unhas, então? Eram sujas e tão duras que cortavam ferro, diziam. E, quando seu Vito se percebeu em devaneios, revendo a infância, a escola, as brincadeiras de rua e seus companheiros, imediatamente voltou seus pensamentos para a clareira onde tinha deixado Renato com os pés nus. Mas já não havia ninguém. A clareira, agora, não parecia a mesma. O sol tinha ido embora. As flores já não refletiam a claridade da manhã.

Acuado como um bicho num canto do barraco, seu Vito se esforçou novamente para rever o neto. Esforçou-se, esforçou-se. Não sabia exatamente há quanto tempo estava preso e até quando conseguiria sobreviver naquele chão frio. Sentia-se fraco, o peito dolorido e uma tosse seca que aumentava mais e mais. Quase teve a certeza de que nunca mais veria o neto, que nunca mais pronunciaria o nome... Renato.

Implorou a Deus para que, pelo menos, lhe permitisse sonhar com ele.

7. O acaso

Renato se viu, então, diante de uma clareira.

Depois que decidiu seguir pelo lado leste da encruzilhada, depois do que pareceu ter sido um arco-íris sobre a sua cabeça, chegou à clareira.

Imediatamente pensou que sua decisão tinha sido acertada, pois estava num lugar muito diferente de tudo que havia visto antes. Por um momento, enquanto caminhava apressado por entre as flores que cresciam baixas colorindo a trilha, teve a impressão de que estava sendo vigiado. Parou de repente e olhou ao redor; os dedos no controle do *game*, prontos para um movimento rápido. Deu mais alguns passos, parou e olhou subitamente para trás, como fazem os detetives nos filmes: não, ninguém por ali o espreitava, era apenas impressão.

Nada além das flores ao redor, balançando suavemente com o soprar do vento, para lá e para cá. Nada além das cores delicadas e ondulantes, como num balé mágico a implorar audiência. Ah, como gostaria de estar naquela clareira ao lado do avô e desfrutar com ele a beleza da paisagem. Como o avô iria gostar de ver todas aquelas flores juntas, sentir o perfume, ver os pássaros sobrevoá-las. Como gostaria de mostrar ao avô o local mágico que encontrara. Mas não havia tempo. Não podia permanecer ali ou em qualquer lugar que fosse por mais de um segundo. Precisava, antes, encontrar o avô. Precisava caminhar o mais rápido possível.

Seguiu pela trilha que atravessava a relva em toda a sua extensão. De repente, a sensação de que estava sendo observado voltou a se intensificar. Olhos que o vigiavam desde a mata. Mas, por mais que tentasse, não conseguia localizá-los. Com todo o cuidado do mundo, com firmeza, continuou a cruzar a clareira, quando começou a sentir um cheiro diferente, que não parecia ser só o do perfume das flores. Talvez um cheiro de comida. Comida sendo preparada, pensou consigo mesmo. Sim, sim, poderia ser! Um cheirinho bom de feijão no fogo. Um aroma tão inebriante que o fez lembrar de sua casa e até ouvir o barulho ritmado da panela de pressão. Porém, a fome era tanta que poderia estar apenas imaginando, tal como acontece com as miragens no deserto, pensou. Há quanto tempo não comia nada além de bananas que amarelavam nos cachos e uma ou outra fruta que ia encontrando pelo caminho? Ninguém era capaz de imaginar a fome que sentia!

Renato tentou se deixar conduzir pelo cheiro. Mais à frente a clareira terminava e voltava a dar lugar ao mato denso. Procurou por um local onde fosse mais fácil penetrar na mata. Com muito cuidado, decidia onde colocar os pés para que um espinho ou, pior, uma cobra, uma aranha, ou o que quer que fosse não o surpreendesse. Perdera um pé do tênis ao se livrar do ninja, e tivera que se desfazer do pé que restara para facilitar o equilíbrio. Agora, porém, o tanto que corra, o tanto que já caminhará descalço, fizera que desse passos mais decididos. As solas dos pés já não doíam como antes.

O cheiro parecia cada vez mais intenso. Foi então que uma cor vermelha começou a se destacar entre o verde-escuro da mata. Renato localizou o telhado não muito longe de onde estava, num declive, na encosta de um morro que se descortinava bem à frente. Apressou o passo esperançoso, mas, ao mesmo tempo, com cautela. Tudo parecia calmo. Chegou a pensar que jamais alguém escolheria um lugar assim para morar, longe de tudo. Aguçou ainda mais os sentidos, os dedos nas teclas do *game*, atento para qualquer emergência.

Sim, era uma construção pequena, inacabada, cercada de mato por todos os lados. E era tudo. Como alguém poderia viver num lugar daqueles?

Renato podia ver a chaminé e a rala cortina de fumaça subindo em mechas e se desfazendo no céu. E que se desprendia (a fome aguçou sua imaginação) do feijão que cozinhava lentamente num fogão a lenha. Era a prova que faltava para se certificar de que realmente morava alguém ali, mas ele precisava ser cuidadoso. Por isso continuou na espreita, agachado entre os arbustos, sem saber como agir.

Foi quando concluiu que aquele era um esconderijo perfeito.

De repente, a porta se abriu. Em seguida, Renato viu surgir um cão, um enorme cão rajado. Tinha a cabeça tão grande, tão grande, que parecia duas. O cão atravessou a soleira da porta e parou, atento. Levantou as orelhas, que em seguida se aprumaram em linha, e começou a farejar o ar em sua direção.

* * *

Enquanto o cão se aproximava perigosamente, Renato continuou quieto, em seu canto. Paralisado.

Por alguns segundos, prendeu a respiração para não fazer nenhum barulho. E, quando o cão já estava a poucos metros, farejando o ar, fuçando o chão aqui e ali à procura de algo, Renato ajeitou melhor o controle e pensou que tudo que tinha a fazer, o que lhe restava fazer naquele momento, era simplesmente deixar que acontecesse o que tinha de acontecer.

Lembrou-se de ter aprendido com um samurai, num dos poucos livros que lera até o fim (pois gostara muito dele), que tomar a iniciativa num combate, surpreendendo o adversário, quase sempre é a melhor tática. Por outro lado, saber esperar o momento certo para agir é também um modo eficiente de lutar. O importante é ter o domínio da situação e fazer a escolha certa. Quem dita se esta ou aquela conduta é a melhor para um determinado combate não deve ser ninguém mais do que o próprio lutador — o seu coração, a sua intuição. "É preciso aprender a confiar na intuição como sendo um Deus, um Deus interior", lembrou-se do ensinamento do samurai. E o coração de Renato pedia que ele continuasse quieto, esperando, para ver no que daria aquilo tudo.

O cão continuava a farejar bem à sua frente. Embora ele fosse chegando cada vez mais perto, a ponto de eliminar qualquer chance de fuga, Renato manteve-se imóvel. Nada de sair correndo, decidira.

Então o acaso veio em seu socorro.

Logo acima da cabeça de Renato, entre os galhos da árvore alta, ouviu-se um estrondo. Em seguida, o som de folhagem se agitando como se uma ventania forte soprasse somente ali, na ponta daquele galho. Ele instintivamente olhou para cima: de onde vinha o barulho?

Viu pousar a ave gigantesca.

Percebeu, nitidamente, que era uma estranha forma de ave, como nunca havia visto.

Com todo aquele tamanho, o de uma pessoa, ou quase, como conseguia voar?



Sua plumagem era multicolorida. A cauda longa, prateada, e em torno do pescoço, como um colar de várias voltas, a penugem de um vermelho vivo. Um penacho amarelo, como um topete despenteado, caía sobre a sua cabeça. Os olhos redondos, inquisidores, contornados por uma auréola branca.

Ainda que fosse uma ave enorme, muito maior do que um galo, um peru, uma avestruz ou um condor, tinha uma agilidade incrível para seu tamanho. As pernas compridas, como as das cegonhas, equilibrando-se sobre o galho que cedia ao seu peso, como se fosse partir.

Assim que Renato avistou a ave no alto, reflexo contínuo, a ave também o localizou no chão, escondido entre os arbustos. Num instante: olhos nos olhos! Um instante que pareceu durar uma eternidade.

Então se lembrou da presença do cão: a baba a escorrer da boca escancarada, os olhos vermelhos, o pelo eriçado — e o cão também olhava para cima, na direção da ave.

Renato pensou que a ave que pousara na árvore — ou o que quer que aquilo fosse —, naquele momento, dava a ele a chance de se livrar do cão. Porque, naquela confusão de olhares e de galhos se agitando, ele poderia fugir, correr, e pressentia que jamais seria alcançado. Porém, uma confiança cega, uma vontade inexplicável de se deixar ali, apesar do risco e do medo, foi aos poucos invadindo o seu coração. Uma simples e inconfundível vontade de ficar, uma calma infinitamente maior do que a vontade de fugir.

Olhou novamente para o cão, que agora emitia uivos estranhos para o alto e parecia ter se esquecido dele, ali, escondido. Então presenciou algo que jamais iria esquecer no resto de seus dias: o cão, aos poucos, foi mudando de fisionomia. Foi se desenhando um largo sorriso onde antes era a boca enorme, que, em vez de latidos ou uivos, exprimia uma espécie de ruído, de canto, num ritmo lento que parecia dizer:

— Oh!, Fênix Celestial. Sinto-me honrado com a sua visita.

Não! Não podia acreditar no que estava vendo e, muito menos, ouvindo! Renato piscou os olhos várias vezes. Como? Um cão, que já não é mais cão, falar com uma ave?

Será que, sem perceber, havia acionado o controle do *game* por engano?

Ficou mais surpreso ainda ao ouvir a estranha ave dizer:

— Olá, Guia das Trevas. Há quantas eras não nos vemos!

Quando falava, o penacho amarelo movimentava-se no ritmo das palavras que sibilavam numa espécie de gorjeio:

— Você bem sabe, Guia das Trevas... De longe, muito longe, sente-se o aroma de sua comida, que é o seu talento. Ele atrai, é convidativo. Posso sentir que não perdeu, com o passar do tempo, sua habilidade essencial.

Enquanto ouvia aquele diálogo absurdo, Renato pensou estar sonhando. A ave continuou:

— Desta vez vim com uma missão secreta e temos que ser rápidos. O Mestre dos Jogos pede a nossa ajuda.

— Por que o Mestre escolheu a nós?

— Porque aquele que necessita de nossos préstimos ama os meus irmãos alados, como também ama os seus irmãos canídeos. Onde mora, cuida deles como verdadeiros filhos. Mas ele é um velho e corre perigo mortal. É chegada a hora de retribuir o carinho e a consideração que tem para com todos nós.

— Estamos sós nesta missão, Fênix Celestial?

— O Mestre, se for preciso, irá convocar a ajuda de outros membros da confraria. Fomos escolhidos também porque nós, as aves, acordamos cantando todas as manhãs, e voamos alto fazendo a união da terra com o céu. Essa é a esperança do Mestre para com o velho e, de resto, para com os homens. E você, Guia das Trevas, o melhor amigo do homem, por ter por ele um amor que não exige nada em troca. Talvez consiga guiar um jovem através da sorte e dos azares do destino, para que cresça também nos jogos da vida, aprendendo a fazer as escolhas certas e se transformar em Mestre. Por tudo isso, fomos escolhidos. Vamos, o que está esperando? Convide-me logo a descer desta árvore e a sentar à mesa em sua companhia, para que eu possa responder às perguntas sobre a nossa missão e colocá-lo a par dos acontecimentos.

Aquilo era demais! Muito mais do que incrível. Renato nunca presenciara nada igual antes e duvidou de que estivesse realmente acontecendo. Quem, com exceção do avô, iria acreditar quando contasse? Nem mesmo seu tio André, que gostava de jogos e sempre falava com ele sobre a existência de coisas estranhas, iria acreditar. Em meio a tanta incredulidade e dúvidas, Renato lembrou-se do *game* em suas mãos. Ah, sim! Era isso. O jogo, supôs. Uma nova fase que havia começado! Conferiu o mostrador:

FASE	PONTOS
3/7	3.816

Ora! Bastava então apertar uma das teclas, qualquer que fosse, para a direita ou para a esquerda, e provocar uma mudança no ambiente, no cenário, em tudo. Apertar uma das teclas e, com certeza, reverter o rumo dos acontecimentos. Fazer a ave desaparecer, ou a ave não ser mais ave. Fazer o cão voltar a ser cão de verdade, e não um... um o quê? Algo que conversa com uma... ave?!

Renato estava prestes a usar o controle, havia mesmo se decidido. O dedo já estava sobre a seta para cima, mas, sem compreender bem o motivo, desistiu.

Afinal, para quê? Por que não se deixar embarcar naquela história maluca? Além de que, por enquanto, não existia nenhum motivo para usar o controle. Não! Não se sentia ameaçado por ninguém, por nada. Ao contrário, desconfiava, tinha quase certeza, de que tanto o cão como a ave sabiam da sua presença ali, e pouco se importaram com ele.

E assim, mesmo que não soubesse o melhor a fazer, ou se estava se arriscando demais, decidiu continuar quieto, escondido entre os arbustos, simplesmente esperando como seu coração mandava. O que tivesse de acontecer, que acontecesse.

8. Roupas na mochila

O dr. Asdrúbal, delegado do 1^o DP, ligou tarde da noite para a casa de Luci e falava com ela por telefone:

— Não, não. Por favor, por favor, dona Luci, escute. Não quero que a senhora alimente esperanças antes da hora. Essa é apenas uma suposição. Por enquanto, veja bem: por enquanto — o delegado fez questão de repetir o por enquanto —, não podemos comprovar nada, absolutamente nada, dona Luci. A única coisa que temos de concreto é o bilhete, e só o bilhete. A senhora poderia vir amanhã, pela manhã? Posso esperá-la aqui na delegacia... Não, não, é melhor na chácara de seu pai. A senhora poderia vir?

Luci terminou o telefonema dizendo ao delegado que já estava a caminho da chácara do pai e, definitivamente, não iria considerar os argumentos dele alertando que a pressa era desnecessária.

Ela nem precisou olhar para Leandro para ambos correrem em direção ao carro.

Desde o dia em que prestaram queixa na delegacia, tanto ela como Leandro não fizeram mais nada na vida senão esperar e esperar. E também rezar para Santa Filomena, a padroeira da família, além de chorar e chorar. Uma espera arrepiante, endoidecida, desumana. Um lamento triste. Uma reza hipnótica e desesperada, como se o mundo houvesse parado, como se tudo mais perdesse o sentido.

Depois de comunicarem o desaparecimento, ficou impossível pensar em outra coisa. Se não fosse o delegado proibir, estariam plantados na delegacia desde aquele dia. Ou, então, ficariam de prontidão na chácara, aguardando notícias, aguardando um milagre. Mas o dr. Asdrúbal fora firme ao exigir que permanecessem em casa, tanto para a eventualidade de o contato dos sequestradores ser feito por lá, como para não dificultarem as investigações com perguntas impacientes e impossíveis de serem respondidas.

Então, tarde da noite, o delegado ligou comunicando sobre o bilhete e as consequentes pistas despertadas. Não era exatamente uma boa notícia e nem o caso estava para ser resolvido, mas, pelo menos, graças a Deus, era um comunicado. Algo iria acontecer. Uma nova etapa estava começando, dissera o delegado ao telefone, e parecia esperançoso. Como controlar a ansiedade até o outro dia?

* * *

Luci e Leandro já estavam quase chegando à chácara quando ouviram sons de sirene. Leandro acelerou ainda mais. Por um instante, por uma lógica absurda, os dois se encheram de esperança. As luzes de sinalização ligadas sobre as capotas dos carros da polícia, girando, se alternando, vermelho, branco, azul, rodopiando, colorindo, refletindo nas árvores, iluminando a escuridão.

Mal estacionaram e o delegado veio até eles dizendo, como quem não tem tempo a perder, que o que tinha até o momento era pouco, muito pouco: apenas o bilhete e uma suposição. Nada adiantaria fazerem perguntas. Por enquanto — ele fazia questão de repetir esse terrível por enquanto —, não teria respostas confiáveis.

— Vejam a pedra! — o dr. Asdrúbal, colocando uma luva de borracha, tirou de um plástico transparente uma pedra escura e ovalada, dessas que existem aos milhares no chão. — Olhem bem esta

pedra. Pelo peso dela e o estrago que fez, devem tê-la atirado mais ou menos dali, defronte ao portão. — O delegado deu alguns passos em direção ao portão e, em seguida, simulou o gesto de um arremesso. — Amarraram nela o bilhete e acertaram o vidro grande da varanda. Agora, vamos até lá!

Tudo que Luci e Leandro conseguiram ver naquela noite, primeiro na chácara, depois na delegacia — quando puderam ler o bilhete que estava sendo analisado pela perícia —, só fez aumentar as expectativas e aflições. Por mais que o dr. Asdrúbal se esforçasse para acalmá-los, repetindo a toda hora que tudo estava sob controle, as investigações caminhando na mais absoluta normalidade, de nada adiantava.

— O que importa é que eles fizeram o primeiro contato. Vejam bem: o primeiro contato! É o que importa. Agora, vamos passar para a segunda etapa, a etapa das negociações — disse o dr. Asdrúbal, tomando grandes goles d'água, em pé, ao lado de um bebedouro meio enferrujado da delegacia.

— Mas, dr. Asdrúbal, por favor... O bilhete não diz nada sobre meu filho. Como se explica isso? — perguntou Luci, esforçando-se para conter o nervosismo.

— A minha hipótese, dona Luci, é a seguinte: o garoto não está com eles. Se estivesse, eles o teriam mencionado no bilhete — afirmou o delegado, enquanto enchia o segundo copo d'água.

— Se meu filho não está com eles, está com quem, então? Onde ele está? — perguntou Leandro, quase a exigir do delegado uma solução.

— Não sei. Não sei!

Toda vez que isso acontecia, de ele ser questionado e não ter uma resposta adequada para dar sobre o rumo de uma investigação, sentia-se irritado. Mas o delegado se irritava era consigo mesmo, por questões profissionais, e não com seu interlocutor. Talvez porque, diferentemente de muitos colegas de profissão, o dr. Asdrúbal não conseguia disfarçar a incompetência manipulando informações.

— Se eu soubesse onde ele está, seu Leandro, nós não estaríamos aqui a essa hora da madrugada, certo? — completou o delegado, num tom ríspido. Falou e notou o constrangimento que se seguiu. Os pais, infelizes, abraçados um ao outro...

Talvez tivesse sido rude demais com os dois, que só procuravam consolo, refletiu. Tentou consertar o incômodo que sua irritação causara:

— O que acho, para dizer a verdade, no que acredito, vejam bem, porque *por enquanto* — frisou — não há nenhuma prova e não quero enganar vocês, não quero alimentar nenhum tipo de esperança ou desespero... O que suponho, e apenas suponho, é que os bandidos estão só com o seu pai, dona Luci.

Leandro respirou fundo. Encheu os pulmões porque sabia que iria precisar de muita coragem para fazer a pergunta que não conseguia calar dentro de si. Uma pergunta que, com certeza, Luci estaria fazendo a si mesma. Começou a falar devagar, escolhendo bem as palavras:

— Dr. Asdrúbal, por favor. O senhor não quer dizer... Eles não mencionarem nada no bilhete... Não quer dizer, com isso, que pode ter acontecido algo ruim com meu...

— Calma, calma aí, gente — apressou-se o delegado. — Está vendo?! Foi por isso que pedi a vocês que não perguntassem o que não deviam antes da hora, atropelando os fatos. Por favor, não comecem a fazer suposições. A mim cabe fazer suposições, não a vocês. Até o momento, não temos prova de nada, repito.

— Mas, dr. Asdrúbal — insistiu Luci, já não se importando se sua insistência fosse irritar ainda mais o delegado —, por que não escreveram uma só palavra sobre meu filho? Não é estranho?

— Eu não estaria sendo profissional se dissesse a vocês o que acho ou deixo de achar. Meu

trabalho se baseia em fatos, dona Luci. Fatos concretos. E o que temos são sequestradores avisando que em breve farão um novo contato. Nesse novo contato, provavelmente, irão exigir as condições para libertarem seu pai. É tudo que temos.

Assim que o delegado terminou, seguiu-se um longo silêncio. Só se ouvia o ronco surdo do motor do bebedouro, como se a cada giro que desse para resfriar a água tivesse que raspar em algo.

Em pé, um delegado sentindo-se um tanto culpado por, por enquanto, saber tão pouco sobre o caso. Ao seu lado, os pais de um menino desaparecido, nem sequer mencionado no bilhete dos sequestradores. Em torno de um bebedouro velho, numa madrugada fria na pequena delegacia do interior.

O delegado, de repente, deu um chute no bebedouro e saiu.

* * *

Depois do chute no bebedouro, o dr. Asdrúbal lançou o copo descartável no cesto de lixo, mas errou o arremesso.

O cesto repleto de copos vazios, amontoados ali, desde a última ronda da faxineira.

Enquanto saía, olhou de relance para o pai de Cláudio Renato. Assim como Leandro, ele também era pai. Sabia ou, pelo menos, conseguia imaginar seu sofrimento. O desespero que devia estar sentindo, e que a mãe também sentia, por terem arrancado deles o filho de uma forma tão violenta como um aborto extemporâneo.

"Por que a vida é assim?", quase resmungou em voz alta.

Deu alguns passos em direção à sua sala, mas subitamente parou. Voltou-se para Leandro e, como se houvesse esquecido algo importante a dizer, pôs a mão sobre o ombro dele. Num tom afável de voz, mesmo sabendo que não estava sendo lá muito profissional, tentou consolar aqueles pais com o pouco que tinha. Ou, melhor, com o pouco que sabia ou em que queria acreditar:

— Fiquem certos, toda a polícia está empenhada em resolver o caso. Todos os esforços estão sendo feitos. Estamos tendo a colaboração de outras delegacias, inclusive a unidade de sequestros. Muito em breve, vocês terão os dois, o avô e o garoto juntos, ao lado de vocês. Podem confiar.

Ainda fazendo ver sua experiência profissional, o dr. Asdrúbal completou:

— O fato de não mencionarem o garoto no bilhete deve ser porque não sabem do seu paradeiro. É com essa hipótese que estamos trabalhando. Se estivessem com ele e acontecesse algo mais grave no cativeiro, nesse caso o que essa gente faz é blefar. Agem como se nada tivesse acontecido e o incluem no bilhete. O que temos quase certeza é de que os bandidos não são do ramo do sequestro, e essa é uma hipótese bastante provável. Mas isso não quer dizer que melhora ou piora a situação. De todo jeito, vamos pedir notícias do garoto.

O dr. Asdrúbal sabia mais sobre o caso, é claro. Tinha lá suas conjecturas. As averiguações estavam em andamento em várias frentes. Porém, por enquanto, era preferível ser prudente com aqueles pais e não revelar mais do que já revelara. Ainda assim, disse:

— Confesso a vocês que acho que o garoto está perdido por aí, zanzando em algum lugar dessa serra.

Dito isso, ele recolheu o copo do chão e o enfiou no cesto, pressionando com ele os outros copos para o fundo, que estralavam e se amassavam uns nos outros. Fez um ligeiro aceno com a cabeça e falou

educadamente:

— Agora, por favor, vocês poderiam me dar licença? Preciso trabalhar.



Quando o dr. Asdrúbal fechou a porta atrás de si, Luci e Leandro se abraçaram. Abraçaram-se, ao mesmo tempo se beijaram e começaram a chorar, pedindo calma um ao outro, secando as lágrimas um do outro.

Decidiram confiar no delegado. Resolveram acatar sua sugestão de voltar o mais depressa para casa. A vontade de ficar na delegacia ou na chácara, o desejo de permanecer o mais próximo possível do dr. Asdrúbal, afinal não iria ajudar muito, como o próprio delegado dissera. O mais sensato era retornarem rapidamente para o caso de um eventual contato dos sequestradores ser feito em casa.

O dia estava clareando quando os pais de Cláudio Renato chegaram em casa. Fizeram o caminho de volta sem pronunciar uma palavra. Luci chorando baixinho a viagem toda.

Leandro abriu o portão da garagem e entrou com o carro. Antes de descer, Luci pegou no banco de trás a mochila de Cláudio Renato com as roupas que ela havia separado para ele.

Foram direto para o quarto vazio do filho. Luci, chorando, começou a desfazer a mochila e a recolocar uma a uma as roupas no armário. Leandro também chorava.

9. Cimento fresco

Acordaram seu Vito de supetão.

Ele demorou alguns segundos para perceber que as duas pessoas que o vigiavam o tempo todo no barraco estavam agachadas, muito próximas dele.

— Tá respirando... Então tá vivo, ué!

Era a primeira vez que olhava detidamente para elas. Embora usassem uma espécie de meia para cobrir o rosto, a proximidade permitiu que ele observasse os olhos, as bocas... Foi então que seu Vito descobriu algo que o fez mudar sua conduta naquela prisão: não eram exatamente dois homens como ele imaginava, e sim... uma moça e... um velho!

Ela não teria mais do que dezesseis, dezessete anos; era jovem, muito jovem (o que era confirmado pela voz estridente que ouvia). Ele, velho, os olhos de um velho, o olhar cansado de um velho... Talvez tivesse a sua idade. Mas onde estaria o terceiro, o mais bruto deles?

Seu Vito, evitando movimentos bruscos, foi percorrendo com os olhos todo o barraco. O mais bruto, sim! Porque, vendo os dois tão próximos, não podia acreditar que teriam sido capazes de fazer o que fizeram, de espancá-lo como espancaram. Não acreditava serem capazes nem sequer de matar uma mosca, não fosse para obedecer às ordens de um chefe.

— Levanta! — ordenou ela, enquanto o parceiro apontava o revólver para a cabeça de seu Vito. — Levanta! — gritou mais alto.

Todo o cuidado era pouco, pensou seu Vito. Pareciam mais apavorados do que ele. E, quando é assim, um gesto brusco ou um passo em falso poderiam ser mal interpretados.

Seu Vito foi conduzido para fora do barraco. Sentia-se trêmulo, sem forças, a cabeça girando, mas não podia esmorecer. Se cambaleasse ali, poderia tomar um tiro pelas costas.

Foi então que, do lado de fora, viu o que não queria ver. O terceiro deles, todo de preto, encostado num carro, parecendo gritar para ele. A cabeça coberta pelo gorro de lã espichado até o pescoço, com os dois buracos dos olhos.

— Velho filho de um cão, venha cá!

Seu Vito sentiu a moça empurrá-lo pelas costas. Quase tropeçou, mas continuou firme, sabe Deus como. Um descuido seria fatal. Um passo em falso e poderia tomar um tiro.

O chefe, com dois furos no gorro em torno dos olhos, começou a desamarrar suas mãos enquanto mais gritava do que falava:

— Velho, chega mais! Você vai meter as mãos aí, e vai fazer isso agora. Assim, as duas abertas. — Mostrou como seu Vito teria de fazer.

Era uma caixa pequena, de madeira, como aquelas de frutas, das feiras. Cheia de cimento fresco até a borda.

As mãos espalmadas de seu Vito ficaram impressas no cimento.

— Agora assina o nome aí, rápido! Assina e põe a data.

Seu Vito assinou o nome arranhando o cimento com a ponta de um prego. Sulcos finos com seu nome e, acima, a impressão rombuda dos dedos.

— Agora, a data, filho de um cão! A data!

Mas a data ele não sabia.

— Sai pra lá, velho! — Deu um empurrão violento em seu Vito, derrubando-o no chão. Colocou a caixa de cimento no porta-malas, entrou no carro e bateu a porta com força. Ligou o motor e saiu acelerando em disparada pela estrada de terra.

A poeira que o carro deixou para trás subiu como uma nuvem densa, entrando em cheio nos olhos de seu Vito.

10. O Mestre dos jogos

A ave voou do alto da árvore para junto do cão, que agora parecia estar apoiado sobre as patas traseiras.

Um voo meio desajeitado, de avião planador sem rumo. As grandes asas abertas. Uma total discrepância para a agilidade demonstrada quando pousou na árvore. Ao tocar o solo, a longa cauda prateada deslizou alguns metros sobre a grama, e mais parecia um vestido de noiva que se arrastava pelo chão.

Vigiando-os pelas costas, Renato percebeu quando o cão e a ave trocaram um rápido cumprimento. Continuaram a conversar, uma conversa que parecia animada, mas que a distância não permitia ouvir. Assim, o cão e a ave, ou o que quer que ambos fossem, tomaram o caminho para a pequena construção feita de madeira.

Renato pensou em segui-los, mas, por cautela, achou melhor esperar até que entrassem na casa.

* * *

Sob o pé descalço, Renato sente surgir uma trinca.

Não, uma fenda!

Em seguida, uma grande explosão! É um vasto e profundo abismo em que está metido.

Agora, ao longe, o pior: o que parece ser uma onda. Sim, uma onda gigantesca. Uma onda enorme que se aproxima perigosamente!

Renato se vê na praia. Sente que precisa correr, correr, fugir dali enquanto é tempo, o mais rápido possível, porque a onda está chegando cada vez mais perto.

Ele começa a correr, a correr o máximo que consegue, quando vê, sobre um banco de areia, um bebê chorando. Um bebê que poderia ser o irmão que ele não teve. A onda vindo, monstruosa, nas alturas!



Terá tempo? Não, não terá tempo para voltar e salvar o bebê. O que fazer? Renato respira. Pensa... Rápido: é preciso decidir o que fazer!

* * *

Ainda atordoado com o acontecido, cansado, quase sem fôlego, totalmente confuso, os pés sujos de areia, porém sem precisar mais nadar — sim, ele não precisava mais nadar! —, quando Renato deu por si, e se lembrou de onde estava, teve ainda tempo de ver fecharem a porta. Chegou a ouvi-la bater. Com pressa, correu em direção à casa. Sabia que não podia perder nem mais um segundo sequer.

Aproximou-se agachado da pequena janela. E só então parou para respirar.

Precisava descansar, recuperar o fôlego. Subitamente, a sensação de que chegar àquela casa, estar onde estava agora, era uma espécie de prêmio por ter passado pelo que passara com aquela onda enorme, oceânica. E pensar assim o animou. Mas não podia perder tempo. Então, com todo o cuidado, Renato foi lentamente levantando a cabeça e se pôs a espiar o que acontecia lá dentro.

Demorou um pouco para concluir que tanto a ave como o cão não estavam naquela casa. Não era possível, mas, por mais que tentasse localizá-los, não conseguia vê-los em nenhum canto. A única coisa viva ali, podia jurar — apesar do vidro embaçado —, eram... eram duas pessoas, ou o que parecia ser duas pessoas, sentadas à mesa. Os vidros não permitiam ver com nitidez.

Renato duvidou do que estava vendo. Ainda agachado, decidiu contornar a casa. "É óbvio", pensou, "o cão deve estar onde geralmente ficam os cães, ou seja, no quintal". "A ave, num viveiro ou numa gaiola", imaginou.

Ele contornou toda a casa, e nada! Onde haviam se metido? Olhou novamente da janela: nada além daqueles dois. Ambos comendo com apetite, debruçados sobre pratos fumegantes, bem cheios, que faziam a barriga de Renato reclamar, contorcer-se, doer de fome.

De repente, tomou um susto enquanto olhava. Porque eles olhavam diretamente para ele! Olhares que se entrecruzaram por um instante. Os seus olhos arregalados, famintos, através da claridade baça dos vidros.

Renato tirou o rosto da janela, mesmo sabendo que era tarde demais. Virou-se e deixou seu corpo deslizar rente à parede até cair sentado, no chão.

Ficou ali, sob o parapeito da janela, entorpecido de medo e sem saber o que fazer.

Ouviu, em seguida, o arrastar de uma cadeira. Alguém se levantara da mesa.

Ouviu passos, sim!, passos... toc, toc, toc... como o salto alto de sapato de mulher. Passos que vinham em direção à janela, em direção a ele!

* * *



Renato, então, vê a aeromoça passar ao seu lado correndo, em pânico!

De um lado, o da janela, está sentada a mãe de Renato. Ele no meio. De outro lado o pai, nas três poltronas conjugadas do corredor do avião.

A máscara de respirar despenca do teto. A mãe, atabalhoada, por mais que tente, não consegue colocá-la. Ele decide ajudar a mãe, que já se debate, sem ar. Mas sabe que precisa colocar primeiro a sua máscara para depois colocar a da mãe, enquanto vê passageiros sendo sugados, outros tentando saltar de paraquedas no buraco que surgiu na fuselagem, com a explosão. Gente desmaiada, sangue, desespero!

Mas é só um, apenas um, o paraquedas que Renato consegue! Pai e mãe gritam, os olhos esbugalhados, não concordam, não querem e devolvem o paraquedas para ele. Não aceitam, jamais. Juntos, tentam colocá-lo nele! Se alguém vai se salvar, que seja ele.

Renato precisa agir. O que fazer? Escolher a quem? Meu Deus! Renato respira. Pensa... Rápido: é preciso decidir o que fazer!

* * *

Confuso, Renato nem ousou olhar para o alto. Depois, aos poucos, começou a perceber onde estava. Apalpou o chão ao redor: a segurança feliz de sentir os pés firmes na terra.

Novamente a sensação de que estar ali, onde estava agora, havia sido por merecimento, talvez por ter tomado a decisão certa, quando voltou a ouvir os passos, toc... toc... toc... o som cada vez mais perto! Nem ousou olhar para cima, para a janela. Ao contrário: olhou para baixo, para o *game* em suas mãos. O mostrador, no canto, pulsando:

FASE	PONTOS	BÔNUS
4/7	4.080	Emissário Uoador = 2

Renato ouviu forçarem o trinco da janela. Ouviu abrirem os vidros. Quando pressentiu a janela aberta, pouco acima de sua cabeça, sentiu um arrepio percorrer seu corpo. Mas não olhou para cima.

O controle nas mãos, pronto para que apertasse as teclas, qualquer tecla. Seus dedos sobre elas. O mostrador pulsando com os números...

Mas, se não havia usado o controle quando vira o cão, por que usá-lo agora? Não era melhor esperar? Lembrou-se da penúltima vez que havia conferido o mostrador e a tela marcava: Fase 3 = 3.816 pontos. Desde aquela vez, não tocara em nenhuma tecla! Nas situações de vida e morte que enfrentara, na água e depois no ar, nem se lembrara das teclas, de nada, e mesmo assim passara para a Fase 4, e ganhara o tal bônus!

Toc... toc... Os passos, como se retornassem em direção à mesa, toc... toc... toc... Agora, os vidros abertos permitiam que as vozes chegassem até ele. Primeiro, ouviu uma voz aguda; em resposta, a fala rouca, cadenciada. É claro, concluiu: sabia quem eram eles!

Renato aguçou os ouvidos.

Voz aguda:

— Se fosse outro, teria fugido.

Voz rouca:

— Ou estaria aqui, sentado à mesa, ao nosso lado.

Voz aguda:

— Por que não faz isso, se tem fome?

Voz rouca:

— O que tem passado faz que desconfie de tudo e de todos, que desconfie até mesmo do que esteja acontecendo com ele. A desconfiança, nesse caso, é sábia. Mas faz que tenha medo, muito medo. Um medo que pode durar a vida toda. Esse é um teste para sua personalidade. Mais do que teste, prova de tolerância, de persistência.

O barulho dos talheres, vez ou outra, fazia-se ouvir mais alto, entrecortando as vozes. É claro que falavam dele, Renato não teve dúvida. E os dois não pareciam ser, exatamente, criaturas do mal que poderiam colocá-lo em perigo. Nada de usar o controle, portanto. Tirou os dedos das teclas.

Voz aguda:

— Esse é o desejo de nosso Mestre, que encontremos um meio de fazer que não cresça com medo ou rancor. Que não carregue mágoas vida afora e aposte que a vida é boa.

Voz rouca:

— Isso dependerá dele, e só o tempo dirá.

Renato estava tão perplexo quanto paralisado. Pensou em pular a janela e ir logo àquela mesa e se apresentar. Ao contrário, o que fez foi aguçar ainda mais os ouvidos, quando começou a ouvir a voz aguda novamente:

— O Mestre dos Jogos disse que um homem verdadeiro deve ser capaz de estar acima de tudo. Tanto das coisas boas como das coisas ruins que aconteçam com ele. É como num jogo, em que é preciso

aprender a ganhar e a perder.



— Sim. É um grande ensinamento estar acima de tudo. Para isso, o decurso dos dias é a melhor lição. Perder ou ganhar, coisas boas ou coisas ruins, afinal, pouco importa, pois o passar do tempo faz que se igualem. Será um importante teste para ele a responsabilidade de jogar na vida real com a mesma coragem e disposição com que joga seus jogos. Mas creio que não devemos influir no curso dos acontecimentos.

Fez-se um silêncio de alguns segundos, e Renato ouviu:

— O Mestre sugere que se permita a ele desfrutar de sua habilidade essencial, Guia das Trevas. Aliás, já conseguiu atraí-lo até aqui.

— É o que farei em seguida.

11. Cemitério de destroços

A hipótese de acidente rodoviário estava definitivamente descartada.

A caminhonete branca, chapa DPA 3338, fora localizada em outro estado, e já estava sendo transportada para o pátio do 1º DP.

O dr. Asdrúbal sabia que, mais cedo ou mais tarde, a caminhonete seria encontrada pela polícia. A chance de ser levada, como acontecia com a maioria dos veículos desse modelo, para o outro lado da fronteira e entregue a receptadores de um país vizinho, ele julgava praticamente impossível. Pois o crime fora cometido não por uma quadrilha especializada em roubo de carros, e sim por bandidos que agiam isoladamente e não pareciam experientes.

O delegado quase apostara com um dos investigadores que a caminhonete, ou partes dela, estaria num desmanche qualquer da região. A outra hipótese com que também trabalhava — mas que fora se mostrando a cada dia menos provável, e agora estava eliminada — era que o veículo seria encontrado ribanceira abaixo, num trecho inacessível da serra, totalmente carbonizado.

Por fim, nem isso nem aquilo: a caminhonete fora localizada numa revenda de automóveis, com chassis e documentos adulterados, e pronta para ser vendida. A tal revenda já estava na mira da polícia há algum tempo. Como a caminhonete chegara até a loja era ainda um mistério que logo estaria sendo desvendado, acreditava o dr. Asdrúbal.

Luci e Leandro acompanhavam o trabalho do guincho para descer o veículo no pátio da delegacia.

Só de olharem a caminhonete já sentiram revigoradas as esperanças. Algo próximo e familiar havia sido recuperado, por inteiro, e isso era reconfortante, apesar de ser apenas um objeto.

— Assim como o carro — afirmara o delegado triunfante ao telefone —, em breve vocês terão os dois de volta. Ilesos, se Deus quiser. Sem um arranhão.

Uma garoa fina, de serra, encharcava a rua, a delegacia e as viaturas da polícia estacionadas no pátio. A caminhonete branca e polida de seu Vito — após ser retirada do caminhão — contrastava com o vermelho enlameado das ruas, das viaturas imundas ao lado e da montoeira de carros velhos, batidos e desmanchados, que faziam o pátio da polícia se parecer mais com um cemitério de destroços. O carro de Leandro também tinha respingos de barro até no teto. Havia sido uma aventura difícil, um verdadeiro rali, deixar o asfalto e pegar a estrada de terra até chegar à delegacia de Ponte Alta. Deslizando, quase atolando a todo instante, escorregando nas curvas, perigosamente.

— Quando tudo isso acabar, nunca mais ponho os pés num fim de mundo desses — sussurrou Leandro no ouvido de Luci, enquanto atravessavam a rua em direção à padaria da esquina. Decidiram tomar um café, enquanto esperavam a vez de serem atendidos pelo delegado.

Diante do balcão, não tinham muita escolha e pediram pão com manteiga na chapa. Que diferença — em relação à padaria com a vitrine repleta e colorida que frequentavam na cidade em que moravam. Essa era escura, suja e de aspecto pobre. Sem as infinitas opções de salgadinhos, pães e doces a encher os olhos dos clientes. No teto, uma serpentina de luz lilás para atrair mosquitos. Duas peças de mortadela penduradas cada uma num dos lados do caixa e que, pelo jeito, deviam estar ali havia um bom tempo. Além disso, os homens que entravam ou saíam, sem exceção, vestiam-se rudemente. A barba por fazer, na

cabeça o boné com propaganda estampada, e as sandálias de dedo na imundície do chão frio. Todos pareciam ter olhares desconfiados para o casal que, facilmente se percebia, não era do lugar.

Luci e Leandro não se sentiam propriamente à vontade naquela padaria. Supunham que precisavam ficar atentos, prevenidos, porque aquele, encostado no balcão, tomando cerveja a essa hora, tinha cara de bandido — ou, pelo menos, o que Luci e Leandro achavam que era a cara de um bandido.

— Eu já decidi — disse Luci, cochichando no ouvido de Leandro. — Não quero que papai continue neste lugar. Quero ele morando com a gente, junto da gente.

— Para isso precisamos vender a casa, Luci. Seu pai vende a chácara e compramos juntos um apartamento grande. De três, quatro dormitórios. Morar em apartamento é mais seguro.

O pão quentinho com a manteiga derretida, acompanhado do copo de café com leite, acabou por fazer bem a ambos. Leandro, que antes tinha pressa de sair da padaria, chegou até a perguntar a Luci se repetiriam o pedido, assim que a moça terminasse de atender o rapaz que pedira para fatiar um montão de mortadela que parecia não ter mais fim.

Quando voltaram para a delegacia, o dr. Asdrúbal estava terminando a reunião que fazia a portas fechadas com a equipe de investigadores. Luci e Leandro já os conheciam de vista, desde a pedra jogada na varanda da chácara.

Ao saírem da sala do delegado e cruzarem com o casal no corredor, pareciam excessivamente apressados. Luci tentou em vão falar com os investigadores. Eles se mostraram sem tempo para conversas, e cada qual soube se esquivar com a desculpa de que qualquer informação só poderia ser dada pelo delegado. Quando Luci pensou que a vida de seu filho e de seu pai dependiam da perícia desses homens, sentiu um aperto no coração. Seriam competentes? Não se pareciam, em absoluto, com os investigadores de polícia, fortes e saudáveis, que vestiam terno e gravata, como acostumara ver nos filmes americanos.

O dr. Asdrúbal fez sinal para que entrassem em sua sala.

A mesa estava abarrotada de pastas com capa de papelão duro e desbotado, certamente contendo processos em andamento. O delegado empilhou as pastas num canto, abrindo espaço no centro da mesa. Chamou um assistente e lhe pediu que trouxesse a placa.

Estavam lá, no cimento, as marcas das mãos!

Abaixo, a data e a assinatura do pai. Sim, não havia dúvida, era a assinatura do pai, reconheceu Luci. Instintivamente, ela abriu os dedos e devagar aproximou suas próprias mãos das marcas espalmadas, impressas pelo pai. Colocou seus dedos sobre as marcas dos dedos dele, deixando-os assim por um momento. Depois, retraiu as mãos rapidamente, talvez envergonhada, percebendo o absurdo de seu gesto.

Como saber se aquelas mãos eram realmente as dele? Como saber se fora ele quem assinara? Como saber?

— A assinatura confere, certo? Acreditar que foi seu pai é acreditar que ele está vivo — disse o delegado.

— Mas, delegado, por favor... — Leandro levantou-se para olhar mais de perto a placa. — Que garantias temos de que tudo isso não é uma farsa?

— Cinquenta por cento! — respondeu o delegado. — Cinquenta por cento! — repetiu. Em seguida, aparentando impaciência, disse: — Esse número está bom para vocês ou preferem outro? É exatamente a metade da chance de ter sido ele, por estar vivo, ou de não ter sido, por estar morto.

— Meu Deus, dr. Asdrúbal?! — Luci se desesperou, já começando a soluçar.

— Então, acreditem em mim. Confiem em mim, poxa! Ele está vivo, e ponto-final.

Dito isso, o delegado respirou fundo e, parecendo mais calmo, começou a falar pausadamente:

— Tudo leva a crer que essas são as mãos de seu pai; a assinatura é dele e ele também escreveu a data. A placa foi deixada junto com o bilhete, ao lado da imagem de Santo Expedito, no altar pequeno da igreja, provavelmente depois da missa das seis. O padre a encontrou e a trouxe até nós. Agora, sem perder mais tempo com perguntas, vamos tratar do assunto *resgate*, que é mais importante.

* * *

Mas... Nem se Leandro vendesse a casa, a chácara de seu Vito, a caminhonete e mais o carro dele, ainda assim não teria o dinheiro para pagar nem sequer uma parte do resgate. Nem se arranjasse dinheiro com todos os conhecidos que tinha. Nem se pedisse empréstimo no banco, jamais conseguiria cobrir aquele valor. Nunca, nunca, nunca! Não tinha jeito!

— Vejam só — disse o delegado, parecendo pouco preocupado com a reação de Leandro e o que representava aquele montante de dinheiro exigido pelos sequestradores —, vejam só. Esses caras são mesmo engraçados. Arrumaram um jeito que considero até profissional para respondermos a eles. Vejam só: foram profissionais na forma, mas inexperientes no conteúdo. Se fosse ainda um jornal da capital, de grande circulação! Porém, foram escolher justamente o jornal da região! Vê se pode uma coisa dessas! — O delegado falava com ar de descrédito, até de zombaria, balançando a cabeça, inconformado, enquanto olhava o bilhete: — Eles estão bem embaixo do nosso nariz e não estamos vendo!

A família teria de fazer publicar na Seção de Classificados de *O Diário de Ponte Alta*, no dia 19, uma oração de pedido de graça a Santo Expedito, padroeiro dos negócios, identificada com a letra V. A publicação em si significaria a concordância com o valor integral do resgate. Esse, conforme exigido no bilhete em letras garrafais, seria o único jeito de o corpo de seu Vito não aparecer, da próxima vez, petrificado inteiro dentro de um bloco de cimento.

— Pa... pa... pagar...? Como? — Leandro continuava gaguejando, os olhos arregalados.

Luci chorava baixinho ao lado dele, fazendo somas mentais absurdas, sem ver saída. Com quanto poderia contribuir André, seu irmão, que vivia de uma bolsa de estudos numa universidade fora do Brasil?

— Calma, calma aí, gente. As coisas não podem ser feitas assim. Mesmo se vocês tivessem todo esse dinheiro, pagando rápido corre-se o risco de eles pedirem ainda mais. Precisamos ganhar tempo. Quanto mais tempo, melhor. Antes, vamos exigir que eles se pronunciem sobre o garoto.

A menção da palavra "garoto" fez Luci soluçar mais alto.

— Calma, dona Luci. Vamos, primeiro, pedir notícias. É o que vamos fazer, evitando correr riscos. Enquanto isso, acho bom vocês irem calculando o máximo de dinheiro que conseguem arranjar. Falem com os parentes, os amigos, os amigos dos amigos, amigos de seu pai, fale com seu irmão, dona Luci; só não assinem nada nos bancos, nada, por enquanto. Eu sei o que estão passando, é difícil, mas...

AO PAULO

ND-SE

URTAMENTOS

NA L

TS

TO
Fleto a partir deste ve-
re e venda em toda BR
ob dentro/fora do po-
s especializada desde

A Nº1 EM FLATS

ORMITÓRIOS

JN
noiro c/ pisos e arma.
170m². Jates, Jugs,
churt. Linda vista. Or

IDEM-SE

AS

NA L

QUARA
Renal City Campo Gde

VENDEM-SE E ALUGAM-SE

COMERCIAIS

ITAPECERICA
280.000m² de terreno. Área p/in-
corporação. Zona Mista. A 29km
R3700m. R0

OUTRAS MARCAS

86/86 modelo Branca nova
vê a leilão dia 18/06/2008 as
13:30hs cadastre-se. ☎ (11)

COMUNICADOS

ABANDONO DE EMPREGO

Solicitamos o comparecimento da
120.115, comunica o extravio dos
títulos de Nota fiscal modelo 1 do
nº001 a 250 e A250 auto-
modo em 26/04/1995.

Meu Santo Expedito das causas justas e urgentes, socorrei-me nesta hora de aflição e desespero, intercedei por mim junto ao Nosso Senhor Jesus Cristo. Vós que sois o santo dos desesperados, vós que sois o santo dos desempregados, dos aflitos, dos desamparados.

Atendei ao meu pedido:

"Santo Expedito, vós que sois um santo guerreiro, ajudai-me com notícias de meu filho. Dizei-me por onde ele anda, dai-me provas de que está bem e com a saúde perfeita. Para que assim eu possa cumprir integralmente com a missão a mim destinada, a mais cara da minha vida, e ter não só o pai, mas também o filho de volta".

Meu Santo Expedito, ajudai-me a superar estas horas difíceis, protegei-me de todos os que possam me prejudicar, protegei a minha família, atendei ao meu pedido com urgência. Devolvi-me a paz e a tranquilidade. Serei grata pelo resto de minha vida e levarei seu nome a todos os que têm fé.

Obrigada - V -

Agente (e) mineral, vegetal, animal, ou
me p/ agricultura ou gado, sede (+)

CHÁCARAS E SÍTIOS

ASSIS SP
Sítio 3 alqs. mini horti, incluindo
vendas cavalos M.M. ☎ (18)

CASTELO BRANCO KM

CLÍNICA TERAPÊUTICA E ESTÉTICA

COMUNICADO
comunica o extravio dos
títulos de Nota fiscal modelo 1 do
nº001 a 250 e auto-
modo em 26/04/1995.

AG. LIDER

Investigações de alta padrão
- Atend. 24 Hs.

DETETTES

Investigações Conjuntas Empresariais

DETTES

Investigações Gerais. Alto Nível.
- At. 24hs.

ESOTERISMO

AMOR RE

Não sofre mais
amorado/mara
seus pls em 24h
coi

JOGA-SE CA

Búzios & Taub. Su-
feto todo. Faça U

MÁQU MOTO

BLOCOS DE
Máquina de gran-
bitação. Hódica
forma e/ 24 bits
estado. Venda

GRÁFICA

enxica o furto de
em branco mod.1
ta H 950, com

GUINDAS

Guindada marca
cap. 120m c/ car-
1622. Maiores

PRENSA DE

80ton. R315m.

DETT

ABA AG. U
Investigações de a
- Atend.

ACTIVA DE

Investigações Con-
rúis

ELITE DETE

Investigações Con-
rúis

EMPRES PARTES

LAVANDERIA
COSTURA CH
Oportunidade ☎

12. Pão com mortadela

Pão com mortadela.

Outro dia passaria a pão com mortadela.

E seu Vito já não sabia mais desde quando só comia pão com mortadela, acompanhado de um copo de leite.

Ah, que saudade da comidinha que ele mesmo preparava na chácara. Coisas simples, sem o mínimo requinte culinário, mas tão gostosas... Arroz branco com dois ovos fritos em cima, salada de tomate e muito azeite, por exemplo. Seu Vito fechou os olhos por um instante. Sim! Sim, o copo de vinho. Como ia se esquecendo? E o que teria de sobremesa hoje? Queijo branco com goiabada cascão. Depois, a sesta na rede da varanda. Pra lá e pra cá, indo e voltando, sentindo levezinha a brisa no rosto, ouvindo o canto dos passarinhos, os pensamentos longe. Só iria acordar lá pelo meio da tarde. Então, era esperar o sol descer um pouco mais, desenrolar a mangueira do poço, ligar a bomba e borrifar água nas plantas. Eta vidinha boa! Também pudera, não era para menos: havia trabalhado desde menino e merecia uma vida digna de aposentado.

Ainda bem que fizera a opção pela chácara, pensou. Por ali, onde morava, a vida era simples, mais autêntica e próxima do essencial. Sem os tantos excessos, apelos supérfluos e gastanças de quem vive numa cidade grande. "Vida verdadeira, minha filha: mais água e menos espuma" — era assim que gostava de definir para Luci a diferença entre morar numa cidade pequena e numa cidade grande.

Se não tinha tudo que queria, tinha aquilo de que precisava, graças a Deus. E não precisava de muito para ser feliz. Bastava descobrir no quintal o primeiro broto do ano na jabuticabeira, bastava ver os filhotes de andorinha já impacientes para pularem do beiral do telhado. À noite, assistir ao jornal na TV e ir, aos poucos, tomando uma cachaça aos golinhos, filosofando consigo mesmo sobre as notícias, tirando as próprias conclusões sobre a vida, sobre o mundo. Quem sabe, no dia seguinte, enquanto cuidasse dos pássaros, deixasse cozinhando em fogo brando um feijão-preto com pedacinhos de carne de porco, só para dar um gostinho, e comesse com a alface e o jiló que colheria da horta. Francamente... Não existe coisa melhor do que isso tudo, existe? Ah, sim, existe — seu Vito lembrou-se de pronto. Existe, sim: o telefonema sempre esperado, a voz do neto, do outro lado da linha — "Vô? Posso ir amanhã, vô? Posso passar o fim de semana com o senhor na chácara? Posso?".

— Mortadela outra vez? Eu não aguento!

Seu Vito voltou a abrir os olhos ouvindo a mocinha reclamar.

— Puta merda! — soltou ela o palavrão enquanto desfazia o embrulho de papel, com o nome da padaria impresso em vermelho.

— Também não aguento! — resmungou o parceiro. — Você acha que, na casa dele, aquela baita casa, ele come mortadela todo dia? É um miserável, um pão-duro. Pra gente, só compra isso!

Seu Vito previra: mais cedo ou mais tarde, eles mostrariam realmente quem eram. Impossível se fingirem de bons ou maus, dia após dia, fechados dentro de um barraco, olhando apenas para a cara um do outro.

A mocinha, pensou seu Vito, talvez fosse a namorada do chefe. E o velho, pelo comentário que fez,

poderia ser um vizinho ou até parente da moça. Porém, tinha quase certeza de que os dois tinham embarcado nessa história perigosa um tanto inocentes, achando que seria fácil, rápido, e que ganhariam muito dinheiro. "No fundo, no fundo", pensou seu Vito, "eles estão impacientes, os nervos à flor da pele; por isso, é preciso tomar cuidado e continuar mantendo a postura de inofensivo, de humilde".

Se o velho e a mocinha começavam a dar sinais de impaciência até para comer, quem precisava de paciência era seu Vito. Comer outro pão com mortadela não era nada perto da paciência necessária para, lentamente, com muito tato, ir criando alguma cumplicidade com seus carcereiros. Sabia que não devia olhar diretamente nos olhos deles, nem forçar conversas sem sentido, pois tudo poderia se transformar numa tragédia. Porém, o momento certo de agir — ele pressentia — estava se aproximando.

— Come aí! Ou vai ficar só olhando o chão? — disse a moça para seu Vito, e depois virou-se para o parceiro, rindo e falando com a boca cheia: — O coitado também não aguenta mais pão com mortadela.

Retirando dos dentes um fiapo, continuou falando:

— Não pense que vem coisa melhor, porque não vem não; carne, peixe frito, pizza, essas coisas... Já era!

Pela primeira vez — seu Vito notou ela lhe dirigia a palavra diretamente, num tom de voz que não parecia tão rude.

Seu Vito apenas sorriu e esboçou um brinde, levantando o copo de leite.

13. Bife com fritas

Renato olhou para o *game* em suas mãos.

O tempo passando rápido, rápido demais. E quanto mais o tempo passava — ele sentia mais o avô corria perigo. Precisava agir depressa, depressa!

Sentado, embaixo do parapeito da janela, depois de ter ouvido o que antes havia sido ave e havia sido cão falarem dele, Renato pensou que tinha dois... dois não, corrigiu-se a tempo: três urgentes problemas a resolver. Sentia-se meio tonto. O estômago doía de fome. Tentou organizar melhor os pensamentos.

A primeira urgência, o maior problema de todos: salvar o avô.

Mas, para salvar o avô, antes precisava de algo mais urgente ainda, que era — levantou o segundo dedo da mão para ajudar na concentração — o segundo grave problema: precisava comer, simplesmente comer para não morrer de fome, para recuperar as forças.

O terceiro problema — que já nem sabia mais se era problema ou solução — era decidir se deveria usar o *game* para resolver os dois problemas anteriores.

Pronto. Ficou contente. Nem tanto pela conclusão a que chegara, mas por ter conseguido concluir um raciocínio, já que sua cabeça parecia querer voar e voar, e nem mesmo acreditava se tudo aquilo estava acontecendo a ele.

Até agora, bem ou mal — esforçou-se para continuar concentrado —, nem tudo parecia tão ruim assim, concluiu. Não estava ruim porque não havia usado o controle desde a encruzilhada? Se tivesse usado o controle, teria acontecido de aquele cão e aquela ave se transformarem e falarem dele? Se usasse o controle agora, iria desfazer o que estava acontecendo? Iria zerar tudo e teria de começar numa outra fase, em outro lugar, do zero? Uma coisa era certa: em algumas situações, ele até poderia decidir se usaria ou não o controle; porém, em outras, de risco iminente, como na praia e no avião, era como se jogassem com ele, como se ele fosse o herói, o herói dos *games*, mas com o controle nas mãos de outro.

Sentiu como se a cabeça estivesse girando, os pensamentos dando voltas, outra vez, outra vez. Instintivamente se levantou para olhar pela janela.

Mas não havia mais ninguém lá! Como era possível?

Percorreu com os olhos toda a extensão da casa e voltou a fixar o olhar na mesa. Ela estava diferente do que era! Nela, agora, uma toalha branca e um prato virado de cabeça para baixo. De um lado do prato, o garfo. Do outro, a faca. Na frente, um copo cheio do que parecia ser laranjada.

Renato fechou os olhos. A dor voltou mais forte ainda. Virou-se e deixou seu corpo deslizar outra vez pela parede, até cair sentado sob o parapeito da janela. Voltara a sentir a dor. Uma dor tão intensa na boca do estômago que o fez largar o *game* no chão e, com as mãos, massagear a barriga.

Um aroma muito especial começou a chegar até ele. Inebriante, tentador, irresistível. Como se a comida tivesse ficado pronta e fosse posta à mesa. Será que estava delirando?, perguntou a si mesmo.

Renato levantou-se rápido e olhou direto para a mesa. Era o que imaginara: a tigela de arroz ao lado da de feijão. Na bandeja prateada, tomate e alface. Mais no canto, o que era aquilo? Bifes! Bifes

acebolados! Renato quase gritou de felicidade.

Sim, era dali que vinha o cheirinho bom que quase o matara de fome. "Bifes acebolados", repetiu para si em voz alta. Ao lado dos bifes, noutra bandeja de alumínio, a outra coisa de que mais gostava de comer na vida, além de bife acebolado: um monte de batatas fritas!

Quando Renato deu por si, já havia pulado a janela, sentado à mesa, desvirado o prato e enchido até o máximo de arroz, feijão, dois grandes bifes, e faltava ainda arranjar um cantinho onde colocar as fritas,

* * *

Ufa! E foram três pratos cheios.

Renato comeu rápido demais sem se importar em mastigar direito.

Engolia as garfadas ao mesmo tempo que vigiava tudo ao seu redor, do mesmo jeito que os pássaros faziam quando pousavam no comedouro da chácara do avô, assim como os pombos na praça mordiscando o milho do chão; sempre alertas, desconfiados, o olhar atento, como que aguardando pelo pior.

Se sua mãe estivesse ali, certamente ralharia com ele. Primeiro, por comer depressa, engolindo a comida sem mastigar, porque iria fazer mal. Segundo, pela falta de educação, por comer demais na casa dos outros. "Três pratos! Que vergonha, Cláudio Renato!" — quase podia ouvir a bronca da mãe. "Mas, mãe, a senhora não entende. Imagine a minha fome, mãe?!".

Entre uma garfada e outra, Renato cuidou de vigiar a porta, que da janela, pelo lado de fora, não tinha como avistar. Concluiu que eles só poderiam ter saído por ela.

Renato levantou-se da mesa. As tigelas, o prato, o copo, vazios. Sentia a barriga quase a explodir de tão cheia. Recolheu com o garfo um resto de comida da toalha e despejou no prato. Em sinal de agradecimento, achou que seria educado juntar as bandejas, as tigelas, o prato, os talheres e empilhá-los dentro da pia, como sua mãe ensinara. "Está vendo, mãe?". Feito isso, deu um tapinha de leve perto do umbigo e, sem querer, deixou escapar um arroto — "Ih! desculpe".

Por um instante, a sensação boa de quem se sente restabelecido, forte e pronto para a luta.

Mas, e esse sono agora? Esse sono que sentia, fora de hora? O maior sono do mundo!

Não, não podia ser normal. Mal conseguia continuar em pé. Isso não podia acontecer. Porém, precisava dormir, necessitava de cinco, dez minutos de sono que fosse, e voltaria a ficar bom.

Renato chegou a pensar que haviam posto algo naquela comida. Algum pó, alguma poção, porque nunca sentira tanto sono em sua vida. Sim, era isso! Nos filmes, tinha visto muitas vezes cenas assim. "Não é porque eu comi demais, não, mãe... Não é!".

Mas, se dormisse, sabe-se lá o que fariam com ele.

Foi então que, num misto de coragem e confusão mental, Renato tomou a decisão: o melhor a fazer era abrir logo aquela porta ao lado e enfrentar o que tivesse de enfrentar, antes que caísse de sono.

Talvez porque o sono fosse tamanho, quando Renato pôs a mão na maçaneta, já meio tonto e em devaneios, os pensamentos fugindo, descontrolados, imaginou por um momento se por trás daquela porta encontraria de fato o quarto de dormir da casa. Só e tão somente isso: um quarto para fazer a sesta. E quem sabe esse quarto fosse fresquinho e nele, num canto, houvesse uma cama macia com lençóis limpos

e cheirosos?... Há quanto tempo não dormia numa cama de verdade?

Hesitou um instante em girar a maçaneta, e nesse momento lembrou-se do *game* portátil. Com a fome, esquecera-se dele lá fora, na grama, perto da janela. A fome o fizera esquecer-se de tudo e agora o sono invencível o forçava a abrir logo aquela porta, antes que caísse no chão.

Reuniu todas as forças que tinha para continuar acordado mais um segundo. Tentou se concentrar, lembrando-se dos problemas que enumerara para resolver. Mas seus joelhos se dobravam. Os olhos fechavam. Jamais conseguiria voltar até a janela para pegar o *game*. E se precisasse dele?

Só mesmo algum feitiço na comida para sentir o que sentia. Foi esse o último pensamento de Renato ao girar a maçaneta.

Lá estava ela! A cama macia com lençóis brancos e o cheirinho de coisa limpa. Havia ainda dois travesseiros enormes pedindo que ele deitasse, urgente.

Renato se jogou de onde estava, os pés sujos, encardidos, contrastando com os lençóis limpos.

Uma brisa fresquinha soprava de algum canto. Um segundo depois e já estava mergulhado no mais profundo sono.

* * *

Bastou pouco tempo para Renato identificar as vozes que pareciam vir das profundezas.

— Ótimo. Ele agora sonha.

— Graças à sua habilidade essencial, tudo está acontecendo naturalmente.

— Sim. Na verdade, a habilidade consiste em proporcionar tal prazer à mesa que depois o faça sonhar um sonho dirigido. Mas os méritos não são meus, são dele, por se deixar levar pela intuição.

— Ele ainda precisará de nós?

— Não creio. Talvez, no momento decisivo, o Mestre dos Jogos nos convoque. Mas a sua coragem, o bom-senso e raciocínio rápido o fizeram merecedor do bônus. Os Emissários Voadores, tanto o pequeno pássaro como o inseto azul, já cumprem suas missões, cada qual numa frente. Quando acordar, ele sentirá o peso da responsabilidade, mas aposto que a determinação em encontrar o avô o levará a fazer o que deve ser feito, o levará a vencer o próximo desafio, o mais difícil de todos.

— Se é o mais difícil de todos, Guia das Trevas, será então o combate com ele mesmo!

— Sim. Mas vamos deixar que ele descanse e sonhe.



14. Tico-tico

Assim que terminou de comer o sanduíche, seu Vito fez o sinal da cruz.

— Cruz-credo! — espantou-se a mocinha. — Ele agradece a Deus até por pão com mortadela! Está na pior, hein?

— O homem tá certo! — exclamou o parceiro. — Por acaso santo não come mortadela? De pinga, eu sei que santo gosta. Toda vez, antes do primeiro gole, sempre ofereço um pouquinho para o meu santo...

Seu Vito, sentindo o ambiente mais amistoso, sorriu e perguntou se poderia recolher as migalhas que tinham caído no chão.

— Nossa! Tá ainda com fome? — debochou a mocinha. — Fica calmo aí, velho, que na janta tem mais pão com mortadela. — Terminou de falar e deu uma risada, a boca escancarada.

— As migalhas não são para mim, são para o meu amigo. Na verdade, nosso amigo.

— Amigo? Que amigo? — O parceiro levantou-se rápido, empunhando a arma. — Quem tá aí? — gritou.

— Calma! — disse rindo a mocinha. — É tanta mortadela que já engordurou os seus miolos? Não tem ninguém, não! — Pediu ao parceiro que abaixasse a arma e voltasse a se sentar.

— As migalhas... Posso? — seu Vito tornou a perguntar. E, com todo o cuidado do mundo, o mais lentamente possível, ensaiou um gesto de quem iria se agachar para colhê-las. — Todo dia o nosso amigo tem vindo nos visitar, vocês vão ver... Com licença?

Seu Vito continuou agachado recolhendo com as mãos as casquinhas de pão. Recolheu as que tinham caído embaixo dele, depois pediu permissão à mocinha para recolher as que estavam perto dela. Finalmente, recolheu as migalhas que haviam caído do pão, do lugar onde o parceiro dela estava. As migalhas dos sanduíches de todos esses dias quase encheram a palma da sua mão.

Pediu educadamente se poderia levantar e chegar até a janela. Janela, não. Um quadrado mínimo com os vidros quebrados; na verdade, um pequeno vitrô. A única entrada de luz de todo o barraco.

Seu Vito colocou sobre o batente o punhado de migalhas. Depois, voltou a se sentar no chão, no lugar de sempre, com as costas apoiadas na madeira, as mãos para trás, e disse:

— Agora é só ter um pouco de paciência e esperar pela ilustre visita do nosso amigo.

Nem bem se passaram cinco minutos e um tico-tico pousou no vitrô. Saltitante de alegria, o topetinho empinado, foi devagar, o olhar desconfiado, acercando-se das migalhas. Parecia até sorrir de alegria ao bicar a comida, atento.

Desde quando haviam lhe tirado o capuz e desamarrado suas mãos, seu Vito notara a presença do pássaro no vitrô. Presença que vinha se intensificando à medida que o chão do barraco ia ficando coberto por casquinhas de pão.

— Que lindo! Ai, que lindo! — exclamou a mocinha. — Que pássaro é esse?

— Pardal — respondeu o parceiro, mirando o passarinho com o revólver.

— Na verdade, é um tico-tico — corrigiu seu Vito. — Vejam como ele anda aos pulinhos. E o topetinho empinado mostra que é um macho.

— Isso mesmo! Topete empinado é coisa de homem metido a macho, metido a besta — interveio a mocinha.

— Mas esse aí não é nenhum machão. Ao contrário — disse pausadamente seu Vito. — Não sei se você sabe, mas, na época do acasalamento, o tico-tico macho ajuda muito a fêmea. É um pássaro solidário. O casal precisa ser bastante unido para fazer o que fazem. O macho divide o trabalho de fazer o ninho, a fêmea bota os ovos e depois ele divide com ela o trabalho de chocar e alimentar os filhotes, mesmo se um dos filhotes não é dele.

— Como assim... não é dele? Vai me dizer que no mundo dos pássaros também existe essa de traição, de pular a cerca? Passarinha que põe chifre no passarinho? Nossa!

— Não, não é bem o que você está pensando. O tico-tico é um passarinho especial. É um dos primeiros a acordar e um dos últimos a dormir. Um dos poucos pássaros que cantam tanto de dia como de noite. Acho que sofre de insônia.

— Espera aí! Mas que negócio é esse de criar filho dos outros?

A mocinha estava interessada na conversa, notou seu Vito, e isso era bom, muito bom. Sentiu que não seria difícil nascer dali alguma cumplicidade. Porém o parceiro, ao seu lado, embora ouvisse a conversa, fingia não prestar atenção, continuando a manter os ares de carcereiro, com a arma em punho, vez ou outra mirando o pobre do tico-tico.

Seu Vito perguntou a ela:

— Você conhece um pássaro chamado chupim?

— Não, nunca tive a honra de ser apresentada a nenhum.

— O chupim — foi explicando seu Vito — é um pássaro preto que tem quase o dobro do tamanho de um tico-tico. Acho que você já deve ter visto um. É um parasita de ninhos.

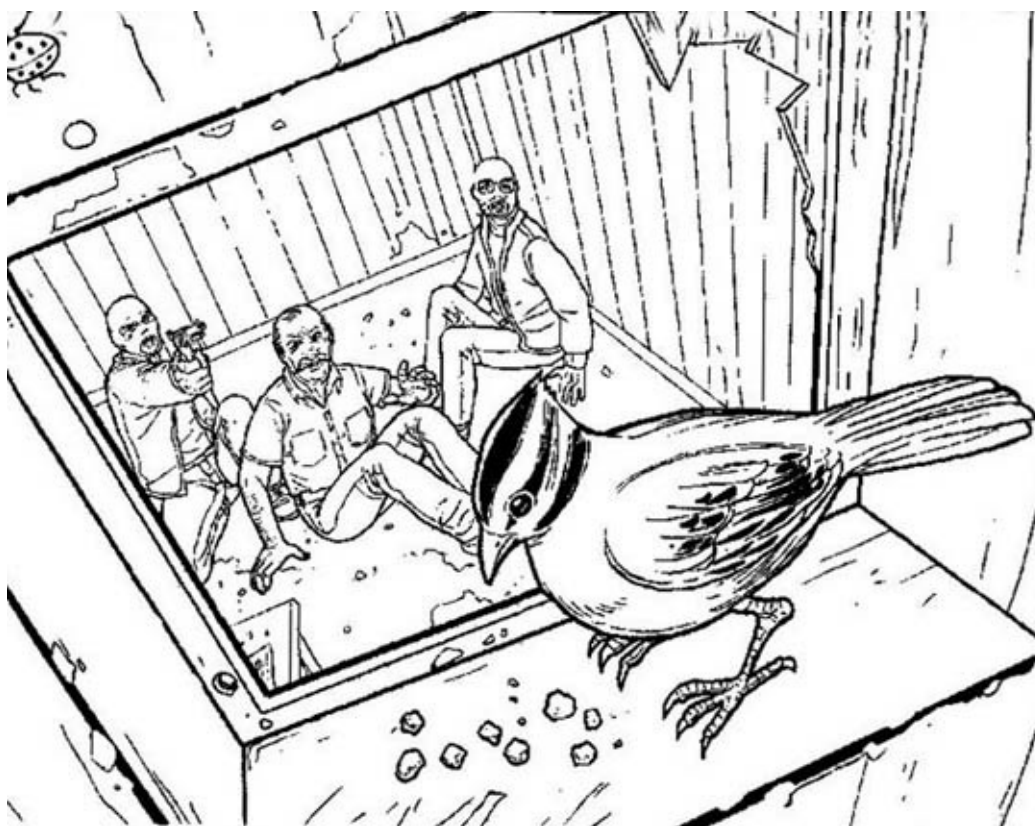
Isso quer dizer que ele não se dá ao trabalho de construir ninhos; simplesmente põe seus ovos nos ninhos dos outros, e geralmente escolhe o tico-tico para vítima. Como também não se dá ao trabalho de chocar e, o que é pior, de alimentar o próprio filhote depois que nasce. Ele transfere toda a responsabilidade para os pais postiços.

— Que folgado, hein?

— É verdade. E o tico-tico cria o filho adotivo como se fosse dele, com o maior carinho.

Seu Vito apontou o dedo em direção ao pássaro, que já terminava a refeição de migalhas no vitrô, e disse:

— Vocês precisam ver o esforço que esses bichinhos fazem para encher a barriga de um filhote de chupim. É o dia inteiro pondo comida na boca. O filhote de chupim, além de ser um bebezão chorão, bem maior do que um tico-tico adulto, fica o tempo todo piando, chamando a atenção para si, como se tivesse a maior fome do mundo.



De repente, ouviu-se um estrondo no barraco, espantando o pássaro para longe. O chefe irrompeu porta adentro empunhando a arma, o gorro de lã puxado até o pescoço. Na outra mão, um jornal dobrado.

15. Alarme

Ao acordar, Renato se sentia outro. Disposto, transbordante de energia. Parecia ter dormido uma eternidade.

Caramba! Durante quanto tempo havia dormido?

Assim que abriu os olhos, demorou um segundo para se localizar. Ainda deitado, olhou ao redor e, aos poucos, foi percebendo as paredes, o quarto, os lençóis. De repente, lembrou-se de tudo.

Que dias mais loucos!

De olhos bem abertos, o desânimo começou a tomar conta de Renato. Ainda deitado, pensou que era como se sua vida tivesse virado do avesso. Uma total inversão na ordem das coisas. Porque agora ao acordar, concluiu, era como se começasse o pesadelo.

Não, realmente, não dava para entender o que estava acontecendo com ele, nem com ele nem com o mundo. Por que ele e o avô teriam sido escolhidos? Não, não havia nada pior do que se sentir perdido, sozinho e com medo. E ter de fazer alguma coisa, mas sem saber como agir para encontrar o avô.

O quarto continuava na penumbra, embora o sol brilhasse forte, lá fora. De um canto, soprava uma brisa que Renato sentia no rosto. Os lençóis e o travesseiro ainda quentes, amoldados à forma de seu corpo, convidando a voltar a dormir. A dormir e a esquecer. Esquecer, esquecer, esquecer...

* * *

Renato olha para o teto.

No alto, no canto superior direito, confere o *timer*: 53, 52, 51, 50. É quando o alarme dispara: uau, uau, uau, uau!

O som estridente dispara, agonizante, mostrando que seu tempo está chegando ao fim: 42, 41, 40, 39. Precisa correr, sair dali o mais rápido possível!



É o teto que desce? É um beco sem saída? Um túnel? Sim, a luz no fim do túnel! Mas, quanto mais corre em direção à luz, mais parece que ela se distancia.

Não, não é um túnel o lugar onde ele está. Mas um corredor que vai se estreitando, em que ele mal cabe dentro. Uma caixa! Sim, uma caixa comprida de concreto em que o teto desce. Desce sobre ele! O teto desce rapidamente sobre sua cabeça, ao som repetitivo do alarme — uau, uau, uau —, registrando os segundos que ainda faltam para... esmagá-lo?! 21, 20, 19, 18...

Renato respira. Pensa. Rápido: é preciso decidir o que fazer!

Quando sente o teto quase roçar seus cabelos, ele se joga no chão. Agacha, engatinha, se arrasta, se esforça como cobra enlouquecida, se estica todo como raiz de árvore, as pontas dos dedos quase a tocarem a luz, quando um peso insuportável nas costas começa a espremê-lo devagar, moê-lo devagar. Estanca, sufoca. E tudo escurece. Até, por fim, se sentir esvair como líquido.

16. O bilhete

O chefe jogou com raiva o jornal sobre a mesa. Olhando para a mocinha, disse:

— Merda! Ainda mais essa. Agora vamos ter de inventar uma história sobre aquele moleque desgraçado.

Encarou seu Vito, que prontamente desviou os olhos em direção ao chão.

O chefe gritou:

— Ô velho. Você aí, está me ouvindo? Você vai escrever num bilhete que o moleque está bem. Vai escrever alguma coisa sobre o moleque agora!

Seu Vito começou a compreender o que poderia estar acontecendo.

De tanto o chefe não desgrudar os olhos daquela página dobrada do jornal (embora, de onde estava, só conseguisse ver que não era nenhuma manchete, foto, ou mesmo notícia sobre o sequestro, e sim uma página com vários anúncios pequenos, do tipo classificados), pensou que a resposta ao pedido de resgate, feito com as marcas de suas mãos no cimento, estava, de algum modo, naquele jornal. Era, provavelmente, uma resposta negativa, porque exigia notícias de Renato, concluiu.

A polícia, seguramente, acompanhava o caso, pensou seu Vito. Mas, se pediam notícias do neto, era porque ninguém sabia onde estava, nem mesmo a polícia. Então, perguntou a si mesmo: o que significava aquilo? Preocupou-se... O pior? O disparo que ouvira? Não, não podia ser...

O chefe, com brutalidade, jogou em cima de seu Vito a caneta e um papel de embrulho.

— Escreve aí, velho! Escreve que o moleque está bem. Que ele está aqui, com você.

Seu Vito fez como se estivesse pensando no que escrever, tentando ganhar tempo, refletindo. A cabeça baixa, a caneta sobre o papel marrom engordurado de mortadela, apoiado sobre o joelho. Depois, disse, tentando transparecer a maior serenidade do mundo:

— Se me permite, acho que eles não vão acreditar no que eu escrever. Eles querem é que o próprio menino escreva.

— Velho vagabundo! Vai discutir comigo agora? — O chefe deu um safanão em seu Vito. — Escreve qualquer merda aí. Cão do inferno!

— Ei!; ei!, calma. Não precisa machucar ele — disse a mocinha.

— O que é? De que lado você está? — O chefe encarou a garota. Depois; olhou sério para o comparsa: — E você? Está com peninha dele; também?



Foi quando seu Vito jogou uma cartada decisiva.

Sabia o risco que estava correndo. Assim mesmo foi em frente; enchendo-se de coragem, num misto de vingança, ódio, ameaça e desespero, tudo ao mesmo tempo.

O que mais pesou em sua decisão, apesar do erro fatal que podia estar cometendo, foi pensar que, se o neto estivesse morto, ele também poderia morrer, pouco se importava. O que mais restava da vida?

Seu Vito pôs, então, a caneta no chão.

Bem devagar, quase como num gesto teatral, pegou o papel com as duas mãos e com as pontas dos dedos começou a rasgá-lo, a picá-lo, a repicá-lo em pedacinhos, enquanto encarava o homem encapuzado e dizia com firmeza, olhando diretamente para os seus olhos:

— Pode me matar. Não me importo. Pode atirar... Não vou escrever nada. Só quero saber do meu neto!



17. Aqui, agora

Embora Renato sentisse medo, muito medo, ele se sentia mais era arrasado, pois o jogo chegara ao fim: havia perdido, havia sido derrotado; ele perdera! E, embora não soubesse o que fazer, sabia que era preciso agir. Precisava agir! Não podia continuar naquela cama nem mais um minuto. Mas não tinha a mínima vontade de se levantar, a mínima coragem, a mínima...

— Perdi! — gritou, quase chorando.

Algo dentro dele, frágil ainda, parecia querer lutar contra a sensação de impotência, de desânimo. Como se dissesse que não era hora para covardias, que o jogo não terminara: porque ele estava vivo, sobre isso não havia dúvida. Sim, estava vivo! Perdera uma fase...

— Que azar! — gritou. Só dependia dele reunir forças para continuar lutando. Mas como recobrar o ânimo diante da triste sensação de derrota?

Desde a infância, quando tinha lá seus sete, oito anos, nunca mais molhara a cama. Arrependido, sentindo-se culpado, humilhado — porque já se sentia um homem e voltara a fazer isso —, Renato, evitando se mexer para não sentir a umidade quente dos lençóis, lembrou-se então daqueles tempos... Como tinha raiva da mãe quando ela estendia o lençol no varal, parecendo de propósito para mostrar aos vizinhos a sua grande obra da noite: a mancha arredondada! Pior ainda: como se sentia envergonhado quando, nesses dias de colchão com a marca amarela, tio André vinha visitá-lo!

Renato sabia que precisava lutar consigo mesmo a fim de conseguir forças, para, ao menos, se sentar naquela cama. Não era a dor o que incomodava, e sim o arrependimento, a falta de ânimo, a melancolia. Ainda deitado, espreguiçou-se lentamente, alongando todos os músculos, como fazem os cães quando acordam. Tentou se lembrar do sonho que tivera. Com certeza sonhara, e sonhara muito. Mas não se lembrava de nada, absolutamente nada.

Sabe Deus o esforço que foi preciso fazer para, simplesmente, mover parte de seu corpo e conseguir enfim se sentar. E se sentiu satisfeito por isso. Então, algo começou a brotar dentro dele, ainda tênue como o pio de um pássaro e que talvez tenha nascido do fundo de seu coração ou das profundezas do sonho que tivera: a esperança de que nem tudo estava perdido e que ele poderia encontrar o avô.

Renato pôs os pés no chão, primeiro o direito para dar sorte, depois o esquerdo; em seguida fez o sinal da cruz, como a mãe ensinara, e deu os primeiros passos em direção à porta, mas de repente parou.

Decidiu voltar e arrumar a cama. Era também um pequeno sinal de agradecimento a quem lhe proporcionara o descanso. Achou que, fazendo assim, outro que precisasse (tal como ele precisara) encontraria a cama pronta (como a encontrara). Afinal, havia feito isso depois de comer, recolhendo os talheres e colocando-os na pia. O mesmo a mãe ensinara em relação à cama em que dormisse, e era como se ela soprasse em seus ouvidos: "Nunca se esqueça, Cláudio Renato; primeiro, ao se levantar, é fazer o sinal da cruz; em seguida, arrumar a cama". Muito embora em sua casa quase nunca obedecesse, agir assim, naquele momento, o fez sentir-se melhor e aos poucos ajudou a recobrar o ânimo.

Foi no instante em que estendia os lençóis, prendendo as pontas sob o colchão, que Renato teve o pressentimento.

Um pressentimento que o fez se arrepiar da cabeça aos pés.

Como se já tivesse visto aquela cena antes: ele, exatamente ali, arrumando aquela cama, naquele quarto... Como se tivesse sonhado isso! Como se visse a própria imagem num espelho, um espelho onde estava aprisionado. Como numa tela eletrônica refletindo a si mesmo estendendo aquele lençol... Embora aquela imagem fosse a dele, o seu rosto ali, refletido, pareceu ser o rosto de um garoto determinado, corajoso, que não desiste nunca.

Subitamente, como num lampejo, Renato lembrou-se então da enorme onda e do bebê. Em seguida, do avião e de seus pais ao lado dele! Mas isso não havia sido um sonho, havia sido o jogo, concluiu. Muito real para ser um sonho. Agora, sim, é que poderia estar sonhando... Aquele quarto, aquela cama, eram a realidade? Pois tudo parecia acontecer num outro tempo; nem futuro, nem passado, noutra dimensão. E toda essa estranheza o confundiu.

Renato sentiu pressa. Ajeitou os travesseiros conforme os havia encontrado. Antes de sair, deu a última olhada no quarto para ver se tudo estava em ordem. Então correu em direção à porta.

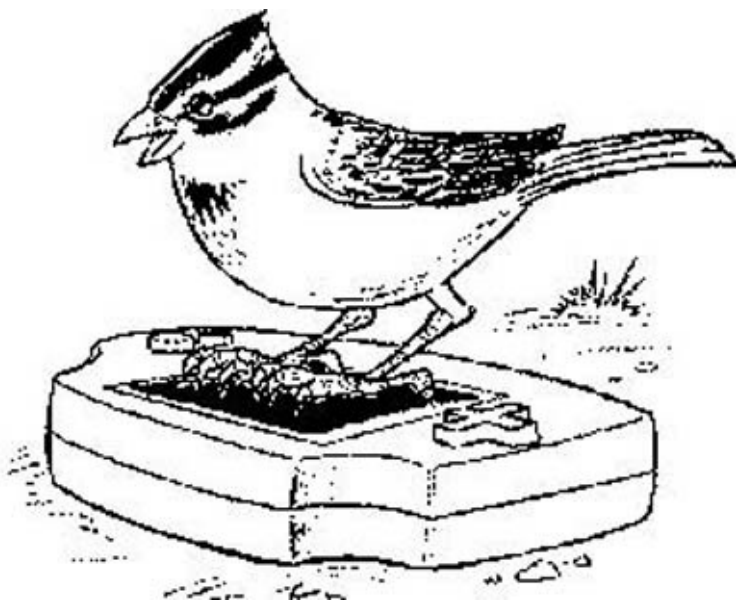
Ao abri-la, reparou que os pratos e talheres que deixara na pia haviam sido lavados. O melhor então, pensou, era ficar naquela casa e esperar.

Mais cedo ou mais tarde iria aparecer alguém para ajudá-lo. Mas teria tempo para esperar?

Ele estava justamente questionando o que fazer quando um pássaro pousou no parapeito da janela. De súbito, repetiu-se a sensação! Pareceu, também, ter visto aquela cena antes: o pássaro vir voando do quarto e pousar sobre o parapeito da janela.

Tudo estava muito estranho nesse dia.

O pássaro ali, na janela, como se esperasse por ele, a poucos metros de distância.



Renato foi se aproximando devagar, bem devagar, com muito cuidado para não assustar o pássaro. Quando estava prestes a tocá-lo, ele voou para fora.

Correu até a janela a tempo de seguir o voo curto, rasante, e vê-lo pousar no chão, bem em cima do *game*.

Instintivamente, Renato pulou a janela espantando o pássaro para longe e já se abaixando para pegar o *game*.

Estranho o pássaro pousar exatamente sobre o *game*.

"Terá sido só coincidência?", perguntou a si mesmo. Enquanto limpava a tela esfregando-a na camisa, conferindo se os controles estavam em ordem, algo chamou a atenção de Renato: os números!

FASE	PONTOS
5 / 7	5.200

Ora!

Pelo que se lembrava, a última fase registrada não era essa, além de que perdera o bônus. Será que perdera o bônus em troca de não ter perdido a vida esmagado? Teria sido ele, então, personagem de um jogo de seu próprio *game*? Passara da fase 4 para a fase 5 por ter entrado na casa, se alimentado e dormido um bom sono?

Realmente, tudo estava muito estranho naquele dia.

A última vez que utilizara o controle, lembrou-se, havia sido na encruzilhada. Agora, o pássaro pousar bem em cima do *game* não seria um sinal para que voltasse a usá-lo?

Estava assim, sem saber ao certo como agir, quando ouviu um canto vindo da árvore. Um canto simples, melodioso, na forma de um assobio que parecia dizer: "Aqui, agora". Repetindo: "Aqui, agora. Aqui, agora. Aqui, agora. Aqui, agora".

Ele correu para a árvore de onde vinha o canto. Tentou localizar o pássaro num dos galhos. Era alta a árvore, as folhas verdes e, nas pontas dos galhos, as flores vermelhas. A mesma árvore, lembrou-se, em que pousara a ave gigante quando ele se escondia do cão. Ouviu novamente: "Aqui, agora. Aqui, agora. Aqui, agora". Mas o canto já não vinha daquela árvore, e sim de outra, adiante.

Quando Renato chegou até a árvore, ainda teve tempo de ver o pássaro e reconhecê-lo. Sim, era ele! O topetinho empinando toda vez que cantava. E já não sabia se aquele era o pássaro que havia pousado sobre o *game* ou se era o mesmo pássaro, familiar, estranhamente familiar, que pareceu ter visto num sonho de antigamente.

18. Mosca azul

— Elementar, meu caro... Como diria o colega famoso: elementar... — repetiu o dr. Asdrúbal, espantando a mosca para longe. — Já posso informar o secretário de que as investigações sobre o sequestro estão numa etapa conclusiva, graças tão somente à equipe do 1º DP — completou com certo orgulho o delegado, dando pancadinhas com a lapiseira nas folhas rabiscadas sobre sua mesa.

Sentados à sua frente, dois de seus melhores investigadores. Pairando sobre suas cabeças, como helicóptero, uma mosca azul, brilhante.

— Pistas quentes — disse o investigador moreno.

— Do crime para o criminoso, a distância é mínima — completou o investigador loiro olhando para o alto e seguindo a mosca que teimava porque teimava em participar da reunião.

— Porém... Sempre há um porém — voltou a falar o delegado sendo o porém a grande interrogação do caso... E o garoto? — Olhando para a mosca, dando sinais de impaciência, o dr. Asdrúbal levantou a voz: — Onde se enfiou esse garoto?

No silêncio que se instaurou com a pergunta, só se ouvia o zumbido de asas do inseto.

O dr. Asdrúbal debruçou-se sobre as folhas rabiscadas com o relatório para o secretário, virou-se para o investigador moreno, que seguia o voo com os olhos, e disse:

— Presta atenção aqui, por favor! Concordo com você. Se houve fuga no ato do sequestro, ou se a fuga aconteceu horas ou dias depois, isso não importa. Podemos afirmar com boa margem de segurança que, se houve fuga, de uma forma ou de outra, ele já teria sido encontrado. É isso o que não se encaixa! Onde se enfiou esse garoto?

Toda a área havia sido vasculhada. Trechos e trechos da mata esquadrinhados pelo corpo de bombeiros, pela polícia e até por helicópteros em missão especial.

— Delegado, eu coloco minha mão no fogo — opinou o investigador loiro. — Coloco minha mão no fogo, aposto com quem quiser, quanto quiser, que o garoto não está com os bandidos! Com eles não está, isso eu garanto. Pelo menos, não está no lugar onde escondem o avô.

Desde que a polícia localizara o barraco e passara a vigiá-lo noite e dia, nenhum dos investigadores havia percebido qualquer movimentação que evidenciasse a presença de Cláudio Renato ali, encarcerado junto com o avô. Era exatamente esse o motivo que estava retardando a Operação Resgate (já toda desenhada a lápis nos mínimos detalhes sobre a mesa do dr. Asdrúbal, para ser submetida ao secretário). Por prudência, o delegado decidira "estourar" o cativo só depois que tivesse pistas concretas do paradeiro do garoto. Antes disso, qualquer ação precipitada poderia colocar vidas em risco.

— Onde se enfiou esse garoto? — repetiu a pergunta o dr. Asdrúbal. Pergunta sem resposta que vinha martelando sua cabeça.

Para o delegado e os investigadores reunidos em sua sala, encontrar Cláudio Renato tomara-se uma questão de honra. As várias diligências da polícia e dos demais órgãos de apoio, além de todas as hipóteses levantadas sobre seu paradeiro, nada mais eram, até o momento, do que peças de um quebra-cabeça que mesmo o dr. Asdrúbal, com toda a experiência de anos lidando com casos parecidos, não

conseguia montar.

Desde que um dos investigadores escondido na chácara de seu Vito flagrou, no ato, a pedra ser lançada na varanda (comprovando a máxima, como afirmou no dia o dr. Asdrúbal, de que "o criminoso sempre volta ao local do crime"), imediatamente a polícia se pôs no encalço dos bandidos. Seguiu pistas cuidadosamente e localizou, dias depois, o barraco que servia de esconderijo (comprovando também a hipótese do delegado de que se tratava de uma quadrilha de principiantes).

— Eu já teria "estourado" o cativeiro e os bandidos já estariam presos — afirmou o dr. Asdrúbal — se esse garoto estivesse lá, junto do avô.

Essa era a grande questão que atormentava os policiais, Cláudio Renato não estava no barraco e também não estava em nenhum outro lugar. Pelo menos, num raio de centenas de quilômetros.

O dr. Asdrúbal continuou, como se falasse consigo mesmo:

— Se tivesse levado um tiro... Vamos, vamos rever mais uma vez essa hipótese do tiro: o corpo, então, teria sido encontrado!

— Como eu disse, delegado, é minha suposição — começou a falar o investigador moreno. — A quadrilha negociou o garoto com outra quadrilha de sequestradores, esta, sim, de profissionais.

— Não sei. Pode ser, pode não ser — completou o parceiro de trabalho, balançando a cabeleira loira de um lado para outro, afugentando a mosca que havia reaparecido quase em cima dele. Depois, disse: — Só se eles estiverem aguardando o desfecho do sequestro do avô para começar a agir, dando início a outro processo de extorsão.

— Esperem aí! — o dr. Asdrúbal interrompeu. — Existe uma outra suposição, uma última suposição... — O delegado começou a falar, mas se calou em seguida, pois se tratava de uma hipótese que ele preferia nem imaginar: a possibilidade era remota, ainda assim não descartável, de parte da polícia — agentes de outras corporações que estavam participando das buscas — estar envolvida com o sequestro.

Os dois policiais esperavam atentos que o delegado completasse a frase com a última tal suposição. Mas o dr. Asdrúbal, distraído com a mosca, limitou-se a dizer:

— Esqueçam, esqueçam.

O investigador loiro se pôs de pé. Na mão, uma pasta de cartolina para tentar golpear a mosca.

— Sente-se aí! — gritou o delegado. Depois de uma pausa, prosseguiu: — Como se não bastasse o sumiço do garoto — lentamente foi levantando a cabeça, seguindo o voo da mosca e, mudando o tom de voz, gritou: —, nem o tal joguinho encontramos! Nem o...

— *Videogame*, delegado — completou o investigador moreno.

Um *videogame* portátil, único objeto do qual os pais de Cláudio Renato notificaram a falta, após as averiguações na chácara de seu Vito.

Continuou o delegado:

— Se nem esse... Como é mesmo?

— *Videogame* — repetiu o investigador loiro.

— Se nem esse treco encontramos, nem isso tivemos a capacidade de encontrar, o que dizer de encontrar o garoto?

— Por favor, delegado, por favor. Um pé do tênis encontramos! — apressou-se em lembrar o

investigador loiro, ciente da pobreza das provas.

— Só se o garoto foi abduzido por um disco voador — sugeriu seu colega rindo, tentando fazer graça para quebrar o clima de impasse que se instaurara na reunião.

— Ou só se ele está numa outra dimensão — disse, novamente de pé, seu parceiro de trabalho, embarcando na brincadeira e tentando se aproximar da mosca, que, rápida, antes do golpe com a pasta, fugiu para longe.

O dr. Asdrúbal estava preocupado com as tantas suposições improváveis que giravam e giravam em sua cabeça, sem nunca levar a lugar nenhum. E ia dar por encerrada a reunião quando ouviu tocar o telefone. Antes de atender, gritou:

— Mata logo esse bicho, já está me enchendo o saco!

* * *

— Dr. Asdrúbal? É Luci, mãe do Cláudio Renato. Nada ainda, dr. Asdrúbal?

— Ô, dona Luci. Eu disse que telefonaria se tivesse alguma notícia. A senhora já ligou hoje de manhã, não foi? Não retornei a ligação porque não surgiu nada de novo.

— Mas, delegado, está passando da hora de fazerem contato, de darem notícia sobre meu filho, não está?

— Mas não fizeram isso, não é mesmo, dona Luci? Essas coisas são assim. É preciso ter paciência.

— Paciência, paciência... O que aconteceu com o meu filho? Por que nada, ainda? E vem o senhor outra vez com essa história de paciência!

Luci mal concluiu a frase e já começava a soluçar. O dr. Asdrúbal ouviu vozes. Com certeza ela falava com o marido e chorava ao mesmo tempo.

Decidiu conter o ímpeto de encerrar a ligação naquele instante. Por uma sensação de culpa, por consideração pelo problema que os pais estavam enfrentando, por sentir pena, pena mesmo (embora não gostasse de usar o termo) da situação em que aqueles pais se encontravam, achou melhor esperar o tempo que fosse preciso para terminar aquele choro. Ouviu então um ruído no aparelho e, em seguida, a voz que já previra:

— Aqui é o Leandro quem fala, dr. Asdrúbal. Não sei se a Luci disse ao senhor... estou tentando levantar o dinheiro. Mas é impossível, completamente impossível, dr. Asdrúbal. Nem de longe vou conseguir o que eles pediram. No máximo uns dez, vinte por cento. Minha mulher está se desesperando com isso. Estive pensando: e se a gente propuser uma parte, depois outra... em prestações?

— Não, não, seu Leandro. Não é assim que as coisas funcionam. Como eu disse, se o senhor der algum dinheiro, corremos o risco de a negociação emperrar, de eles pedirem mais, aumentarem o valor. Acho melhor você continuar tentando.

— Impossível, delegado. Impossível!

Foi nesse momento que o dr. Asdrúbal sentiu vontade de dizer a eles que os bandidos já estavam sob a mira da polícia havia tempo. E que se não fosse, justamente, a questão do desaparecimento do garoto, tudo já estaria resolvido. Quase poderia afirmar, com grande margem de segurança, que conseguiria facilmente desarmar aquele bando de incompetentes e libertar o avô, são e salvo. Para isso, não precisava de dinheiro nenhum. Mas — refletiu o delegado — que inferno iria criar na cabeça

daqueles pais se dissesse que a única pista que tinham do garoto era um mísero pé de tênis?

Interrompeu então seus pensamentos:

— Calma, calma, seu Leandro. Está tudo sob controle — disse o dr. Asdrúbal. — Sobre a questão do dinheiro, seu Leandro, o senhor já recorreu aos amigos, aos parentes? Foi aos bancos? Talvez esteja na hora de ir. Veja em que condições emprestariam, sei lá, uma parte. Talvez não seja bom revelar o motivo do empréstimo. Nem sempre funciona. Mas não se precipite, por favor, e não assine nada, nada, nenhum papel, nenhum compromisso de dívida ou coisa do gênero. Aguarde instruções minhas.

Luci voltou ao telefone:

— Meu irmão que mora nos Estados Unidos, dr. Asdrúbal, está enlouquecendo. Ele queria vir e nós dissemos a ele que não, que ficasse, para que pudesse enviar o dinheiro que gastaria com as passagens. Mas é muito pouco, ainda é muito pouco o que temos, dr. Asdrúbal. Não temos recursos, somos pobres...

— Paciência, paciência, dona Luci. Eu sei, é difícil, eu sei.

Quando o delegado terminou de falar, já se apressando para encerrar a ligação, ouviu, ao fundo, aquele choro: o choro sentido de uma mãe. Choro de cortar o coração. O dr. Asdrúbal lembrou-se então de seus filhos, de seu lindo casal de filhos. Era tal desespero e aflição que fez, meio precipitadamente, o delegado se levantar e derrubar o aparelho no chão para quase estapear aquela mosca irritante! E, contra tudo que havia planejado e colocado no papel, ter uma atitude repentina e totalmente inesperada.

Ele se abaixou, pegou o aparelho e o colocou de volta na mesa, batendo com força o fone no gancho. Conferiu se o revólver estava carregado, fazendo mira, por um segundo, na direção da mosca azul, que voou para a janela, saindo em direção à rua.

A sorte estava lançada. Agora era tudo ou nada, decidira o dr. Asdrúbal. Vestiu o paletó e saiu rapidamente, seguido pelos dois investigadores, que já adivinhavam para onde estariam indo.

* * *

Antes que terminasse a rua sem saída, o delegado desligou o motor da viatura. O carro, num embalo silencioso, foi parando devagar. Os três policiais desceram. Fecharam as portas com cuidado e deram início à longa caminhada em direção ao esconderijo.

No final da rua, seguiram por uma trilha estreita. Entraram na mata. Subiram e desceram morros, com o delegado arrastando uma barriga avantajada, enxugando o suor com um lenço branco, amarrotado, fazendo que os dois investigadores vez ou outra tivessem que esperar por ele. Foi quando receberam um sinal pelo rádio: acabavam de ser informados de que o elemento que supostamente chefiava a gangue chegara escancarando a porta, dando início a um princípio de confusão. O que fez que o delegado se esforçasse ainda mais nas subidas, e nas descidas mais despencasse do que corresse, já suando por todos os poros.

Munidos de binóculos, dois policiais do grupo de apoio, no posto de observação montado a uma distância prudente do esconderijo, mantinham pelo rádio o delegado informado da movimentação dos bandidos: agora se ouviam sons vindos do barraco, aumentando, assim, perigosamente, a tensão.

Era justamente o que o dr. Asdrúbal mais temia, Que a reação do chefe, por estar se sentindo pressionado para dar notícias do garoto, pudesse, de alguma forma, colocar em risco a vida de seu Vito. Aquilo, porém, comprovava cada vez mais a hipótese de que o chefe da gangue desconhecia o paradeiro

do garoto.

Se aqueles fossem sons de gritos e palavrões, constituiriam, no caso, indícios perigosos, uma atitude típica de principiantes, gerada por raiva, medo, drogas, indicando desequilíbrio, descontrole. O dr. Asdrúbal, enxugando o rosto e o pescoço, apressou-se ainda mais e, já sentindo uma sede de camelo, ponderou consigo mesmo que uma coisa era certa: ele, o delegado responsável pelo caso, jamais iria permitir que o pior acontecesse, com ou sem o garoto.

Quando chegou, enfim, ao posto de observação, o dr. Asdrúbal mal respirava. Rapidamente pegou um dos binóculos, tentando avaliar melhor a situação no esconderijo. Em seguida, consultando mapas e anotações e tomando grandes goles d'água diretamente da garrafa plástica, ordenou aos policiais que empunhassem as armas, porque, rastejando e com muito cuidado, deveriam se aproximar o máximo que pudessem e cercar o barraco por todos os lados.

Contando o delegado, mais o investigador loiro e o moreno, eram, agora, cinco policiais ao todo, com munição pesada. Entre eles, um atirador de elite, com um rifle de repetição, calibre 12, com mira telescópica, enlaçado ao ombro.

A Operação Resgate estava começando.

Em breve, imaginou o dr. Asdrúbal (até para encorajar a si mesmo), o cativo seria "estourado", os bandidos presos, a vítima posta em liberdade, tudo sem disparar um tiro!

Conferiu o pente de balas pedindo a Deus que nem sequer uma gota de sangue fosse derramada. Disfarçando, para que os colegas não notassem, ele fez o sinal da cruz.

Rapidamente, os policiais posicionaram-se a poucos metros do esconderijo, seguindo as instruções do delegado. Permaneciam agachados, protegidos pela vegetação rasteira e pelos troncos das árvores. Estavam tão próximos do barraco que podiam ouvir o som abafado das vozes.

O dr. Asdrúbal ordenou, por sinais, que o atirador protegesse a retaguarda e ao mesmo tempo procurasse o melhor ângulo para ter como mira o vitrô. O passo seguinte: ele e os outros policiais cercariam o esconderijo, mantendo uma distância cautelosa, mas que permitisse uma rápida invasão. Sinalizou, erguendo o dedo, que ele próprio cuidaria da porta, a única porta, enquanto os outros três cobririam cada lado do barraco.

Rastejando como cobras, evitando o mínimo ruído possível, cada um foi buscando a melhor posição. Em pouco tempo o barraco estava cercado, todos a postos e preparados para avançar, só aguardando a ordem do delegado.



Este, por sua vez, esforçava-se ao máximo para ouvir as vozes que vinham do esconderijo, como

numa discussão distante. Embora não desse para entender o que diziam, ou discutiam, ele tentava identificar as pessoas para calcular a localização exata de cada uma, a distância entre elas, supondo qual estaria em pé, qual estaria sentada. Principalmente, queria se assegurar de não estar ouvindo nenhuma voz de criança.

Então, fez-se um silêncio absoluto. Tudo estava quieto. O sol castigava a colina. Toda a equipe era só ouvidos.

Um som estranho, estridente, vindo talvez do alto das árvores, despertou a atenção do delegado. Parecia chegar cada vez mais perto. Seria um pássaro? Tentou localizar olhando para cima. O canto repetitivo de um pássaro, agudo como uma voz, nos galhos ainda mais altos? De repente, o baque surdo vindo do barraco.

19. Instante derradeiro

— É o que você quer? Então vou te matar, filho de um cão! Escreve o bilhete ou vai tomar um tiro bem no meio da fuça!

Seu Vito fechou os olhos.

— Minha paciência acabou! É a última vez. Escreve!

Tantas imagens passaram pela mente de seu Vito naquele instante derradeiro... Luci, a igreja decorada com flores, o clarão das fotos, a cauda longa do vestido branco, enquanto a conduzia passo a passo em direção ao altar. E o dia em que viu, através do vidro do berçário, a enfermeira com o bebezinho que acabara de nascer. Leandro ao seu lado, bobo, feliz, acenando. A enfermeira chegou mais perto do vidro com o bebê no colo e, como se fosse uma espécie de oferenda, desprendeu o pano que cobria o sexo, desvendando o homem que daria continuidade ao seu sangue, à sua família. Seu garoto, seu companheiro. O primeiro neto. Homem, como ele!

— Escreve, filho de uma cadela... ou eu mato você!

Dito isso, seu Vito ouviu a arma sendo engatilhada.

Abriu os olhos e viu aquele homem na sua frente esticar ainda mais o braço e aproximar o cano do revólver do seu rosto, para mirar bem no meio de sua testa.

Seu Vito sorriu. Um sorriso vago, distante, contemplativo, que poderia significar felicidade.

Pegou o papel de embrulho e começou a picar devagarzinho, olhando bem nos olhos do chefe dos bandidos, exatamente como havia feito momentos antes. Não, não tinha mais nada a perder na vida.

Seguiu-se um silêncio como se o tempo tivesse congelado. Um pássaro cantou, longe.

A moça cobriu o rosto com as mãos. O parceiro, ao lado, levantou-se assustado, quebrando o silêncio ao derrubar a cadeira.

Assim que acabou de rasgar o papel, ajoelhado no chão, seu Vito já não sentia seu corpo. Seu rosto era apenas um pedaço de carne que, estranhamente, parecia querer, por si só, aproximar-se ainda mais do cano frio daquele revólver.

Tudo que restava a fazer tinha sido feito.

Seu Vito então fechou os olhos.

20. Um segundo, apenas

A culpa havia sido dele.

Ele, o único responsável pela Operação Resgate; o único ali em condições de determinar o momento certo para agir; a única autoridade que poderia ter alterado o rumo dos acontecimentos, e tinha faltado com o dever.

A culpa pela tragédia, não havia dúvida, tinha sido dele, só dele.

Todos posicionados para a ação, cada qual em seu posto. Tudo exatamente como havia planejado, só esperando sua ordem, e ele, absorto, distraído, olhando para o céu, a atenção desviada por um pássaro, um mísero passarinho que cantava, quando se ouviu o disparo.

Antes, o silêncio. Depois, o pássaro. E tiro e susto, como um raio, em seguida.

Então, agonia e desespero precipitaram a ação do dr. Asdrúbal, que correu para o barraco seguido pelos policiais. Logo a seguir, a culpa. O sentimento de impotência. O arrependimento. A vontade de fazer o tempo voltar, e não precisava muito: um segundo apenas, meu Deus! Um segundo antes de se desconcentrar, quando olhara para o alto tentando localizar entre os galhos da árvore o pássaro com seu canto instigante, repetitivo, como se dissesse algo, chegando cada vez mais perto.

Pois, se não tivesse perdido aquele precioso segundo, teria evitado a tragédia. Teria ordenado a invasão do esconderijo a tempo. Teria visto quando a porta do barraco, antes fechada, fora aberta.

Um tiro. E basta um tiro para pôr tudo a perder, para pôr um fim em tudo. Inexorável fim. O trabalho, o esforço, as alegrias, a esperança, a vida. Tudo.

Nada mais a fazer.

Se fizesse voltar o tempo... um segundo apenas, antes do disparo...

Na delegacia, na hora de escolher a palavra que faltava para terminar o relatório sobre o sequestro — palavra que melhor expressasse a surpresa que ele e os policiais tiveram quando "estouraram" o cativeiro —, o delegado ficou em dúvida.

Novamente reviu a cena: o silêncio, o canto, o tiro. Logo em seguida, sua ordem para que invadissem o esconderijo: armas apontadas, empurrões, gritos, confusão. Paralisação e desespero, como se todos tomassem um choque elétrico.

O dr, Asdrúbal não conseguia decidir pela melhor palavra para o relatório. Ele pensou e pensou. Resolveu então consultar o dicionário: *surpreendente*, *inesperado*, *inopinado*, *extraordinário*, *inacreditável*, *imprevisível*...

— Esta! — decidiu. — *Imprevisível*.

Escreveu no relatório: *imprevisível*, e terminou a frase.

Hesitou por um segundo. *Imprevisível*? Não seria uma palavra forte demais a ponto de desmerecer todo o planejamento da Operação Resgate, comprometendo em consequência sua imagem perante o secretário de segurança? Pensou e pensou. Ia novamente abrir o dicionário, mas desistiu. "Que se dane!" Não encontraria palavra melhor.



Releu o final da frase: "... imprevisível para ambos os lados". Não era exagero. Imprevisível para o lado dos bandidos, pelo susto que tomaram com a invasão repentina, abrupta, da polícia, jamais esperada; tão de repente como o estouro de uma boiada, quando ele e os colegas entraram, armas em punho, correndo, gritando. E imprevisível também para eles, policiais, pelo que esperavam encontrar no esconderijo e o que realmente encontraram.

O dr. Asdrúbal pôs o ponto-final no relatório. Agora era encaminhar para o secretário e, claro, esperar pelas críticas, reclamações, broncas, o pior.

Decidira, enfim, por relatar a verdade, custasse o que custasse. De fato, encontrar o garoto no barraco fora totalmente imprevisível.

Se o secretário o questionasse sobre o fato, exigindo dele que reconhecesse a falha de planejamento da Operação Resgate, o perigo que todos tinham corrido de ser mortos, porque, simplesmente, não conseguira prever que o garoto pudesse estar no esconderijo, então o que responderia ao secretário? Como inventar uma justificativa se, realmente, o erro da operação estava nesse, nesse... *imprevisível?*

Justificar repetindo a versão contada pelo garoto, uma história totalmente improvável, sem pé nem cabeça, jamais!

Se ele mesmo não acreditava na história, o Secretário acreditaria? Nunca!

Melhor assim: relatar a verdade e arcar com as consequências.

Claro, viriam as críticas, reclamações, até afastamentos. Assumiria perante o secretário a culpa pelo disparo feito pelo chefe dos sequestradores. Se teve uma vítima, a culpa foi dele, pelo mau planejamento da operação.

Enfim, enquanto mentalmente ia experimentando desculpas para dar ao secretário, e acompanhava a impressão das páginas finais do relatório, o dr. Asdrúbal foi, aos poucos, se conformando com a situação.

"Que se dane o secretário!", resmungou consigo mesmo,

— Que se dane a imprensa! — deixou escapar, quando foi avisado de que o repórter de *O Diário de Ponte Alta* queria agendar uma entrevista.

21. Tudo é possível

— Acho normal que isso aconteça, dona Luci. Não sei se a senhora sabe, mas existe até um nome para isso. Chamam de síndrome pós-sequestro, estresse pós-traumático, ou coisa parecida.

Depois de ter dado a entrevista ao jornal e ido à padaria para tomar uma garrafa inteira de água gelada, mais para refrescar a cabeça do que matar a sede, assim que voltou para a sua mesa o delegado resolveu fazer o telefonema que vinha protelando há dias.

O assunto o incomodava, mas precisava saber como iam as coisas, até para amenizar o sentimento de culpa.

— Síndrome? — Luci espantou-se com a palavra.

— Sim. São sequelas que se manifestam em quem passa por uma situação-limite como a que ele passou. Que podem ir desde um simples sentimento de simpatia para com os sequestradores, pedindo para eles o perdão, a até mesmo traumas psicológicos graves, gravíssimos. Mas não acho que seja o caso. O garoto está apenas confuso.

— Ele jura que tudo que disse é verdade, dr, Asdrúbal.

— O que a senhora acha?

— Sei que, toda vez que ele conta a história, repete sempre do mesmo jeito, sempre com os mesmos detalhes.

— Dona Luci, isso não é nada que um bom psicólogo não possa tratar. Talvez, nem precise. Mas, se precisar, a própria Secretaria de Segurança Pública pode indicar um profissional especializado. Considere: seu filho está sob efeito do trauma. Com o tempo, ele vai se lembrar de tudo como realmente aconteceu.

— Deus o ouça, delegado.

— Aconselho a senhora a não forçar nada com o garoto. Tudo é muito recente. Não duvide dele. Deixe que descanse e vá aos poucos retomando sua vida normal. Voltar às aulas, estar com os amigos, divertir-se.

— Antes, dr. Asdrúbal, ele precisa engordar um pouquinho. Está muito magro e tem tido pesadelos horríveis. Mas o médico disse que num quadro geral Cláudio Renato está bem, graças a Deus.

— Só me diga uma coisa, dona Luci. Essa história do... *videogame*. Ele jogava muito *videogame*?

— Jogava.

— Viciado?

— Jogava bastante, delegado.

— Isso explica tudo, não?

O dr. Asdrúbal ia encerrar a ligação, mas não tinha feito a pergunta que precisava fazer, e ainda não conseguira. Uma pergunta que o incomodava e era o verdadeiro motivo do telefonema. Mesmo porque, dependendo da resposta, ele se sentiria mais ou menos aliviado.

— E como está seu Vito?

— Graças a Deus, está melhor. Deve voltar ao hospital na próxima semana. O médico quer ver como está o ferimento. A bala alojou-se no joelho esquerdo, no único lugar que poderia ter se alojado sem prejudicar os movimentos. A equipe do hospital disse que foi por milagre. Graças a Deus, um milagre. Um centímetro, e papai nunca mais dobraria a perna. Se Deus quiser, logo, logo ele estará andando novamente.

— A senhora disse graças a Deus... Mas, dona Luci, não se esqueça, é graças ao seu filho também, que se jogou sobre o avô, na hora H, fazendo o bandido errar o tiro.

— Ai, dr. Asdrúbal, eu não gosto nem de pensar...

* * *

Assim que terminou a conversa com o delegado, Luci lembrou o que seu irmão dissera, numa ligação internacional que avançara madrugada adentro. André dizia que tudo era possível. "Por que não? Tudo é possível, Luci." Para quem estudava Física Quântica como ele e pesquisava a existência de universos paralelos, o que o sobrinho lhe contara não era um absurdo. "Por que não? Tudo é possível, minha irmã." Por sua vez, o dr. Asdrúbal falara em trauma, na tal síndrome, para explicar a história contada por Cláudio Renato. E, pensando em quem tinha razão, Luci não se conteve e subiu novamente até o quarto.

Girou a maçaneta da porta bem devagar para não fazer barulho. Ambos continuavam dormindo. Luci foi até o filho e ajeitou melhor a coberta sobre ele. Depois ajeitou a do pai.

Existia felicidade mais completa do que essa que sentia agora?

Leandro chegou em seguida e abraçou Luci. Ficaram assim, abraçados, por um momento. Como é bom olhar o rosto de filho dormindo...

Ninguém, ela jurou para si, ninguém, nunca mais, conseguiria tirá-los de perto dela.

22. Almoço de domingo

A história mais estranha que seu Vito contou para provar a necessidade urgente de voltar a morar na chácara foi a do gavião.

Embora seu Lindson, o jardineiro, estivesse indo lá todos os dias para pôr comida para os cachorros e as galinhas e, terça sim, terça não, rastelasse as folhas e cuidasse do jardim e do viveiro, ele não saberia como lidar com o gavião, se aparecesse planando por lá.

Como contou seu Vito, tentando se justificar durante o almoço do domingo, a verdade era que a chácara se transformara numa enorme concentração de passarinhos. Havia os que viviam soltos e só comiam frutas dos comedouros; havia tico-ticos, rolinhas e chupins que comiam a quirera espalhada pelo chão; havia ainda os pássaros do viveiro: os periquitos— -australianos e os canários-belgas. Com toda essa comida farta, o gavião sempre rondava por perto, nas alturas, com seu voo inconfundível de asas abertas. Sempre na espreita, aguardando apenas o momento certo de dar o rasante. E, tão rápido quanto descia ao chão, tão logo subia aos céus, feito um foguete, levando em suas garras a presa ingênua, já desfalecida.

Uma tarde — contou seu Vito, e todos pararam de comer para ouvi-lo —, ele desceu sobre o viveiro e o destino fez que decepasse, justamente, a cabeça do azulão. O pássaro — explicou — ele ganhara de presente da esposa quando ainda moravam na cidade. Daquela vez — continuou contando — o gavião só não matou outros pássaros porque, ao ouvir um alvoroço de bater de asas e de pios desesperados, seu Vito correu para o quintal espantando-o a tempo.

Desse dia em diante, ele declarou guerra ao gavião.

Planejou, então, um jeito de atraí-lo para uma presa fácil, numa gaiola bem visível. Assim que descesse, iria emboscá-lo no galinheiro. Teve a paciência necessária para conseguir seu intento. Quando o afugentou para junto das galinhas e o gavião se viu sem saída, seu Vito, com um pano grosso, o deteve em suas mãos. Naquele momento, foi como se tivesse uma conversa de homem para homem com a ave: olhou bem dentro de seus olhos, olho no olho, e a jurou de morte caso retornasse com seus rasantes implacáveis.

A partir de então, ele e o gavião mantinham uma espécie de acordo tácito: enquanto seu Vito fosse visto por ali, o gavião sabia que, se tentasse atacar seus pássaros, corria perigo mortal. E foi assim que se instaurou uma paz duradoura na chácara, mas que deve ter durado, segundo seu Vito, até o dia do sequestro.

Mas nem a história do gavião, nem mesmo a mania de lavar periodicamente os troncos das goiabeiras para que se tornassem ainda mais vistosas do que eram, com a desculpa de que as árvores acabaram se acostumando a isso e sentiam a falta do banho, foram motivos suficientes para convencer a filha de que ele precisava voltar para a chácara.

Muito menos a comoveu ele ter contado a história do Chupisco, um cachorro chiuaua que corria solto pelo quintal, trazido por um amigo da cidade quando de uma visita à chácara. O cachorro se encantou tanto com o lugar que se recusou terminantemente a entrar no carro e a voltar para o apartamento onde morava. Foi um sufoco para colocá-lo no banco de trás. Enquanto voltavam, no meio do caminho, Chupisco deu um jeito e saltou do carro pela fresta do vidro, surpreendendo seu Vito, horas depois, com

seu olhar de foragido da cidade grande, a pedir compaixão.

Portanto, fosse qual fosse o argumento, nada era capaz de convencer a filha.

O desejo de Luci era que a chácara fosse vendida o mais rápido possível. Com o dinheiro, somado ao da casa onde moravam (que fora posta à venda), poderiam, então, comprar um apartamento com quartos suficientes para que vivessem todos juntos. Jamais aceitaria o pai morando na chácara novamente; para ela aquele se tornara um local perigoso, deserto, cheio de bandidos que metiam medo. Apesar de seu Vito se justificar com suas histórias, e repetir para quem quisesse ouvi-lo que os bandidos, esses sim, é que tinham de se mudar de lá, e não ele, nada a faria se demover de sua decisão.

Para Cláudio Renato, ter o avô por perto, mais ainda na cama ao lado da dele, era como se tivesse descoberto uma nova felicidade. Claro que ele também sofria, como a mãe, quando o avô insinuava que já estava na hora de voltar. Porém, o garoto sabia que bastava um pouquinho de boa vontade para compreender que, do jeito que o avô gostava de levar a vida, seria muito difícil viver numa cidade grande, ainda mais num apartamento.

— Seu Vito, me desculpe, mas, depois de tudo que aconteceu, não dá para acreditar que o senhor ainda queira morar na chácara — disse Leandro, depois de limpar os cantos da boca com o guardanapo.

— Eu não me conformo, pai. Não consigo acreditar numa coisa dessas. E não vou deixar de jeito nenhum — emendou Luci, olhando fixamente para seu Vito.

— Não vá, vô! Fica com a gente. Fica no meu quarto, Não está bom? — completou Cláudio Renato.

Todos haviam terminado o almoço.

Leandro encheu seu copo e o copo do sogro com o resto do vinho italiano, da marca preferida de seu Vito. Tanto para ele como para Luci, aquele era o momento ideal para pôr um basta definitivo nesse assunto da chácara. O fato de estarem juntos num domingo, reunidos em torno de uma mesa, reforçava o sentimento familiar com uma força tal, pensavam, que seria capaz de sensibilizar seu Vito.

— Pai, por favor, entenda. Veja o que nós passamos, o que o senhor e o seu neto passaram. Para que dar chance ao azar outra vez, pai?

— Luci, minha querida, procure entender... Eu gosto é da chácara. É onde moram os meus amigos.

— Seu Vito, me desculpe. Mas o senhor vive sozinho naquela chácara! Será que não está na hora de voltar para a cidade, conhecer pessoas diferentes e, quem sabe, até uma nova companhia? Por que não? Não é, Luci?

Seu Vito ficou em silêncio e tomou mais um gole do vinho.

— Que amigos, pai? Seja sincero: o senhor vive abandonado lá!

— Sim. Amigos, filha... — falou seu Vito, desviando os olhos do olhar firme e inquiridor de Luci. — Meus pássaros, meus cães, minhas árvores... Para falar a verdade, filha, não saberia viver sem a companhia deles. Viver sem as minhas árvores. Desde pequenas cuido delas com as próprias mãos. Cuidei de suas raízes, hoje cuido de seus troncos, de seus galhos, de suas folhas. Conheço todas pelo nome, como se fossem filhas, assim como você, Luci. Sei das várias gerações de passarinhos que nasceram e vivem na chácara. O lugar onde dormem, comem e constroem seus ninhos. Todos os dias eles me fazem companhia. E gostaria de estar perto deles quando morrer.

— Como o senhor é teimoso, pai!

— O senhor não tem medo de ficar lá sozinho, seu Vito, depois de tudo que aconteceu? —

indignou-se Leandro.

— Tenho medo desta cidade também — respondeu seu Vito.

Luci foi perdendo a paciência e disse algo um tanto impulsivamente, com raiva, orgulho, mesmo sabendo que poderia se arrepender depois:

— Pai, o senhor pode até voltar, mas uma coisa prometo: nunca mais, nem eu, nem o Leandro — e apontando para o filho —, nem o Cláudio Renato poremos os pés naquela chácara. A decisão é toda sua. Se não quiser ver nunca mais a sua família, então vá!

23. Operação Resgate

O DIÁRIO DE PONTE ALTA > FOLHA POLICIAL, DIA 22

Exclusivo!

Delegado conta tudo sobre o sequestro

A equipe de investigadores comandada pelo dr. Asdrúbal, delegado titular do 1º DP, através de uma operação considerada de alto risco pelo secretário de Segurança Regional de Polícia, conseguiu libertar do cativo Vito Henrique Cavalcante, viúvo, 75 anos, residente no loteamento Fazenda da Ilha, em Ponte Alta, e Cláudio Renato Cavalcante Marques, 13 anos, residente na capital, neto de V.H.C. Ambos estavam desaparecidos desde a madrugada do último dia 8.

As ações de busca começaram em seguida ao comunicado do desaparecimento, feito pelos pais do garoto. Avô e neto tinham a intenção de passar o dia num pesqueiro e, quando deixavam a chácara, na caminhonete, de propriedade de V.H.C., foram surpreendidos por três elementos encapuzados.

Capturados em pleno cativo, os delinquentes confessaram o crime e foram identificados pela polícia. São eles: Francisco Caetano de Barros, 24 anos, apontado como o chefe do grupo e mentor do sequestro; sua namorada, de 16 anos, e Aparecido Cardoso Matias da Silva, de 68 anos. Os três foram transferidos para a capital e encontram-se detidos nas dependências da Secretaria Regional de Polícia. Com eles foram apreendidos dois revólveres calibre 38, facas e munição.

A OPERAÇÃO DE RESGATE

O cativo, um barraco de madeira, foi localizado nas proximidades do bairro de Penteado, dias após o sequestro, numa ação rápida e eficiente dos investigadores. Segundo o delegado — em depoimento especial para nossa equipe de reportagem —, como a polícia não tinha pistas do paradeiro de C.R.C.M., uma vez que as evidências indicavam apenas a presença do avô sob o poder dos sequestradores, uma ordem de invasão poderia ser precipitada, pois, além de prejudicar as investigações, colocaria vidas em perigo.

A polícia vinha investigando algumas hipóteses sobre o desaparecimento do garoto. A principal suspeita era de que estivesse detido em local ignorado, numa negociação entre quadrilhas.

SURPRESA AO INVADIR O ESCONDERIJO

A ordem de invasão, porém, foi decretada na última quarta-feira, por volta das 17 horas, quando se ouviu o disparo de um tiro no interior do esconderijo, desencadeando a ação policial.

Segundo o delegado responsável pela Operação Resgate — em declarações prestadas com exclusividade para nossos repórteres —, ao adentrarem o cativo, os próprios policiais foram surpreendidos com o que encontraram. Em seu interior estavam os três sequestradores e a vítima V.H.C., conforme o previsto, mas a surpresa foi a presença de C.R.C.M. junto a eles, até então dado como desaparecido.

NETO AJUDA A SALVAR A VIDA DO AVÔ

Numa confissão fria às autoridades — conforme o relato do delegado a *O Diário de Ponte Alta* —, o chefe do grupo, E.C.B., afirmou ter a arma apontada para V.H.C. por ele não concordar em redigir um bilhete tratando das negociações do resgate. Segundo a confissão, como V.H.C. relutava em obedecer, houve o disparo e nesse exato momento o garoto entrou no barraco e se jogou sobre o avô, que, ainda assim, teve o joelho esquerdo atingido pelo projétil. Imediatamente a polícia invadiu o esconderijo a tempo de imobilizar os bandidos e impedir novos disparos.

A VERSÃO DO GAROTO

Embora *O Diário de Ponte Alta* tenha sido impedido de ouvir do próprio garoto a versão dos fatos, uma vez que os pais alegaram que o filho estava debilitado e com problemas de saúde, a reportagem teve acesso às declarações que prestou às autoridades, registradas no Boletim de Ocorrência nº 4.317.

Segundo C.R.C.M., ele não esteve perdido na mata como afirma o delegado. Ao contrário, estava determinado a encontrar o avô e, para isso, fez uso de seu *game* portátil — aparelho eletrônico que utiliza cartuchos recarregáveis com jogos de aventura.

De acordo com o depoimento do garoto — considerado confuso pelo delegado, porém totalmente justificável pelos médicos, dada a situação de pânico em que se encontrava —, a movimentação das teclas do aparelho e as consequentes sinalizações na tela contribuíram para que ele conseguisse se livrar dos sequestradores, para que optasse pelos melhores caminhos e, posteriormente, obtivesse a ajuda de entidades e até seres alados para localizar o esconderijo e se lançar sobre o avô, salvando-lhe a vida.

A VERSÃO DAS AUTORIDADES

Dr. Asdrúbal confirmou que o garoto encontra-se em estado de choque — decorrência normal, de acordo com a literatura médica, de quem vivencia situações de perigo iminente. Por isso, segundo o delegado, a versão contada por C.R.C.M. não condiz com a realidade dos fatos.

Para as autoridades, conforme consta no B. O., o garoto passou os dias perdido na mata, numa região de difícil acesso, na serra existente nas proximidades de Penteado. Possivelmente, vagando ao acaso, deparou com o barraco onde o avô se encontrava prisioneiro. Num ato de desespero e coragem, ele invadiu o esconderijo. Consta ainda no B. O., segundo o testemunho de V.H.C., avô do garoto, que, justamente no momento de maior tensão, quando o chefe do grupo tinha a arma apontada para sua cabeça e estava prestes a efetuar o disparo, o neto invadiu o barraco jogando-se sobre ele e desviando-o do tiro, que, assim, acabou por atingir seu joelho esquerdo.

DELEGADO RECONHECE FALHAS NA OPERAÇÃO RESGATE

Num desabafo à nossa reportagem, o dr. Asdrúbal não conseguiu disfarçar sua perplexidade diante do acontecido. Para ele, mais do que sorte, foi um verdadeiro milagre que vidas tenham sido salvas. Não existe, para o delegado, argumentos racionais que possam explicar um sincronismo tão preciso dos fatos. O que se deu foi uma sequência de acasos, conforme disse, que incluem a presença da polícia pronta para "estourar" o cativeiro e o súbito aparecimento do garoto, adentrando o esconderijo, no momento do disparo. "Aconteceu um verdadeiro milagre", fez questão de repetir o delegado.

Apesar das críticas feitas pelo secretário de Segurança Regional de Polícia à equipe que participou da Operação Resgate, por colocar em perigo a vida dos envolvidos no sequestro, as demais autoridades

da Corporação — ouvidas por nossos repórteres, mas que preferiram não se identificar — consideraram bem-sucedida a operação sob a responsabilidade do dr. Asdrúbal.

Questionado por *O Diário de Ponte Alta* sobre as críticas feitas pelo secretário, no que toca ao planejamento da operação, o dr. Asdrúbal limitou-se a concordar com o secretário. Segundo ele, o atraso na ordem para os policiais "estourarem" o cativeiro e a não detecção do momento exato em que C.R.C.M. invadiu o esconderijo são falhas de conduta pelas quais se julga inteiramente responsável. O delegado demonstrou sinceridade ao alegar que se distraiu quando tentava identificar sons que considerava estranhos e que vinham de uma árvore. A desconcentração momentânea, segundo ele, possibilitou que os fatos ocorressem.

"Por outro lado", ponderou o dr. Asdrúbal, levantando uma importante questão ao término de nossa entrevista, "caso houvesse impedido a entrada de C.R.C.M. no cativeiro, o desfecho do sequestro de Penteado não poderia ter sido pior?".

As conclusões ficam para os leitores de *O Diário de Ponte Alta*.

24. Prótons e elétrons

Quando acabaram as férias e Cláudio Renato já havia voltado às aulas, o avô ligava da chácara para ele, sempre nas noites de sexta-feira, um tanto saudoso, perguntando como iam os estudos e evitando tocar no assunto de se verem. Muito embora ele sentisse saudade do avô e saudade, inclusive, da chácara — como nunca sentira antes —, as circunstâncias familiares impostas pelos pais não permitiam que estivessem juntos.

Sua mãe sofria, é claro, com o distanciamento forçado. O avô também sofria. Mas, para ambos, tornara-se uma questão de honra não ceder, cada qual muito orgulhoso e magoado, e muito certo de seus motivos.

— Vô, e o joelho, como está?

— Melhor, Renato, bem melhor, graças a Deus. Ainda dói um pouco quando fico muito tempo em pé, como ontem, que cismeí de ajudar seu Lindson a cortar a grama. Mas... eu liguei para saber de você. Como vão as coisas, companheiro? Me diga: e a escola, foi bem nas provas? E o *game*? Tem jogado muito?

— Não, vô.

Do outro lado da linha, sem conseguir disfarçar a saudade, o avô disse:

— Sabe, Renato, toda vez que entro no quartinho dos fundos, lembro-me de você, sentado no chão, entretido com seus jogos...



Se antes, só de ele ter o *game* nas mãos, todos iam contra, reclamando, insinuando que perdia tempo, que estava se viciando, que deveria estar fazendo algo mais importante na vida do que ficar apertando teclas, hoje o avô e até mesmo os pais pareciam ter deixado a implicância de lado. Tanto que, em alguns momentos, davam a impressão de que gostariam de vê-lo jogando, os olhos grudados na tela da TV. Justo agora que ele já não sentia mais nenhuma vontade de jogar, não sentia vontade sequer de pegar

o *game* na estante.

O mais triste é que tinha certeza de que ninguém havia acreditado nele, na história que contara sobre o *game* portátil. Nem seu pai nem sua mãe acreditaram, muito menos a polícia, por mais que jurasse e repetisse mil vezes tudo como realmente havia acontecido, sem omitir nada.

Nem mesmo Raul, o melhor amigo da escola e companhia frequente para os jogos — o único colega a quem resolveu contar tudo, nos mínimos detalhes. Enquanto contava a história, reparava que Raul fazia a cara mais fingida do mundo de que acreditava nele.

A incredulidade foi total, com exceção do avô e, em parte, do tio André. Tio André, num longo *e-mail* que lhe enviara, tentou explicar a ele uma teoria cada vez mais aceita da Física Quântica: a probabilidade de os elétrons, partículas que constituem os átomos, estarem em outra dimensão quando não são cientificamente observados circundando os átomos das coisas presentes na dimensão em que nos encontramos, a que chamamos de vida real. Embora as explicações de tio André fossem um tanto confusas para Cláudio Renato, despertaram grande curiosidade nele, a ponto de se interessar pelo assunto e querer saber mais a respeito, pois julgava instigante compreender aquelas ideias. Havia interesse também porque Cláudio Renato começava a questionar a si mesmo se, realmente, tudo aquilo acontecera ou, como o médico afirmara, era a mais pura imaginação.

— Não, vô, eu não tenho jogado. Agora uso mais o computador. Estou fazendo umas pesquisas sobre átomos na internet e tenho trocado e-mails com o tio André sobre isso. Por falar em pesquisa, vô, lembrei-me da história que o senhor contou sobre o gavião. Achei umas coisas legais sobre eles e imprimi um montão de páginas que vou levar... Não, não... que vou enviar pelo correio para o senhor ler.

* * *

Naquela noite de sexta-feira, assim que terminou a conversa com o avô e pôs o fone no gancho, Cláudio Renato foi até a estante. Olhou demoradamente para o seu *game* portátil.

Lá estava ele dentro da própria caixa, bem em cima do livro sobre o samurai.

Na verdade, o *game* deixara de ser um objeto para Cláudio Renato. Deixara de ser um jogo. Era como se perdesse sua utilidade prática para se transformar numa espécie de símbolo.

Desde o dia em que voltara para casa, depois que a polícia deu por encerrado o caso do sequestro, não tocara mais nele. A última vez foi nesse mesmo dia, em seu quarto. Lembrou que chorava muito, sem saber se era de alegria por estarem salvos ou de tristeza por tudo que acontecera. Ainda com lágrimas nos olhos, o *game* nas mãos, estranhou o jogo não ter sido zerado, uma vez que tudo terminara. Cláudio Renato retirou as pilhas do compartimento, envolveu o *game* com o plástico-bolha e o colocou cuidadosamente na caixa, como se estivesse se despedindo dele para sempre.

Então, era como se o *game* passasse a viver ao seu lado, não mais como um jogo, mas como um companheiro. Um amigo, por quem mantinha uma vigilância amorosa. Um talismã, que guardava um significado secreto só decifrável por ele próprio.

Talvez tenha sido o telefonema do avô naquela noite, ou outra razão inexplicável vinda bem de dentro do coração, que fez que tivesse vontade de tirá-lo da caixa, não para jogar, mas apenas para contemplá-lo.

Cláudio Renato recolocou as pilhas e acionou o botão *on*. Quantas vezes ouvira aqueles sons da máquina se armando, quantas vezes? *Start, Select...* Pronto! Lá estava a tela pulsando colorida,

convidativa. Acima, no canto esquerdo, ainda o registro salvo do último movimento:

FASE	PONTOS
6 / 7	6 . 800

Antes de dormir, Cláudio Renato lançou um olhar triste para a cama ao lado. A cama vazia que seu avô ocupara enquanto se recuperava do ferimento no joelho.

Demorou para pegar no sono, e teve o pesadelo. Sempre ao acordar, tinha a sensação de que ele se repetira uma vez mais, com todos os acontecimentos medonhos que tinham envolvido o sequestro.

25. Sonhos e pesadelos

Aqui, agora. Aqui, agora."

O pássaro voou alto, subindo em direção ao céu. Quando desceu, um segundo depois, indo pousar na árvore baixa, próxima de um barraco, Cláudio Renato compreendeu tudo.

Mesmo de longe reconheceu a voz do avô, quase gritando, desesperado:

— Não me importo. Pode atirar. Atire logo! Não vou escrever nada...

O que Cláudio Renato fez em seguida — por mais que tentasse se explicar depois — nem ele pôde compreender inteiramente.

Pelo que se lembrava, sua última decisão — porque, a partir daquele instante, foi como se obedecesse sabe-se lá a que desígnios mágicos — foi apertar as teclas do seu *game*, quase todas ao mesmo tempo.

Havia decidido usar os controles só em caso de extrema necessidade, mas algo superior às suas forças fez que, ao ouvir a voz do avô, acionasse as teclas por instinto, mais como um reflexo, na maior velocidade possível: a de cima e a de baixo, a da esquerda e a da direita. *A, B, L, R*.

E o que aconteceu — e teve de repetir, contando sempre a mesma história, e todos apenas fingindo que acreditavam — foi algo tão inusitado que até ele, com o tempo, passou a duvidar do ocorrido.

Porém, ele se recorda de tudo muito bem. Jamais irá esquecer na vida.

Seguia o pássaro desde a casa quando parou para vê-lo subir ao céu cantando e descer depois, como uma flecha, em direção à árvore baixa, já deixando de ser pássaro. O topete se transformando num penacho, a cauda ficando longa, prateada. Sim! Era a ave gigantesca que havia visto antes. Ao lado dela, também surgindo do nada, o cão, o mesmo cão!

E tudo aconteceu junto: viu o barraco, ouviu a voz do avô, apertou as teclas por instinto e já não sabia mais se ele era a ave, o cão, ou os dois ao mesmo tempo, porque só se recorda de ter chegado ao barraco tão rapidamente como se tivesse voado. E de ter trombado na porta, escancarando-a, com a força de um cão enorme. E com mais força e agilidade ainda, com uma rapidez sobre-humana, de ter saltado sobre o avô enquanto ouvia o estampido de um tiro.

A polícia, em seguida, invadindo o barraco — gritos, correria, ordens, armas apontadas, pânico, confusão — e prendendo a todos.

Foi então como se o tempo, lentamente, tivesse recuperado seu ritmo natural. O mundo voltando a ser o que era. A dor e o sangue na perna do avô. Dor e sangue nele, como se também tivesse sido atingido. E a história, aos poucos, perdendo a magia.

* * *

Talvez tenha sido o pesadelo naquela noite. Ou ter dormido com o *game* sobre a mesa de cabeceira entre as camas, onde também estavam as folhas impressas com a pesquisa sobre gaviões. Ou ainda outro

motivo maior que escapava à sua compreensão que fez que, ao abrir os olhos, na manhã seguinte ao telefonema do avô, Cláudio Renato desejasse muito ir até a chácara, mesmo sabendo que estava proibido de fazer isso.



Entregaria a pesquisa, leriam juntos. Contaria ao avô sobre a teoria dos átomos. Matariam a saudade.

Sentia tanta saudade! Mas o que fazer se não podia ir até lá e, muito menos, se não queria desobedecer a seus pais, as pessoas que mais amava no mundo?

Lembrou-se então do pesadelo. E das outras noites em que tivera o mesmo pesadelo. Os pensamentos girando, ouvindo gritos medonhos, o bebê chorando, o salto das alturas do avião, a agonia de ser esmagado contra as paredes, os bandidos, a polícia, o tiro. A dor e o sangue na perna do avô, sentindo-se como se também tivesse sido atingido.

A primeira vez que teve o pesadelo, acordou em pânico, suando, desesperado. O avô dormia em seu quarto. Quando deu por si, ele estava em sua cama, abraçando-o, acariciando seus cabelos, pedindo calma — "calma, filho, calma..." —, dizendo que tudo não passava de um sonho.

— Não, vô. Não foi sonho. Vi outra vez como aconteceu. Tudo como aconteceu... Não quero ver

mais, vô. Não quero ver nunca mais...

O avô acalmando-o, abraçado a ele; os dois chorando juntos, e ele repetindo:

— Vai passar, filho. Com o tempo, tudo passa.

Mas, apesar do tempo, o pesadelo não passava. O avô voltara a morar na chácara, ele voltara a frequentar as aulas e, vez ou outra, o pesadelo ressurgia. O horrível pesadelo. Porém, agora, não tinha mais o avô ao lado dele.

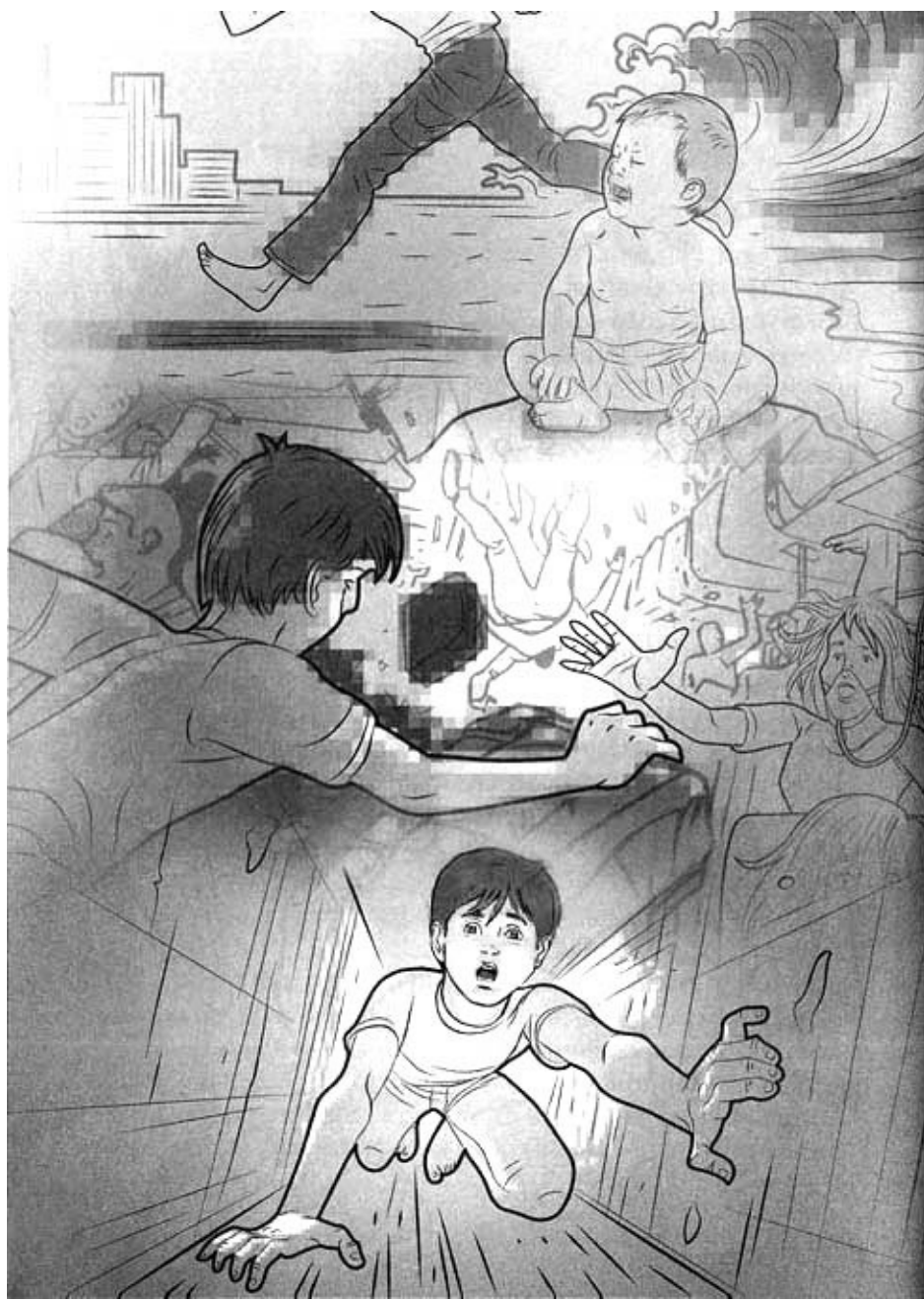
* * *

Pai e mãe,

Me desculpem. For favor, tentem compreender o que estou fazendo. Não quero que vocês fiquem tristes e muito menos preocupados, mas também não precisam me perdoar porque sei que estou desobedecendo vocês. Preciso ver o vovô. Decidi isso hoje, assim que acordei, depois que tive aquele sonho novamente. Preciso ver como ele está. Para mim, agora, isso é mais importante do que tudo.

Um beijo. Amo muito vocês.

Cláudio Renato



26. Por onde ir?

Leandro encontrou o bilhete sob o *mouse*. E não sabia se ficava feliz ou se chorava!

— Santa Filomena! — gritou lá de cima da escada, o bilhete nas mãos, lendo pela segunda vez. Não tinha dúvida: a santa o fizera se aproximar da escrivaninha do computador e puxar para fora a parte móvel que sustenta o teclado e o *mouse*.

Luci subiu a escada na maior correria. Os olhos vermelhos de chorar. Arrancou o bilhete das mãos de Leandro e leu, soluçando, acariciando com o dedo as letras que o filho escrevera. O marido, rápido, foi até o telefone:

— Dr. Asdrúbal, é o Leandro. Graças a Deus, dr. Asdrúbal, graças a Deus! Já sabemos onde ele está. Está indo para a chácara do meu sogro. Encontramos um bilhete...

O delegado, do outro lado da linha, soltou um palavrão, comemorando. Disse que iria mobilizar a polícia e recomendou que eles tivessem calma, que tudo iria terminar bem. Agora era questão de tempo localizá-lo.

Em seguida, Luci já falava com o pai, ao telefone.

— Filha, é melhor eu ficar aqui, então, para, quando o Renato chegar, me encontrar na chácara.

— Ah, papai... Por que foi acontecer isso? A culpa é minha.

— E minha também, me perdoe. Depois trataremos disso. Mas ele vai chegar. Ele logo vai chegar, tenho certeza. A que horas será que o Renato saiu de casa?

Leandro, depois, ligou para a escola, para Raul, para a vizinha, para a empregada, para o escritório dele e de Luci, inclusive para André, nos Estados Unidos, avisando a todos do bilhete encontrado.

Sem que soubessem direito o que fazer, correram para a garagem e entraram no carro.

Hesitaram um pouco. Quem sabe, poderiam encontrá-lo pelo caminho?

Decidiram seguir para a chácara. Mas, por onde?, os dois se perguntaram, olhando-se nos olhos. Seria melhor o caminho do ônibus? Ele pegaria um ônibus? Ou o metrô? Como chegaria até a rodoviária? Venderiam passagem a um menor? Teria dinheiro? Será que pediu carona?

— Para que lado, agora? — Leandro parou o carro e perguntou para Luci. O desespero já começava a tomar conta do casal. — Calma, Luci. Vamos ficar calmos. Não vamos brigar um com o outro — falou Leandro, sentindo a irritação crescer depois de completarem várias voltas em torno dos quarteirões, próximos de casa.

— A culpa é minha — disse Luci, chorando. — Por que fui discutir com o papai?

— A culpa é de seu pai, por ser teimoso, por querer morar na chácara, por não ter vindo visitar a gente! — rebateu Leandro.

Ficaram em silêncio, olhando para todos os lados.

Mas, para qualquer lugar que olhassem, tinham a impressão de que Cláudio Renato jamais passaria por ali.

Viraram uma esquina, seguiram até o final da avenida. Foram até a estação do metrô. Não sabiam se desciam, se iam até a bilheteria ou se aquilo era uma total perda de tempo. Depois, entraram na primeira rua, à esquerda.

Só se ouvia o soluço sentido de Luci. Leandro, na direção, tentava se controlar.

E assim, rodando em círculos, correndo mas avançando pouco, tomaram a rodovia que levava em direção à chácara.

Quando notaram, estavam ambos rezando, em voz alta, as mesmas orações e preces que faziam enquanto o filho esteve desaparecido no episódio do sequestro.

27. *Game over*

Blém, blém, blém...

Seu Vito ouviu o sino do portão.

Já havia planejado o que faria nesse instante.

Respirou fundo. Fechou os olhos e fez o sinal da cruz, em agradecimento. Fingiria que não estava sabendo de nada. Antes de atender, ligou para o celular de Leandro e com duas palavras deu a boa notícia.

Aqueles segundos de espera no portão pareciam intermináveis para Cláudio Renato. Os cães latindo no canil. Chupisco, assim que ouviu o sino, veio em disparada e começou a fazer festa, dando voltas em torno do rabo, correndo de um lado para o outro pelo jardim, como se compreendesse tudo, extravasando alegria.

O que adiantaria explicar, se o avô perguntasse, como chegara até a chácara?

Diria apenas o que parecesse normal. Por exemplo, que por sorte conseguira uma carona num caminhão que passava na avenida perto de casa e o caminhão o havia deixado na rodovia, bem no cruzamento com a estrada de terra que dava acesso à chácara do avô. Ou que pegara um ônibus na rodoviária e descera na beira da estrada de terra. De lá até a chácara viera a pé, correndo de vez em quando; depois, o motorista de um carro velho, caindo aos pedaços, com crianças no banco de trás, oferecera carona. Se quisessem acreditar, que acreditassem. Se perguntassem como arrumara o dinheiro para a passagem, diria que tinha vendido alguns CDs antigos para o seu colega Raul. Se não acreditassem, pouco se importava. Porque não iria perder tempo explicando como realmente chegara até a chácara.

Enquanto pensava no que dizer, tirou de dentro do envelope que continha as folhas impressas a pequena caixa com seu *game*. Olhou de relance para a tela, mas já sabendo o que iria encontrar. Nem precisava conferir. O jogo, agora sim, terminara! Exatamente, supôs, no momento em que tocara o sino: blém, blém, blém! Estava lá, visível! O mostrador piscando: as fases zeradas no número 7!

Mas esse era um segredo só seu, e de mais ninguém.

* * *

Renato viu de longe quando a porta da varanda se abriu.

Lá vinha ele, sorrindo. O sorriso alargando ainda mais o bigode branco.

O avô caminhava o mais rápido que conseguia, a perna esquerda levemente pendendo para o lado. Os olhos, cheios d'água.

Cláudio Renato gritava, mostrando as folhas sobre os gaviões, sentindo também uma lágrima escorrer em seu rosto:

— Trouxe para o senhor, vô! Vim aqui só para trazer...

Quando o avô abriu o portão, antes do abraço, olharam-se nos olhos profundamente.

— E este aqui, vô, é um presente!

Caminharam para a casa abraçados, as mãos nos ombros, as cabeças encostadas uma na outra.

28. Flores da quaresmeira

Muito tempo depois, quando Cláudio Renato já não se interessava tanto por jogos eletrônicos e já se preparava para prestar o vestibular para a faculdade de Física, sempre que podia ia passar o fim de semana na chácara. Então, gostava de ajudar o avô, que já se cansava facilmente.

Cabia a ele a tarefa de cuidar dos pássaros, distribuindo a comida nos comedouros, molhar os troncos das árvores, rastelar as folhas, cuidar das plantas e até cortar a grama, quando preciso.

À noite, depois do banho e de um jantar gostoso sempre preparado pelo avô com coisas colhidas da horta, ambos sentavam-se na sala para assistirem a um filme.

Vez ou outra, Cláudio Renato se esquecia da imagem na tela e olhava logo acima da TV. Lá estava o *game* portátil, sobre a estante, em destaque. No lugar mais nobre da casa.

As visitas, quando entravam na sala e perguntavam para o dono da chácara, admiradas, se ele, com sua idade, gostava de jogar aquele jogo, seu Vito, por um momento, olhava para a estante. Abria um sorriso de avô e dizia, com muito orgulho, que o *game* era um presente especial que ganhara do neto. O melhor presente da sua vida.



FIM

Almanaque Vaga-Lume

O mestre dos games falou de situações reais, presentes na vida de todos nós.

Descreveu, também, episódios fantásticos que fizeram os personagens e os próprios leitores questionarem se realmente aconteceram. Depois de acompanhar as aventuras de um garoto para salvar seu avô, agora você vai ler assuntos relacionados à narrativa.

No **Almanaque Vaga-Lume**, além de curiosidades, você encontrará informações importantes sobre os *videogames*. E também vai ficar sabendo o que pensa a ciência sobre alguns mistérios que cercam a humanidade.

De controle na mão

Geração mais inteligente

Alguns pesquisadores declaram que crianças que jogam *videogame* têm inteligência; superior à das que não jogam.

De acordo com eles, os *games* ensinam a usar métodos científicos – como descobrir regras, trabalhar com hipóteses e encontrar soluções – e a relacionar os fatos em vez de pensar neles de forma isolada. Afirmam também que a prática do *game* aciona e aperfeiçoa a memória pela necessidade de o jogador decorar manobras, truques e senhas. Defendem ainda que, principalmente os games de ação, colaboram para um raciocínio cada vez mais ágil, ativando e exercitando muitas área do cérebro.

Pode fazer mal e pode fazer bem

Jovens e crianças passam cada vez mais tempo envolvidos com *videogames*.

Os pais se preocupam com o excesso de tempo que os filhos gastam entretidos nessa atividade. O maior medo é que fiquem viciados ou se prejudiquem pelo sedentarismo demasiado. Por outro lado, não é difícil entender essa entrega: com o controle nas mãos, o jogador comanda destinos, controla quase tudo que acontece.

Alguns estudiosos afirmam que os jogos eletrônicos são capazes de influenciar o comportamento de crianças e adolescentes. Principalmente os jogos violentos, que poderiam estimular a agressividade porque banalizam a violência e a brutalidade.

Outra má notícia é que os *games* podem viciar sim! Tanto é que, em vários países, existem até clínicas especializadas no tratamento desse tipo de vício. Para alguns médicos, muitos desses jovens que se viciam usam os jogos para fugir da realidade.

Então, *videogame* não presta, certo? Não é bem assim.

Esses jogos estimulam o desenvolvimento da percepção visual e da coordenação motora, ensinam a pensar logicamente, desenvolvem a memória e a capacidade de deduzir e de tomar decisões rápidas... desde que usados na dose certa.

É... o problema está no excesso. E, cá pra nós, a vida não pode ser só o *videogame*, não é mesmo?

Geração mais sedentária

Videogame faz mal para a saúde. Você já ouviu isso? Na verdade, o que faz mal é passar um exagero de tempo, sentado, parado, só movimentando as mãos no controle e os olhos na tela. O ser humano precisa se mexer, praticar atividades físicas para ser saudável. Acontece que, cada vez mais, crianças e adolescentes deixam de fazer exercícios para só jogar os *games* eletrônicos. Isso colabora para o aumento da obesidade. Fique esperto! Jogar *videogame* até faz bem, mas você também precisa jogar uma bola, dar umas raquetadas no pingue-pongue, nadar, correr, andar de bicicleta... E tudo isso no mundo real, combinado?

Jogar no lixo não é uma boa

Os *videogames* evoluem e os jogadores sempre sonham com o modelo novo. No entanto, um console jogado fora vira lixo eletrônico, um tipo de resíduo muito prejudicial ao meio ambiente.

De acordo com estudos feitos pelo Ibope, em 2005 havia 11,5 milhões de consoles no Brasil, dos quais 5,8 milhões eram antigos.

Já pensou se eles parassem no lixo? Nada bom. O correto é tentar aumentar a vida útil do *videogame* antigo usando o por mais tempo. Você também pode dá-lo a alguém ou doá-lo para alguma instituição. Quem o ganhar vai agradecer muito e o meio ambiente também.

Era uma vez... o videogame

Cláudio Renato tem um *videogame* de última geração e também não se separa do seu *game* portátil. Nos dias de hoje, as novidades seguem um ritmo alucinante, e novos consoles, cada vez mais interessantes, aparecem no mercado, despertando o desejo dos jogadores.

Você consegue imaginar o mundo sem o *videogame*? É, parece difícil... mas esse tempo existiu.

A ideia é até antiga: em 1949, o engenheiro alemão Ralph Baer, hoje conhecido como o pai dos consoles de videogame, teve a ideia de uma TV interativa que contivesse jogos eletrônicos, mas não deu certo.

Na década de 1970, o mesmo engenheiro criou um jogo para ser conectado à TV. Em parceria com um amigo, fez surgir o primeiro *game*, o Pong, um jogo muito simples se comparado a qualquer um dos dias de hoje. Simulava uma

Partida de pingue-pongue usando graficamente uma bolinha luminosa e dois traços, que representavam as raquetes.

A partir de então muitos outros jogos foram surgindo, cada vez mais evoluídos, consolidando o *videogame* como uma das diversões prediletas da garotada.

Um clássico na rede

Jogos coloridos e com animações 3-D que quase parecem reais. Esse é o visual dos jogos de hoje, completamente diferentes dos primeiros *games*. Eles não eram coloridos, e as imagens eram muito simples, meio que quadradinhas. Depois a cor chegou, mas os gráficos continuaram bidimensionais (achatados) e com mais linhas retas que curvas. Na internet é possível conhecer e, claro, jogar esses antigos *games*. Talvez seus pais conheçam alguns. Vale a pena chamá-los para uma partida.

Tudo que forma o universo

Você já deve ter estudado que quase tudo na natureza é formado por átomos, e que os átomos, apesar de invisíveis a olho nu, são formados por partículas ainda menores, os prótons, nêutrons e elétrons, certo?

Mas será que essas minúsculas partículas são formadas por outras ainda menores?

A Física Quântica afirma que tudo que existe, seja matéria, energia ou a gravidade é formado por partículas “menores que minúsculas” e que existem cinco tipos delas no universo.

Será que algum dia vão descobrir outras partículas ainda menores que formam essas cinco?

Existem outros mundos?

A experiência que Cláudio Renato viveu foi perturbadora. Aconteceu realmente ou foi tudo imaginado? Só seu avô acreditou nele. Já seus pais, a polícia e até o amigo Raul acharam a história o maior absurdo. Para o tio André, a ciência considera, sim, a possibilidade de existirem outras dimensões.

Outras dimensões, com universos paralelos ao nosso... Não é estranho pensar nisso?

Quem começou a pesquisar esse tema foi o físico alemão Albert Einstein, que tentou relacionar eletromagnética e gravidade numa só teoria. Ele não conseguiu, mas um outro cientista propôs que seria possível essa relação se considerássemos um universo com quatro dimensões espaciais.

Isso é bem estranho, porque tudo que conhecemos no universo é baseado em três dimensões espaciais: esquerda/direita; para cima/para baixo; para frente/para trás.

Qual seria essa quarta dimensão? Uma direção a mais, desconhecida por nós.

Segundo essa teoria, se a gente conseguisse andar nessa quarta dimensão, poderíamos chegar a qualquer ponto do mundo por atalhos. Já imaginou?

Do Brasil à Lua em instantes...

E como a gente não vê essa outra dimensão? Oskar Klein, um físico sueco, sugeriu que essa quarta dimensão estaria escondida, enrolada em si mesma, de forma microscópica. Esses estudos científicos parecem até mais doidos do que tudo o que aconteceu com o Cláudio Renato, não é mesmo?

Que ciência é essa?

Tudo que foi apresentado nesse texto e abordado na Física Quântica, a ciência que estuda os componentes da matéria e o comportamento o movimento deles. Seu objeto de estudo é tão pequeno que nossas medidas do tempo, espaço e velocidade não conseguem medir com precisão os fenômenos estudados por ela. Deve ser mesmo uma ciência muito interessante. Tanto que tio André entrou na faculdade para estudá-la e Cláudio Renato está se preparando para fazer o mesmo.

Eu já vivi isso antes!

No capítulo 17, Cláudio Renato tem a sensação de já ter vivido a mesma experiência, sente que aquilo já aconteceu antes. A isso chamamos de *déjà-vu*, que em francês significa “já visto”. Dezenas de teorias tentam explicar como e por que isso ocorre, mas nenhuma é 100% aceita. Acredita-se que o *déjà-vu* pode ter relação com distúrbios mentais, momentos de tensão e estresse ou sonhos que antecipam o que vai acontecer.

Vida de todo ser

Seu Vito acredita que todo ser se comunica e entende o que a gente diz e faz, seja ele um animal ou

uma planta. Por isso mesmo seu Vito cuida de todos os seres vivos que compartilham seu quintal, e tem o maior respeito por eles.

Você vai dizer: Ah! Que ideia mais simplória...

Será mesmo?

Se a gente adotar a linha de raciocínio da Física Quântica, vamos chegar à conclusão de que somos formados pelo mesmo tipo de partícula que um animal, uma planta e até uma pedra.

Isso pode parecer maluquice, mas dá para ser usado de um jeito bem bacana: sem conhecer Física Quântica, mas acreditando que de alguma forma todos são iguais, seu Vito considera todos os seres vivos como seus amigos, cerca-os de cuidados e carinho. Ele faz de seu quintal uma área de respeito e proteção à vida.

Um exercício muito interessante para vivermos em harmonia com o meio ambiente, não é mesmo? Que tal a gente seguir essa ideia simplória de seu Vito?

Diálogo com animais. É possível?

Quando o gavião decepou a cabeça do passarinho de estimação de seu Vito, ele disse que teve uma conversa de homem para homem com o malvado e a ave entendeu perfeitamente o seu recado.

Mas será que os animais são capazes de entender o que falamos e de se comunicar?

Uma cadela brasileira chamada Sofia foi presenteada com um painel que contém oito teclas que emitem sons como “quero água”, “quero passear”, “quero carinho”... Ela aprendeu o significado de cada tecla e é capaz de expressar os seus desejos. É de fazer a gente pensar, não é?

Fontes de pesquisa:

Sites: www.akatu.com.br

www.psicopedagogia.com.br

www.fisica.net/

www.cfh.ufsc.br

Jornal *O Estado de S. Paulo*

Revista *Veja* e *Superinteressante*

Livro *O ponto de mutação*, Fritof Capra, Editora Cultrix

Afonso Machado

"Era assim. Sábado bem cedinho e a gente já estava com os times escolhidos. Bola com Bidefa, que toca pra Bombeiro, que passa pra Buião... Aos vencedores, tínhamos que pagar tubaína e pão com molho, no bar de seu Antônio. Jogávamos até a noitinha, até a hora em que ninguém mais enxergava a bola. Depois, muitos iam para casa assistir televisão e alguns liam livros. Eu era um desses, sempre gostei dos livros.

Hoje, o que se diz é que poucos passam um sábado jogando futebol ou se divertindo em turma e muitos ficam sozinhos na frente de um computador ou de um *videogame*. Acho que as coisas mudaram sim, mas sempre existirão aqueles que, independentemente de uma coisa ou outra, continuarão gostando de ler. Para esses escrevi *O mestre dos games*. A história foi inspirada no que aconteceu com um amigo, que é vizinho, e é avô. O livro trata, sobretudo, da relação avô e neto e da interação fantástica desse neto com o seu *videogame*.

Um fato sempre me intrigou desde aqueles tempos de garoto. Lembro-me que saía cedo para jogar bola e via meu avô na varanda de casa. Voltava para o almoço já com a certeza de que o encontraria lá. Como conseguia ficar tantas horas sozinho, na varanda, simplesmente olhando a vida? Essa é uma daquelas perguntas, creio, que a literatura pode ajudar a responder. Por isso, também escrevo livros. Talvez um avô moderno e morador de cidade grande fique menos tempo numa varanda do que diante de uma TV, de um computador, ou até de um *videogame*. Na verdade, isso não importa, porque acredito que sempre será mágica a relação entre avô e neto. O que gostaria de saber responder é se, quando for avô um dia, eu serei capaz de fazer como ele: me deixar ficar numa varanda, sozinho, por horas, simplesmente olhando a vida, e mesmo que não consiga, se serei tão legal quanto ele foi para o seu neto.

Nasci em Minas, mudei para o Rio e logo depois para São Paulo, onde passei parte da infância e a adolescência jogando bola nos campinhos, estudando e lendo. Hoje, sou publicitário e escritor.

O mestre dos *games* é meu primeiro livro juvenil."